

**ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS OU DISTRITOS INDUSTRIAIS?
UM ESTUDO ACERCA DA CARACTERIZAÇÃO DA INDÚSTRIA
TÊXTIL DO SETOR DE CONFECÇÕES NO MUNICÍPIO DE
ITAPERUNA — RJ**

DANIELLE ALVES FORTUNA PUSSIARELI

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE - UENF

CAMPOS DOS GOYTACAZES - RJ

JUNHO - 2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS OU DISTRITOS INDUSTRIAIS?
UM ESTUDO ACERCA DA CARACTERIZAÇÃO DA INDÚSTRIA
TÊXTIL DO SETOR DE CONFECÇÕES NO MUNICÍPIO DE
ITAPERUNA — RJ**

DANIELLE ALVES FORTUNA PUSSIARELI

Dissertação apresentada ao Centro de Ciências e Tecnologia, da Universidade Estadual do Norte Fluminense, como parte das exigências para obtenção de título de Mestre em Engenharia de Produção.

Orientador: Prof. Luís Antônio Cardoso da Silva

CAMPOS DOS GOYTACAZES — RJ

JUNHO – 2007

**ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS OU DISTRITOS INDUSTRIAIS?
UM ESTUDO ACERCA DA CARACTERIZAÇÃO DA INDÚSTRIA
TÊXTIL DO SETOR DE CONFECÇÕES NO MUNICÍPIO DE
ITAPERUNA — RJ**

DANIELLE ALVES FORTUNA PUSSIARELI

Dissertação apresentada ao Centro de Ciências e Tecnologia, da Universidade Estadual do Norte Fluminense, como parte das exigências para obtenção de título de Mestre em Engenharia de Produção.

Aprovada em 27 de junho de 2007

Comissão Examinadora:

Prof.
Luís Henrique Valdiviezo (Doutor, Eng. Produção) – UENF

Prof. André Laino (Doutor, História) – UENF

Prof. Romeu e Silva Netto (Doutor, Eng. Produção) – CEFET

Prof. Luís Antônio Cardoso (Doutor, Eng. Produção) – UENF
Orientador

DEDICATÓRIA

Ao meu pai, Ivo; à minha mãe Dinalva; ao meu marido, Neto; à minha irmã Danúbia.

AGRADECIMENTOS

A conclusão e a realização deste estudo não seriam possíveis sem o grande apoio e contribuição que obtive de pessoas essenciais em minha vida, as quais gostaria de expressar meus agradecimentos:

A Deus, que ao meu lado esteve em todos os momentos desta jornada. Sua presença foi o alicerce nos períodos de grande dificuldade;

À minha mãe, que sempre esteve ao meu lado, e com palavras sábias motivou minha caminhada de estudos;

Ao meu pai, que me deu a base para alcançar meus objetivos;

À minha irmã Danúbia, que sempre se alegrou com minhas conquistas;

Ao Neto, um companheiro incondicional, que me apoiou, e que não mediu esforços para que eu realizasse o meu sonho;

Ao meu orientador, Prof. Luís Antônio Cardoso pela orientação e esforço para o desenvolvimento deste grande desafio;

A UENF/FENORTE, pela bolsa de pesquisa que de certa forma me ajudou na continuidade e finalização desta pesquisa;

Aos colegas do curso de Pós-graduação, pelo companheirismo;

Aos professores de faculdades distantes e de órgãos de pesquisa regionais que colaboraram com informações muito importantes.

A todos que de uma maneira direta e indireta contribuíram para o desenvolvimento e realização deste trabalho.

Meu muito obrigada a todos!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
-------------------------	-----------

CAPÍTULO 1 – AS TRANSFORMAÇÕES CONTEMPORÂNEAS DA ECONOMIA E O SURGIMENTO DOS NOVOS AGLOMERADOS PRODUTIVOS.....	09
---	-----------

1.1 – Do Fordismo ao Pós-Fordismo: uma Breve Análise das Transformações Econômicas Mundiais.....	10
1.2 – Especialização Flexível e os Aglomerados Industriais.....	15
1.3 – Aglomerados Industriais: Sistemas Locais de Produção	19

CAPÍTULO 2 – AS NOVAS FORMAS INDUSTRIAIS E ESPACIAIS DO PÓS-FORDISMO: uma Discussão Ampliada.....	24
--	-----------

2.1 – As novas configurações do Pós-Fordismo.....	25
2.1.1 – Distritos Industriais Marshallianos.....	27
2.1.2 – Arranjos Produtivos Locais	31
2.1.2.1 – A informalidade dos Arranjos Produtivos Locais.....	34
2.1.2.2 – Características dos Arranjos Produtivos Locais.....	35
2.1.2.3 – Arranjos Produtivos Locais: inovação e Território.....	37
2.1.3 – Clusters Industriais	39
2.1.3.1 – Clusters na Indústria Brasileira	43
2.1.2.2 – Micro e Pequenas Empresas Brasileiras e a Necessidade de se Organizar em Clusters	45

CAPÍTULO 3 – A INDÚSTRIA TÊXTIL BRASILEIRA FRENTE À REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA: perspectivas e desafios.....	51
---	-----------

3.1 – A modernização do Parque Industrial Têxtil Brasileiro.....	55
3.2 – A Importância do Setor em Termos Quantitativos.....	57
3.3 – Elementos Institucionais na Indústria Têxtil Brasileira.....	61

3.4 – Configurações Nacionais da Indústria Têxtil.....	62
3.5 – Características da Indústria Têxtil Brasileira.....	78
CAPÍTULO 4 – O MUNICÍPIO DE ITAPERUNA E O SETOR DE CONFECCÕES: uma Breve Caracterização de suas Atividades Econômicas e Produtivas.....	88
4.1 – Itaperuna – Revisitando a história	89
4.2 – Caracterização do Município de Itaperuna	90
4.2.1 – Principais Atividades Produtivas e Econômicas.....	92
4.3 – Pólo de Confeccões de Itaperuna: um Breve Histórico.	94
4.3.1 – Caracterização do Pólo de Confeccões de Itaperuna	95
4.3.2 – Processo de Inovação e Desenvolvimento no Pólo de Confeccões de Itaperuna.....	100
4.3.3 – Lingerie Noite: Características Específicas do Nicho de Mercado.....	102
CAPÍTULO 5 – CARACTERIZAÇÃO DO SETOR DE CONFECCÕES DE ITAPERUNA: O Aglomerado Industrial e seus Elementos ..	105
5.1 – A Relação Cooperação / Competitividade no Setor de Confeccões de Itaperuna	106
5.2 – A Proximidade Geográfica no Setor de Confeccões em Itaperuna	112
5.3 – Micro e Pequenas Empresas no Setor de Confeccões de Itaperuna	115
5.4 – Caracterização do Setor de Confeccões de Itaperuna como Arranjo Produtivo Local	118
CONCLUSÃO	122
BIBLIOGRAFIA	128
ANEXOS	135

ÍNDICE DE TABELAS E GRÁFICOS

GRÁFICOS

Gráfico 1 – Valor adicionado da indústria têxtil	69
Gráfico 2 – Distribuição territorial da população itaperunense	91
Gráfico 3 – Composição do PIB do município	93
Gráfico 4 – Planejamento empresarial das confecções	98
Gráfico 5 – Administração das confecções	99
Gráfico 6 – Acesso das confecções a crédito	117

TABELAS

TABELA 1 – Principais países produtores da indústria têxtil - 2000	58
TABELA 2 – Principais países importadores da indústria têxtil - 2000	59
TABELA 3 – Principais países exportadores da indústria têxtil - 2000	60
TABELA 4 – Participação da indústria têxtil no valor adicionado da indústria de transformação	64
TABELA 5 – Pessoal ocupado da indústria têxtil- 1992 a 2001	65
TABELA 6 – Importações efetivas de tecidos planos de fibras artificiais e sintéticas	66
TABELA 7 – Balança comercial da indústria têxtil - vestuário – 1975 a 2003	67
TABELA 8 – Número de empresas por segmento da indústria têxtil	70
TABELA 9 – Empregados por segmento têxtil - vestuário no Brasil – 1990 a 2001	72
TABELA 10 – Exportações brasileiras por segmento da indústria têxtil brasileira – 1999 a 2003	74
TABELA 11 – Principais países produtores da indústria têxtil – 1970 a 2000	79
TABELA 12 – Consumo mundial de fibras têxteis	80
TABELA 13 – Número médio de empregados por empresa na indústria têxtil por segmento - 2001	81
TABELA 14 – Evolução da participação das regiões na produção e no emprego da indústria têxtil brasileira – 1990 a 2001	84
TABELA 15 – Evolução da participação das regiões no emprego da indústria têxtil brasileira – 1990 a 2001	84
TABELA 16 – Custo horário do trabalho em 1998	85

RESUMO

Resumo da dissertação apresenta ao CCT/UENF como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Mestre em Ciências de Engenharia

ARRANJOS PRODUTIVOS LOCAIS OU DISTRITOS INDUSTRIAIS? UM ESTUDO ACERCA DA CARACTERIZAÇÃO DA INDÚSTRIA TÊXTIL DO SETOR DE CONFECÇÕES NO MUNICÍPIO DE ITAPERUNA — RJ

Danielle Alves Fortuna Pussiareli

Junho de 2007

Orientador: Luís Antônio Cardoso da Silva

Área de Concentração: Engenharia de Produção

Este trabalho tem como objetivo o estudo das aglomerações locais de produção, que figuram o cenário da industrialização contemporânea, em específico o setor de confecções do município de Itaperuna. Para atingir esse objetivo foi realizada uma pesquisa de campo em que se analisou o perfil do setor de confecções, para que fosse possível identificar e caracterizar o tipo de sistema local de produção encontrado nesta região. Visamos ainda baseados em uma pesquisa bibliográfica mostrar a complexidade de conceitos sobre os sistemas locais de produção. Mediante os conceitos abordados pela literatura e os indicadores verificados na pesquisa de campo, buscou-se a caracterização do setor têxtil de confecções do município de Itaperuna.

ABSTRACT

Summary of the dissertation presented to CCT/UENF as part of the requirements to obtain the Master Degree in Sciences (M. Sc.) of Engineering, in the area of Production Engineering

LOCAL PRODUCTIVE ARRANGEMENTS OR INDUSTRIAL DISTRICTS? A STUDY CONCERNING THE CHARACTERIZATION OF THE TEXTILE INDUSTRY OF THE SECTION OF MAKINGS IN THE MUNICIPAL DISTRICT OF ITAPERUNA — RJ

Danielle Alves Fortuna Pussiareli

June of 2007

Advisor: Luís Antônio Cardoso da Silva

Major Area: Production Engineering

This work has as objective the study of the local gatherings of production, that you/they represent the scenery of the contemporary industrialization, in specific the section of makings of the municipal district of Itaperuna. To reach that objective a field research it was accomplished in that the profile of the section of makings was analyzed, so that it was possible to identify and to characterize the type of local system of production found in this area. We sought based still in a bibliographical research to show the complexity of concepts on the local systems of production. By the concepts approached by the literature and the indicators verified in the field research, the characterization of the textile sector of makings of the municipal district of Itaperuna was looked for.

INTRODUÇÃO

Apresentação

Este trabalho tem como objeto de estudo a análise do surgimento de novas formas espaciais de aglomerações industriais advindas da transição do fordismo para o pós-fordismo, em específico, a caracterização enquanto sistemas locais de produção do setor de confecções do município de Itaperuna.

O fenômeno de aglomerações locais no sistema produtivo industrial foi oriundo do complexo processo de transformação da base econômica e produtiva a partir dos anos 60, em função da chamada crise do sistema fordista de produção, que se constitui em um papel fundamental para a proliferação e a existência de pequenos empreendimentos no mercado.

Esta dissertação se desenvolve a partir dos estudos sobre os sistemas locais de produção, bem como a caracterização do campo de pesquisa do setor de confecções enquanto aglomeração industrial.

Com o intuito de caracterizar o setor de confecções como um possível sistema local de produção, assim como, a análise comportamental do sistema produtivo que contribuiu para suscitar o estudo, surgiram as seguintes indagações:

- O que explica a proximidade geográfica entre as pequenas empresas no mercado contemporâneo?
- Seria essa proximidade espacial a única forma de sobrevivência desses pequenos empreendimentos ?

Quais os fatores que caracterizam esses pequenos empreendimentos no processo de aglomeração local?

Apesar de serem cabíveis muitas outras indagações, salientou-se que este trabalho preocupar-se-á em esclarecer, nas páginas que se seguem, os tipos de sistemas locais de produção, em específico, os indicadores encontrados no setor de

confeções do município de Itaperuna, que permitam a caracterização do setor enquanto aglomeração industrial.

Origens da Pesquisa, Contextualização da Problemática e Construção das Hipóteses

Ao concluir o curso de Administração na Universidade Federal Fluminense – UFF, voltei meu interesse para o aprofundamento de meus estudos para os assuntos relacionados ao desenvolvimento organizacional da produção. Assim, com a finalidade de ampliar minha formação acadêmica, busquei uma maior aproximação junto à UENF – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, uma vez que nessa Instituição estava em funcionamento um Programa de Pós-Graduação em Ciências da Engenharia, com concentração na área de Engenharia de Produção.

Uma vez inscrita no curso de mestrado, aproximei-me dos estudos e das pesquisas no âmbito organizacional, um campo de estudos investigado pelo Prof. Dr. Luis Antonio Cardoso. Isto posto, fui agregada a sua equipe de pesquisa, ora denominada NUGESTO – Núcleo de Estudos em Gestão Estratégica do Trabalho e das Organizações, no qual o pesquisador ampliava uma linha de pesquisa dedicada ao estudo das análises e dos efeitos do pós-fordismo sobre as sociedades contemporâneas.

Dentre as várias pesquisas dirigidas pelo Prof. Dr. Luis Antonio Cardoso, nesse Núcleo de Estudos, voltei meu interesse para estudar o desenvolvimento de novas formas industriais do pós-fordismo e da constituição de sistemas locais de produção na indústria têxtil brasileira. Assim, o grupo de pesquisa me proporcionou a ampliação dos contatos e relacionamentos que conferiram um melhor aprofundamento do estudo da temática do surgimento e do desenvolvimento das novas formas de aglomerações locais oriundas da transição do fordismo para o pós-fordismo.

Além do fato de o setor industrial possuir grande importância, bem como apresenta uma posição de destaque e de grande interesse para nossa Universidade, procurei realizar essa dissertação uma vez que se denota a necessidade de um estudo dedicado ao processo de caracterização de aglomerados industriais e dos

novos mecanismos organizacionais introduzidos nesse complexo produtivo. A partir dessas constatações, pude perceber a riqueza do campo, bem como a sua viabilidade para a realização do estudo.

Isso posto, e já tendo encontrado um tema, bem como um objeto para a pesquisa, faltava-me apenas estruturar o contexto da problemática e da construção da hipótese.

Neste sentido, esbocei, juntamente com o orientador, a problemática desta pesquisa. De fato, encontrei, na transição do fordismo para o pós-fordismo, bem como os seus efeitos sobre o sistema produtivo, o seu ponto de partida. Essa descrição está esboçada nas linhas seguintes.

Nos últimos anos, muitos autores que se dedicaram ao estudo do sistema produtivo mundial e do desenvolvimento dos pequenos empreendimentos, têm trazido ao debate acadêmico a denúncia de que o mundo vem passando por um quadro de profunda instabilidade e de constantes mudanças, sejam de ordem econômica, política, social, bem como de outras. Em decorrência da aceleração dessas mudanças, perceber-se que as organizações estão agindo e reagindo a esses movimentos.

As oscilações, as mudanças ocorridas, e que ainda ocorrem no sistema produtivo, podem ser explicadas principalmente pelo desenvolvimento ocasionado pela competitividade global. Essa luta pela sobrevivência mercantil tem levado muitas empresas a adotar formas alternativas de gestão da produção para se tornarem competitivas ou mesmo para se manterem no mercado.

A crescente velocidade das transformações impõe um novo horizonte de visão para as pessoas e para as organizações, traçando novos paradigmas. Todavia, precisa-se atentar para o fato de que o desenvolvimento tecnológico por si só não será suficiente para sustentação de vantagem competitiva nas organizações. A rápida evolução tecnológica, com impactos no ambiente organizacional, vem provocando grandes transformações, exigindo das empresas uma infra-estrutura sólida para essas contínuas inovações.

Diante de tantas transformações, inovações e necessidade de investimento tem se tornado cada vez mais difícil à manutenção de empresas de pequeno porte no mercado, já que, as grandes empresas possuem maior capacidade de investimento e flexibilidade para conviver com as exigências do mercado moderno.

É nesse contexto, pois, que surgem e se desenvolvem as novas formas de

aglomerações industriais constituídas por pequenos empreendimentos. Para sobreviver no mercado, as pequenas empresas, geograficamente próximas, unem suas forças com ideais competitivos na busca de seu market-share.

Hoje, percebe-se a necessidade de inovação, de aprimoramento das práticas produtivas com o objetivo de atender clientes cada vez mais exigentes e com conhecimento dos produtos que almejam consumir. Portanto, é dentro dessa realidade, que pequenas organizações se utilizam da interação em suas atividades para conquistar um espaço no mercado.

As empresas que compõem os sistemas locais de produção, por sua vez, dependem da relação de cumplicidade entre os agentes sem abrir mão das relações de competitividade. Trata-se de empresas, normalmente de pequeno porte, espacialmente próximas, que agem conjuntamente em atividades produtivas, buscando compartilhar e desenvolver experiências, para vencer as dificuldades estruturais e financeiras para conquistar a capacidade de competir com grandes empreendimentos. É nesse contexto, pois, que surgem os sistemas locais de produção.

Na realidade, essas aglomerações surgem como forma de sobrevivência dos pequenos empreendedores diante do mercado. São elas as grandes responsáveis por geração de emprego e renda. As dificuldades de concessões de crédito, de financiamentos, políticas públicas e incentivos, fazem com que as organizações de menor porte encontrem nos sistemas locais de produção, a possibilidade de se manter e prosperar no mercado contemporâneo.

É, pois, sobre essa discussão que se define a situação problema deste trabalho de pesquisa da seguinte forma: visto que as novas formas organizacionais desenvolvidas nessa nova fase do capitalismo, que ora denominamos pós-fordismo, em específico, aquelas desenvolvidas sob o paradigma do setor de confecções de Itaperuna. Que medidas podem ser tomadas para verificar os indicadores no cotidiano das empresas que permitam a caracterização do tipo de aglomeração industrial existente?

A hipótese básica desse trabalho parte do pressuposto de que as empresas, nesse novo paradigma produtivo, buscam se aliar visando sua manutenção e sobrevivência no mercado, e conseqüentemente a melhoria de seus potenciais competitivos

Diante dos novos desafios impostos pelo novo cenário industrial, destacamos que as empresas que compõem aglomerações locais, desenvolvem a capacidade produtiva através das experiências compartilhadas, assim como, a eliminação de deficiências que possam impedir a inovação e a capacitação comercial destes empreendimentos.

E, para poderem manter essa fonte de capacitação e sobrevivência, que as empresas aliam as práticas de interação e competitividade, buscando sanar suas deficiências e aumentar suas potencialidades, tornando-se capazes de disputar espaços com grandes empreendedores, minimizando o abismo existente entre pequenos e grandes negócios. É nesse sentido, pois, que nascem e se desenvolvem os sistemas locais de produção.

Itinerário da Pesquisa e Metodologia

A pesquisa proposta tem um caráter descritivo/analítico, e o seu desenho metodológico, que pode ser dividido em dois momentos distintos:

Um primeiro, no qual se procura buscar ferramentas teóricas, capazes de auxiliar na construção desta argumentação. Para tal, fez-se recurso aos materiais bibliográficos existentes sobre o tema em estudo, assim, nos concentrou-se no levantamento de material via pesquisa bibliográfica aos acervos particulares ou universidades, livros, textos, sites, artigos, revistas, entre outros.

Um segundo momento, posterior, no qual destina-se para a obtenção de informações junto aos principais colaboradores ligados ao setor de confecções de Itaperuna (SINCRONERJ, SEBRAE-RJ e SENAI), bem como de referencial bibliográfico complementar.

A pesquisa de campo, por sua vez, teve o seguinte roteiro: Os contatos com os confeccionistas do pólo, tiveram início em fevereiro de 2006. Posteriormente novas conversas informais foram realizadas, objetivando conhecer melhor o cotidiano destas confecções, assim como seus hábitos, práticas, treinamentos, capacitação, entre outros. Alguns pontos cruciais para o desenvolvimento da pesquisa foram prejudicados em função dos próprios relatos dos confeccionistas. Eles alegaram, em muitas conversas informais que realizamos com eles, que não praticavam nenhuma atividade conjunta entre os agentes do pólo de confecções.

Essa afirmação nos colocou em uma situação de grandes questionamentos, já que se buscava a caracterização de um, até então, possível aglomerado industrial. Mas com a negativa de atividades conjuntas entre os empreendedores das confecções, o cenário não condizia com o que se procurava.

Apesar da palavra dos confeccionistas buscou-se informações junto ao SEBRAE-RJ, já que as informações dadas pelos confeccionistas não eram coerentes com o comportamento cotidiano das confecções. Recepcionados pelo funcionário do SEBRAE que desenvolvia um projeto com as confecções itaperunenses, colocou-se em foco a questão da interação. Depois de alguns minutos de conversa percebeu-se que a mentalidade provinciana de muitos empresários, justificava a negativa quando eram questionados por práticas conjuntas de trabalho. O funcionário do SEBRAE afirmou que muitos trabalhos desenvolvidos entre os confeccionistas, só são bem sucedidos devido às práticas de interação existente entre eles.

Assim, a dificuldade em falar de interação é principalmente pela dificuldade em admitir que precisam dela para sobreviver no mercado, mas também por fazerem questão de manterem-se concorrentes, rivais apesar de tantas atividades conjuntas. Para respaldar as afirmativas do funcionário do SEBRAE, ele nos forneceu um diagnóstico setorial das confecções, confeccionado pelo SENAI de Itaperuna, que relata em pesquisas individuais com todos os confeccionistas do pólo, as parcerias por eles realizadas. Com este diagnóstico setorial em mãos, foi possível enriquecer este trabalho e conhecer melhor o perfil de cada confecção, assim como, suas relações de parceria, que tratam do ponto de partida para uma possível caracterização do pólo.

Estruturação Final e Conteúdo do Trabalho

Além dessa introdução, esta dissertação foi organizada em cinco capítulos, uma conclusão final, bibliografia e anexos.

No primeiro capítulo, denominado: “As Transformações Contemporâneas da Economia e o Surgimento dos Novos Aglomerados Produtivos”, procurou-se analisar as transformações na economia mundial, abordando a transição do fordismo para o pós-fordismo, assim como, as reais contribuições da especialização flexível para

surgimento de novas formas espaciais das aglomerações industriais. Além disso, o capítulo também enfoca as vantagens que a proximidade geográfica pode exercer no grau de competição dos sistemas locais de produção.

No segundo capítulo, intitulado “As Novas Formas Industriais Pós Fordistas: uma Discussão Ampliada” procurou-se analisar os tipos de sistemas locais de produção descritos pela literatura, assim como, suas características particulares e diferenciações comportamentais entre os agentes que compunham cada aglomeração.

No terceiro capítulo, denominado “Indústria Têxtil Brasileira” abordou-se as transformações sofridas pela indústria têxtil brasileira que permitiram uma mudança drástica no cenário nacional e um considerável desenvolvimento do setor.

No quarto capítulo “Setor de Confeções e o Município de Itaperuna” desenvolvemos um breve estudo do município de Itaperuna, destacando sua história, seu desenvolvimento local e regional, suas principais atividades econômicas e produtivas. Também se faz necessária, uma análise ampla do campo pesquisado, verificando seu histórico, sua caracterização, seus processos de desenvolvimento, seus investimentos em inovação, assim como, suas potencialidades e deficiências.

No quinto e último capítulo “Caracterização do Setor de Confeções de Itaperuna Enquanto Aglomerado Industrial” fala-se sobre o campo de pesquisa que suscitou este trabalho, mostrando a aplicabilidade das informações até então estudadas no intuito de caracterizar a aglomeração local existente nas confeções do município de Itaperuna.

Finalmente, uma conclusão final, na qual fez-se uma descrição pormenorizada das idéias apresentadas em cada capítulo, e, ainda, sugestões para futuros trabalhos.

Considerações Finais

Diante do que foi exposto ao longo do trabalho, os resultados indicaram que esta pesquisa atingiu seus objetivos propostos e as obrigações relativas às

exigências necessárias para a obtenção do título de Mestre em Ciências em Engenharia de Produção, na UENF.

Embora o trabalho apresente de modo claro e definido a temática proposta, é preciso esclarecer que este não se encerra nestas páginas, pois novos trabalhos poderão ser concretizados a partir deste. Mesmo porque, o tema em foco é ainda de caráter inédito no setor têxtil, motivo de poucas contribuições científicas.

Por fim, gostaria de finalizar esta introdução com a idéia de que, embora o trabalho deixe transparecer uma conclusão acerca da realidade estudada, ela não é definitiva e, não encerra na proposta apresentada. Esta síntese é apenas uma pequena conclusão.

Vale salientar o fato de que, muito embora este trabalho seja fiel aos cânones da Ciência, siga os passos e as regras do jogo científico, ele não é perfeito. Existem limites pessoais que de certo modo são superados, pela boa intenção, fidelidade científica, honestidade e dedicação a esta dissertação.

CAPÍTULO 1

AS TRANSFORMAÇÕES CONTEMPORÂNEAS DA ECONOMIA E O SURGIMENTO DOS NOVOS AGLOMERADOS PRODUTIVOS

O objetivo deste capítulo é analisar as transformações na economia mundial, abordando a transição do fordismo para o pós-fordismo, assim como, as reais contribuições da especialização flexível para surgimento de novas formas espaciais das aglomerações industriais.

Além disso, o capítulo também enfoca as vantagens que a proximidade geográfica pode exercer no grau de competição dos sistemas locais de produção.

Para tal, iniciou-se a discussão com uma breve análise das transformações econômicas mundiais ocasionadas pela transição do fordismo para o pós-fordismo. Em seguida, volta-se esta análise para o panorama de especialização flexível e sua importância no contexto pós-fordista para os aglomerados industriais. Logo depois, amplia-se a discussão com uma análise geográfica das aglomerações industriais, permitindo uma abordagem dos sistemas locais de produção. E, por fim, encerra-se o capítulo com uma discussão das economias externas e da vantagem competitiva dos produtores nos Sistemas Locais de Produção.

* * *

1.1 – DO FORDISMO AO PÓS-FORDISMO: UMA BREVE ANÁLISE DAS TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS MUNDIAIS

Para ilustrar o cenário de transformações contemporâneas da economia, se fez necessária uma passagem pelo fordismo e sua transição para o pós-fordismo, para por fim, relatar a contribuição da especialização flexível¹ no surgimento dos sistemas locais de produção.

No mundo ocidental avançado, as estratégias do período pós-guerra que se basearam na intervenção do Estado sustentaram um crescimento constante e um balanceamento entre a produção e o consumo de massa, enquanto as empresas geraram um nível elevado de produtividade ao aperfeiçoarem amplamente as estratégias *tayloristas* instituídas. Os administradores aumentaram substancialmente seus controles técnicos, através de uma centralização e racionalização adicional do processo de trabalho².

O capitalismo fordista combinou empresas com alta racionalização, centralização e integração vertical com sindicatos nacionais e com uma substancial expansão do Estado, além disso, usava-se a elevada especialização e mecanização da produção, a burocratização das empresas, o planejamento extensivo e o controle burocrático *de cima para baixo*³.

O fordismo possuía uma força de trabalho segmentada, uma ampla e complexa organização do corpo profissional, gerencial e técnico e meios de comunicação, informação, transporte e controle extremamente sofisticados. Apesar da existência de diferenças significativas entre os setores econômicos e as regiões geográficas, o processo centralizado nos altos níveis de intervenção do Estado e na inclusão de grupos de trabalho subordinados à administração da sociedade, foram as características principais deste período.

Apesar da existência de diferenças significativas entre os setores econômicos e as regiões geográficas, o processo centralizado nos altos níveis de intervenção do Estado e na inclusão de grupos de trabalho subordinados na administração da sociedade, foram as características principais deste período. O “Alto Estado

¹Uma das possíveis nomenclaturas para essa nova fase do capitalismo que o debate internacional tende a configurar como pós-fordismo, seria o de acumulação flexível, tal como cunhado por David Harvey. Para um maior aprofundamento acerca dessas nomenclaturas e do debate pós-fordista, veja-se: CARDOSO, L.A. *Après-fordisme et participation*. Lille, Septentrion, 2002; HARVEY, David. *A Condição Pós-Moderna*. São Paulo, Loyola, 1992.

² Bonanno, A. *A globalização da economia e da sociedade: fordismo e pós-fordismo no setor agroalimentar*, 1998. <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/pernambuco/05.doc>>. Acessado em: 15.11.06.

³ HARVEY, David. *A Condição Pós-Moderna*. São Paulo, Loyola, 1992

Fordista” adotou políticas *keynesianas* avançadas no âmbito do controle fiscal muito abrangentes e de regulação dos planos socioeconômicos, na saúde, na educação e na área do bem-estar social⁴.

Esse sistema aumentou a inclusão das pessoas marginalizadas, elevou substancialmente o salário e, em termos das democracias sociais, ampliou significativamente a participação do trabalho. Tanto nos EUA quanto na Europa os sindicatos conseguiram envolver porcentagens significativas de trabalhadores, aumentando consideravelmente o conjunto de benefícios, incluindo-se os salários⁵. De maneira geral, o “Alto Fordismo” coordenou a produção, o consumo de massa, à acumulação constante e aumentou a legitimidade, gerando crescimento econômico e uma abundância sem precedentes. O acordo tácito entre capital e trabalho transferiu o controle da produção para a área gerencial, mas, ao mesmo tempo, aumentou o papel do trabalho no discurso político, nos planejamentos e no âmbito da legislação do trabalho. A classe média teve um crescimento substancial, elevando também seu padrão de vida. Sob o regime do “Alto Fordismo” os direitos civis, políticos e sociais foram expandidos e a legislação regulatória foi ampliada.

Oportunidades iguais avançaram embora os estratos inferiores tenham sido pouco beneficiados. Além disso, as desigualdades acentuadas entre os trabalhadores dos setores primários e secundários, entre aqueles da produção e os profissionais, entre raças, grupos étnicos e sexo foram os aspectos mais visíveis do novo padrão de racionalização e de burocratização⁶.

O Fordismo funcionou em níveis próximos ao ótimo, da metade da década de 50 até o final da década de 60. Entretanto, no começo dos anos 70 já estava enfraquecendo e expondo sérias contradições⁷.

Nas sociedades ocidentais avançadas, o crescimento dos novos movimentos sociais, o protesto dos estudantes e as atividades *contraculturais* começaram a erodir a estabilidade do Fordismo. A crise econômica acelerou a desestabilização do “Alto Fordismo”⁸.

O aumento da competitividade nos mercados internacionais (resultante da recuperação total da Europa e da Ásia devido aos estragos provocados pela

⁴ cf. Bonanno, A. *A globalização da economia e da sociedade: fordismo e pós-fordismo no setor agroalimentar*, 1998. <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/pernambuco/05.doc>>. Acessado em: 15.11.06.

⁵ cf. HARVEY, David. *A Condição Pós-Moderna*. São Paulo, Loyola, 1992.

⁶ Bonanno, A. op.cit, 1996.

⁷ Harvey, D. op.cit., 1992

⁸ Bonanno, A. op.cit, 1996

Segunda Guerra Mundial); insuficiência de investimento de capital em novas tecnologias e estagnação organizacional, o fracasso do desenvolvimento da política industrial, o aumento dos custos do bem-estar social e outros fatores, impuseram ao capitalismo do pós-guerra uma fase de desaceleração. A crise do petróleo, a severa recessão de 1973, o fim do acordo de Bretton Woods e a estagflação significaram uma decomposição possível dos Estados Unidos enquanto centro multinacional capitalista.

A característica básica do Fordismo coordenado pelo Estado começou a ser vista como uma fonte de atenuante rigidez.

As novas condições que emergiram a partir da crise do Fordismo têm sido agrupadas sob o conceito de pós-fordismo⁹. Os aspectos mais decisivos do têm sido o aumento da flexibilidade em escala global, a mobilidade de capital e a liberdade para colonizar e mercantilizar praticamente todas as esferas, destruindo-se as fronteiras sociais e espaciais relativamente fixas e gerando-se uma descentralização da produção. Esta agora está decomposta em sub-unidades e em *sub-processos* produtivos, conduzidos pelas empresas que se dispersam globalmente e apresentam elevadas divergências nas formas de organização do trabalho, do gerenciamento e das finanças. Empresas públicas são privatizadas e, cada vez mais, a disponibilidade dos serviços essenciais depende da capacidade de pagamento e/ou do lucro geral. O pós-fordismo é difícil de ser mapeado, mas ele não é aleatório e nem tampouco desorganizado como afirma Harvey¹⁰.

As novas estruturas flexíveis prestam-se à racionalização financeira, concentração de recursos, ultrapassagem de obstáculos, alocação mais eficiente das formas de produção, proteção contra possíveis mudanças econômicas e obtenção de mais vantagens através dos novos instrumentos financeiros e fiscais. A descentralização da produção continua com a maior centralização no controle das finanças, das pesquisas e das informações. O desenvolvimento econômico pós-fordista e as políticas de livre comércio utilizam o Estado para aumentar a mobilidade de capital, corroendo os seus próprios instrumentos regulatórios em nível local, regional e nacional e reduzindo o poder de barganha e as influências do trabalho.

O pós-fordismo é um sistema que permite que as corporações tenham maior mobilidade e obtenham vantagens sobre a qualidade dos novos instrumentos que

⁹ Cf. CARDOSO, L. A. *op. cit.* 2002.

são empregados para evitar a rigidez na economia e na sociedade. De fato, o consumo local e os mercados de trabalho são vistos como recursos que podem ser incluídos ou excluídos dos circuitos globais de acordo com as necessidades das corporações. Simultaneamente, as localidades são vistas como relações sociais que são capazes de se oporem ou favorecerem as estratégias das corporações transnacionais. Na essência, o pós-fordismo não é um sistema globalizado, mas um sistema de mobilidade global e de ações globais que opera em reação às condições que se manifestam nos territórios locais e regionais.

O processo contemporâneo de reestruturação industrial permite um cenário em que novas formas produtivas surgem no capitalismo mundial. Alguns fatores podem ter sido cruciais para a formação de novas formas produtivas. Em primeiro lugar, a informação, a era do conhecimento, em que a veiculação das atividades de informação e o potencial tecnológico se tornaram personagens do âmbito produtivo na geração de riquezas. Em segundo lugar, a existência do moderno, do novo, da moda, assim como, a necessidade do consumo pelo prazer, fatores estes, intimamente ligadas à era da pós-modernidade. Um terceiro fator que figura o cenário mundial atual, seria a globalização e a interdependência entre os países, seja no setor financeiro, ou mesmo, no setor de produção. Um elo foi formado, onde os países se relacionam e proporcionam parcerias em suas atividades econômicas. Finalizando, com um fator de extrema importância para os novos modelos produtivos, a especialização flexível, dotada de novas formas de produção, valorizando a especialidade, a gestão descentralizada e direcionando a produção para a satisfação das necessidades dos clientes cada vez mais exigentes e mutáveis.

No que diz respeito a este novo paradigma que se encontra a economia mundial, assim como, as transformações em sua estrutura e nos padrões de concorrência, Garcia¹¹ afirma que, foram decorrentes das inovações tecnológicas.

Um dos movimentos na direção da modernização organizacional foi a especialização das empresas em determinadas etapas do processo produtivo, acompanhada por uma maior integração dessas atividades. Foram abandonadas em grande parte a política de *verticalização* produtiva em grandes unidades industriais

¹⁰ Cf. HARVEY, D. *op. cit.* 1992.

¹¹ GARCIA, R. *Aglomerações setoriais e distritos industriais: um estudo das indústrias têxteis e calçados no Brasil*. IE – UNICAMP. Campinas. (Dissertação de Mestrado). 1996, p.8.

ou a dispersão dos recursos em atividades com baixa sinergia¹².

Desde o surgimento das primeiras fábricas, a economia industrial tem se desenvolvido através de ciclos longos, que se iniciam com uma fase de rápido crescimento e acumulação de capital, passam por uma fase de estabilização e, a seguir, conhecem uma fase descendente caracterizada pela redução do crescimento e dos lucros empresariais¹³.

Diante desta realidade de globalização e inovação tecnológica que permeia a industrialização, onde é caracterizada pela interdependência, pela competitividade e principalmente, por um alto custo da manutenção das formas produtivas, é possível identificar uma aglomeração de empresas (geograficamente próximas) com atividades embasadas na cooperação, em sua maioria de pequeno porte, com intuito de sobreviver neste cenário de reestruturação industrial.

No contexto mundial, a existência de inúmeros sistemas de produção regionalmente concentrados demonstra que a dimensão local vem assumindo uma importância crescente no processo de inovação tecnológica.

No caso do Brasil, em virtude de suas dimensões territoriais, da heterogeneidade espacial da economia e da existência de profundas desigualdades intra e inter regionais, torna-se cada vez mais premente a implementação de ações indutoras do desenvolvimento local.

De fato, na última década a literatura especializada vem se destacando, com base em avaliações de experiências em vários países, os efeitos positivos de aglomerações econômicas em um determinado espaço territorial para o processo de desenvolvimento econômico e social, em geral. Essa forma de configuração industrial ganhou importância no debate recente sobre a reestruturação industrial internacional, principalmente a partir das experiências bem sucedidas de algumas regiões da chamada Terceira Itália, como Lombardia, Emilia-Romagna e Toscana. Essas regiões são citadas na literatura como exemplo concreto de coordenação dos recursos via cooperação *interfirmas*, na qual inexistem um centro para a tomada das decisões estratégicas para o setor.

A constatação de que economias externas de aglomeração elevam a competitividade das empresas e impulsionam o desenvolvimento vem se refletindo

¹² COUTINHO, L. FERRAZ, J.C. *Estudo da competitividade da indústria brasileira*. Campinas, Editora UNICAMP, 1994, p.238.

¹³ MAGNOLI, D. ARAÚJO, R. *Projeto de ensino de geografia, natureza, tecnologia, sociedades – Geografia Geral* São Paulo, Moderna, 2000.

nas políticas públicas, que passaram a desenhar ações horizontais, orientadas para a promoção do desenvolvimento local e tendo como foco, não a empresa individual.

É importante analisar que com a decadência do fordismo, as transformações econômicas possibilitaram um novo paradigma que beneficia os produtores geograficamente concentrados. Uma abordagem mais profunda é fundamental para elucidar a passagem do fordismo para a especialização flexível, assim como, suas reais contribuições para as aglomerações industriais.

1.2 – ESPECIALIZAÇÃO FLEXÍVEL E OS AGLOMERADOS INDUSTRIAIS

O processo de globalização da economia tem ocasionado um redesenho das forças produtivas. A expansão de novas formas flexíveis de organização da produção aponta para o esgotamento do modelo fordista, trazendo consequências importantes no âmbito econômico, social, organizacional e tecnológico.

Os contrastes entre as práticas político-econômicas da atualidade e as do período de expansão do pós-guerra são suficientemente significativos para tornar a hipótese de uma passagem do *fordismo* para o que poderia ser chamado regime de especialização flexível¹⁴.

Este conceito surge na década de 80, embasado no cenário capitalista contemporâneo.

A chamada *especialização flexível* destaca-se assim como um novo modelo de organização industrial, com exemplos a Terceira Itália, Alemanha, França, que tiveram como base a expansão de pequenas e médias empresas, cuja adaptabilidade a flutuações de demanda, ao dinamismo inovador as tornou organizações importantes neste novo modelo industrial que tem se delineado nas últimas décadas¹⁵.

O conceito de especialização flexível engloba uma série de características que se enquadram na realidade industrial contemporânea, entre elas estão: empresas especializadas, que permitem uma melhor adequação ao atual mercado mudanças; *territorialização*, que proporciona vantagens entre as indústrias acarretadas pela proximidade geográfica e a cooperação, que torna possível a sobrevivência de pequenas empresas no contexto atual.

¹⁴ Cf. CARDOSO, L.A. *op. cit.* 2002.

¹⁵ BAPTISTA, C. *Distritos flexíveis e desenvolvimento endógeno: Uma abordagem "marshalliana"*.

A Teoria de Especialização Flexível parte da atual crise dos avançados países capitalistas e de seu modelo industrial de produção em série que se encontrava fadado ao fracasso, já que, o perfil do mercado se modernizara, se tornando crescentes e com grandes flutuações, incompatíveis com os padrões produtivos anteriormente existentes. Tal incompatibilidade se tornou terreno fértil para o surgimento de produtores artesanais, já que, mesmo diante da concentração das grandes empresas, as pequenas e médias sobreviveram. Para Garcia¹⁶ a produção artesanal era condição essencial para complementar a produção em massa e a existência desses produtores artesanais seria fator necessário para garantir a sobrevivência das empresas de pequeno porte no mercado, na medida em que a produção em massa exigia grandes e crescentes mercados. Souza esclarece as razões do fim da produção em massa: “as condições que explicam a permanência da produção não-massificada encontram-se na própria lógica do modelo de produção em massa, visto que, entre outras coisas, as máquinas altamente especializadas por ele exigidas não podem ser produzidas em massa”¹⁷.

Diante da realidade de total desajuste entre a produção e o consumo de bens, vê-se na especialização flexível a possibilidade de reversão deste quadro, já que encarada como um novo padrão econômico permitiria o surgimento de arranjos flexíveis e formas artesanais de produção. Tais práticas ocasionariam na inserção de equipamentos flexíveis, trabalhadores qualificados, além dos princípios de qualidade, flexibilidade e planejamento que permeiam tais medidas.

A especialização flexível supõe novas formas de gestão que não se reduzem ao determinismo tecnológico. É certo que, os instrumentos de trabalho passam a assumir funções as quais, em princípio, converte-os em complexos de produção autônomos. Os objetos trabalhados já não são simples matérias-primas naturais, mas sofrem significativas transformações químicas, o trabalhador já não é mais o único fator subjetivo de produção, os computadores o liberam, em parte, desse aspecto. A ciência converte-se definitivamente em força produtiva.

Marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo a especialização flexível se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados, dos

<<http://www.geocities.com/statprof/distrit.html>> acesso em 20.10.2006.

¹⁶ GARCIA, R. *op. cit.*, 1996.

¹⁷ SOUZA (1993, p.71) apud GARCIA, R. *Aglomerações setoriais e distritos industriais: um estudo das indústrias têxteis e calçados no Brasil*. IE – UNICAMP. Campinas. (Dissertação de Mestrado). 1996, p.27.

produtos e dos padrões do desenvolvimento desigual, tanto entre setores como entre regiões geográficas. Cria-se, o chamado setor de serviços, bem como conjuntos industriais completamente novos em regiões até então desenvolvidas, proporcionando a criação de sistemas locais de produção.

A transformação da estrutura do mercado de trabalho teve como paralelo, mudanças de igual importância na organização industrial. A *subcontratação* organizada abre oportunidades para a formação de pequenos negócios.

Novas tecnologias abrem à possibilidade da reconstituição das relações de trabalho e dos sistemas de produção em bases sociais, econômicas e geograficamente distintas. A Terceira Itália é muito empregada como exemplo dessas novas formas de organização cooperativa de trabalhadores que, armados com novas tecnologias, descentralizadas de comando e controle, podem integrar-se com sucesso às formas dominantes e repressivas de organização do trabalho características do capital corporativo e multinacional, e até mesmo subvertê-las.

No que diz respeito aos aglomerados industriais, a especialização flexível traz uma série de oportunidades para que, estas empresas, em grande parte formada por empresas de pequeno porte, se tornem passíveis de competição no mercado contemporâneo, caracterizado por grandes empresas tecnologicamente firmadas e com alta flexibilidade.

A cooperação é um dos princípios em que está articulada a especialização flexível e é um fator de extrema importância para os aglomerados industriais, pois diante de um mercado composto por grandes empresas sofisticadas, com alta tecnologia, qualificação de mão-de-obra e capital disponível para investimentos, parece impossível que uma pequena empresa faça frente e possa competir com empresas tão bem estruturadas. Exatamente por esta desigualdade de cenários, que as empresas de pequeno porte, observaram a necessidade de promover entre si parcerias que as possibilite concorrer com as empresas de grande porte e permanecer no mercado.

Os esquemas de cooperação foram formados tanto no campo da geração de novas tecnologias a partir de alianças de P&D¹⁸, como em associações do tipo usuário-produtor ou ainda sob a forma de cooperação horizontal interfirmas. Aliás, o aprofundamento desta forma de cooperação foi um dos instrumentos utilizados pelas empresas para incrementar a produtividade.

Ao se organizarem como unidades isoladas, os pequenos negócios terminam por reproduzir a forma de funcionamento de grandes empresas, porém sem suas principais vantagens: a capacidade de gerar economias de escala, de investir em inovação produtiva e gerencial e contar com profissionais qualificados. Torna-se então necessário o estabelecimento de novas formas de organização e de ação junto aos pequenos negócios, de forma a superar as deficiências oriundas do porte e do isolamento, afirmando assim, a necessidade da utilização do princípio da especialização flexível, a cooperação, que se bem estruturado reverte à situação deste paradigma.

Mas ao abordar a especialização flexível não se encerra o estudo dos aglomerados industriais, pois, existem fatores de grande importância a serem analisados que não se restringem somente aos princípios formadores da especialização flexível, permitindo ir mais além, na busca pelo entendimento da proximidade geográfica e sua contribuição para os aglomerados locais, os chamados sistemas locais de produção.

1.3 - AGLOMERADOS INDUSTRIAIS: SISTEMAS LOCAIS DE PRODUÇÃO

Com o declínio da produção em massa e a ascensão do panorama de especialização flexível, espaços foram abertos para a produção artesanal, para as pequenas empresas se consolidarem e atenderem as expectativas de um mercado cada vez mais flutuante.

As transformações ocorridas na economia e na estrutura de trabalho, assim como, a necessidade de se adequar às mudanças, proporcionaram o aparecimento de novas formas de aglomerações industriais e *subcontratações* organizadas, dando espaço para pequenos negócios regionalizados.

Os aglomerados industriais se formaram pela necessidade de sobrevivência no mercado atual de intensas instabilidades, já que sozinhos não iriam adquirir potencial competitivo suficiente, mas, a proximidade geográfica vem como facilitador deste relacionamento existente entre as aglomerações de agentes, conhecidos

¹⁸ Abreviatura utilizada para referir - se à pesquisa e desenvolvimento no âmbito da geração de novas tecnologias.

como SLP¹⁹.

Os sistemas locais de produção são aglomerações de agentes sociais, políticos e econômicos, geograficamente próximos, que possuem relação de interdependência, gerando entre si, práticas de cooperação, aprendizagem e interação.

O fortalecimento de micro e pequenas empresas (MPEs²⁰) como relatam os autores Amorim, Moreira e Ipiranga, coloca-se como uma sólida alternativa para o alcance do almejado desenvolvimento com inclusão social. É sabido, entretanto, que as MPEs enfrentam sérias limitações para concorrer com empresas de maior porte, tendo esse problema se agravado ainda mais com o processo de globalização, que acirrou a concorrência ao aproximar os competidores instalados em outras fronteiras aos mais remotos mercados. Ao mesmo tempo, é bem menos difundida a idéia de que a essência das dificuldades que cerceiam as MPEs relaciona-se não ao tamanho dessas, mas sobretudo à forma como costumeiramente funcionam, ou seja isoladas. Diferentemente das grandes empresas, as MPEs não podem se permitir à comodidade do isolamento. Isto porque, operando escalas de produção reduzidas, as MPEs não conseguem auferir economias de escala, ficando assim presas a condições ineficientes de produção. Além disso, o isolamento das MPEs acentua suas limitações para o desenvolvimento de capacidade inovativa, cada vez mais essencial para a obtenção de vantagens competitivas²¹.

Entre as causas originais para essa concentração, a existência de condições naturais, como a disponibilidade de matéria-prima e de fontes de energia ou facilidades nos transporte, e a existência prévia de demanda na região. É por isso que a concentração geográfica e setorial de produtores é capaz de atrair outras empresas, que atuam no mesmo setor ou segmento industrial ou em indústrias correlatas e de apoio.

A capacidade de atração de novas empresas resulta na configuração de uma organização produtiva em que se destaca a presença de produtores especializados, o que contribui para a intensificação do processo de divisão do trabalho entre eles. A

¹⁹ Abreviatura utilizada para se referir aos agentes de aglomerados industriais, conhecidos como sistemas locais de produção.

²⁰ Abreviatura utilizada para se referir às empresas de pequeno porte no mercado. Esta abreviatura ficou consagrada nas bibliografias principalmente após o crescimento dos aglomerados locais, significando micro e pequenas empresas.

²¹ AMORIM, M.A.; MOREIRA, M.V.A.; IPIRANGA, A.S.R., *A construção de uma metodologia de atuação dos arranjos produtivos locais no Estado do Ceará: Um enfoque na formação e no fortalecimento do capital social e da governança*.Ceará, UFC - Universidade federal do Ceará, 2005.

partir desse extenso processo de divisão do trabalho, as economias externas são geradas e ampliadas, reforçando as possibilidades de incremento da capacidade competitiva dos produtores locais.

As vantagens derivadas da concentração geográfica estão associadas não apenas com o aumento do volume de produção, mas também com os ganhos de organização e desenvolvimento decorrentes da maior integração entre os agentes. A concentração de produtores especializados estimula a promoção de formas de integração entre os agentes.

O vínculo existente entre os agentes nos sistemas locais de produção permite aumentar a capacidade competitiva, já que, ações conjuntas são estabelecidas, propiciando treinamento, contratação, compra de matérias primas e equipamentos, capacitação, formação profissional e tantas outras atividades coletivas que fazem dos aglomerados, um diferencial competitivo no mercado contemporâneo.

O perfil de parcerias em que se encontram os sistemas locais de produção os permite identificar melhor as potencialidades, pois, um conjunto de agentes trabalham na busca de uma produção eficaz, mas além disto, eles agem como propulsores uns dos outros, fazendo com que suas ações coletivas os direcionem na busca pela melhoria de todos os envolvidos no sistema local, inclusive na expansão dos negócios no mercado nacional e apoio para inserção em mercados internacionais.

Diversos autores utilizaram o conceito de economias externas incidentais (ou puras) para justificar a tendência à localização da atividade econômica e as vantagens competitivas dos produtores. Entre eles está Foray²², que utiliza o termo atmosfera industrial para expressar a importância das externalidades para a conformação dos sistemas locais de produção e para a sua competitividade.

A existência de economias locais externas à firma e internas à aglomeração dos produtores é um dos elementos que justificam a importância da concentração geográfica entre as firmas. Desse modo, a presença concentrada de empresas de um mesmo setor ou segmento industrial é capaz de gerar externalidades positivas que são apropriadas pelas firmas, incrementando sua capacidade competitiva.

O desempenho econômico nacional ou regional está vinculado diretamente à capacidade de aproveitamento das oportunidades de mercado, dos recursos locais e

²² FORAY, D apud SUZIGAN, W.; FURTADO, J.; GARCIA, R.; SAMPAIO, S.E.K, *Inovação e Conhecimento: Indicadores Regionalizados e aplicação a São Paulo*. Campinas, Revista Economia Contemporânea, abr. 2006.

das bases existentes de tecnologia, através de treinamento profissional e científico e da exploração econômica eficiente dessas bases.

A lógica da argumentação é a de que a distribuição regional das atividades de ciência, tecnologia e inovação refletem a própria distribuição regional de conhecimentos que substanciam capacitações técnicas, científicas e tecnológicas. Estas, por sua vez, induzem a localização de atividades produtivas e a formação de aglomerações de empresas, já que, a proximidade facilita disseminação do conhecimento.

Os sistemas locais de produção traduzem um conjunto de relações sociais capazes de coordenar os agentes envolvidos e potencializar os resultados de suas atividades produtivas. De acordo com Iglori²³, os sistemas locais de produção, têm como principais características:

- ✓ Os sistemas locais foram originados a partir da especialização em um produto ou atividade principal;
- ✓ As técnicas e produtos são baseados em conhecimentos “tradicionais” adquiridos e desenvolvidos na região (o que não implica a necessidade dos sistemas ficarem restritos às atividades de baixa tecnologia);
- ✓ As atividades desempenhadas favorecem a realização por pequenas unidades produtivas, apesar de também existirem empresas de maior porte participando dos sistemas locais;
- ✓ A presença de um conjunto de interdependências complexas entre as firmas, facilitando os fluxos de informação e resultando na formação de redes produtivas e redes de inovação;

Os sistemas locais de produção são caracterizados pela concentração espacial e setorial de empresas, em que o desempenho dessas, é explicado pela interdependência existente entre as firmas.

Essa interdependência é decorrência da proximidade geográfica e setorial. Embora tal interdependência possa manifestar-se de maneiras diversas e intensidades igualmente diferenciadas nos casos particulares, de modo geral apresenta-se sob duas formas: economias externas e relacionamentos cooperativos.

²³ IGLIORI, D.C. *Economia dos clusters industriais e desenvolvimento*. São Paulo, Iglu, 2001, p.25.

Segundo Iglioni²⁴, a diferença entre estes é na intenção dos agentes para que a interdependência ocorra. As economias externas ocorrem como um resultado “automático” da concentração, em suas duas dimensões. Já os relacionamentos cooperativos, resultam de ações deliberadas dos participantes dos sistemas locais de produção.

* * *

No desenvolver desse capítulo, pôde-se esboçar as principais vertentes do debate que lida com a transformação da economia mundial, caracterizado pela transição do fordismo para o pós-fordismo, assim como, o problema da reestruturação econômica contemporânea. Uma abordagem sobre a inserção que tais modificações promoveram aos aglomerados industriais também foi abordada, além disso, a proximidade geográfica e a vantagem competitiva dos chamados sistemas locais de produção.

Na análise crítica que é apresentada no capítulo a seguir, a literatura que aborda a dimensão territorial da inovação e da competitividade é discutida através de três abordagens que constituem a base de construção teórica da maior parte dos modelos de inovação territorial.

A análise crítica inicia-se nos distritos industriais marshallianos com suas heranças institucionais que se refletem no comportamento do aglomerado industrial. Em seguida, uma análise mais profunda de arranjos produtivos locais, identificando suas principais características embasadas em micro e pequenas empresas, proporcionando em muitas ocasiões um cenário de informalidade deste tipo de aglomeração. Voltando a análise de arranjos produtivos locais, é possível observar a importância da inovação e da proximidade territorial para o aumento da competitividade com relação às grandes empresas. E, por fim, encerra-se o capítulo com uma ampla discussão sobre clusters industriais, e sua viabilidade na realidade industrial de micro e pequenas empresas, deixando claro que a sobrevivência de empresas de pequeno porte no processo produtivo capitalista se torna maior com a prática de aglomerações industriais.

²⁴ IGLIONI, D.C. op.cit., 2001.

CAPÍTULO 2

AS NOVAS FORMAS INDUSTRIAIS E ESPACIAIS DO PÓS-FORDISMO:

Uma Discussão Ampliada

Tal como se percebeu no capítulo anterior, as transformações na economia mundial, abordando a transição do fordismo para o pós-fordismo, assim como, as reais contribuições da especialização flexível para surgimento de novas formas espaciais das aglomerações industriais. Além disso, enfocou as vantagens que a proximidade geográfica pode exercer no grau de competição dos sistemas locais de produção.

Isto posto, este capítulo tem como objetivo ampliar a discussão sobre essas novas configurações especiais retomadas e postas em cena no mundo produtivo contemporâneo pelo pós-fordismo.

A análise crítica inicia-se com a abordagem dos distritos industriais marshallianos, com suas heranças institucionais que se refletem no comportamento do aglomerado industrial. Em seguida, fez-se uma análise mais profunda sobre os arranjos produtivos locais, identificando suas principais características embasadas em micro e pequenas empresas, proporcionando em muitas ocasiões um cenário de informalidade deste tipo de aglomeração. Voltando a análise de arranjos produtivos locais, é possível observar a importância da inovação e da proximidade territorial para o aumento da competitividade com relação às grandes empresas. E, por fim, encerrou-se o capítulo com uma ampla discussão sobre clusters industriais, e sua viabilidade na realidade industrial de micro e pequenas empresas, deixando claro que a sobrevivência de empresas de pequeno porte no processo produtivo

capitalista se torna maior com a prática de aglomerações industriais.

* * *

2.1 – AS NOVAS CONFIGURAÇÕES DO PÓS-FORDISMO

Durante a década de 60, com a chamada crise do sistema *fordista/taylorista* de produção, o setor industrial em todo o mundo começa a sofrer profundas alterações, e as indústrias mais intensivas de mão-de-obra nos países industrializados são particularmente afetadas, em decorrência da saturação dos mercados de bens padronizados de consumo, do encarecimento das matérias primas, das pressões salariais e principalmente como resultado da entrada de novos países nos mercados internacionais de bens intensivos em mão-de-obra. A indústria sofre o impacto das reestruturações produtivas ocorridas em nível mundial, fazendo com que países tradicionalmente produtores e exportadores (como os Estados Unidos, a Alemanha, a Grã-Bretanha e a França) se transformassem, em pouco tempo, em grandes importadores.

O problema da estagnação da economia capitalista mundial nas das últimas décadas é entendido como uma crise da velha forma de organização social – o *fordismo* – e o surgimento de uma nova forma, o pós *fordismo*²⁵. Dessa forma, esse último traduz-se como a expressão contemporânea de um debate clássico acerca do futuro do capitalismo, sua própria dinâmica e sobrevivência²⁶.

As formas *pós-fordistas* de produção criaram oportunidades para o crescimento de vasto número de pequenas e médias firmas, tanto em regiões industrializadas quanto nas menos desenvolvidas, em decorrência de três ordens de fatores:

²⁵cf. GOUGH, Jamie. Where's the Value in 'Post-Fordism'? In: GILBERT, Nigel; BURROWS, Roger & POLLERT, Anna. *Fordism and Flexibility: Divisions and Change*. New York, St. Martin's Press, 1992.p31.

²⁶ cf .ELAM, Mark. Puzzling out the Post-Fordist Debate: Technology, Markets and Institutions. In: *Economic and industrial democracy*, vol.11no.1,1990.pp.9-37.

- ✓ O primeiro deles está associado à política de descentralização das grandes corporações, através da qual, grandes empresas são desmembradas em plantas menores, ou na forma de subsidiárias instaladas em diversas regiões do país ou de outras nações.
- ✓ O segundo fator, que vem também levando ao crescimento de pequenas firmas, decorre das já conhecidas práticas de muitas empresas de conceder o seu direito de produção (prática chamada, no idioma inglês, de *devolvement*) a outras empresas, na forma de licenciamento e franchising.
- ✓ O terceiro fator, que sem dúvida é o mais importante como formador de pequenas firmas, está diretamente associado a uma forte tendência de desintegração ou *desverticalização*, que também está sendo praticada pelas grandes empresas. Esta tendência tem se manifestado em grande variedade de formas, destacando-se entre as mais importantes a terceirização, a *subcontratação* e a prática do *out-sourcing* (busca de fornecedores externos de insumos, peças, componentes e serviços, antes produzidos na própria empresa).

Além desses casos, em que pequenas unidades produtivas emergem ligadas ou controladas por grandes corporações há, ainda, muitos exemplos e, por certo, em número majoritário de firmas que surgiram, nas últimas décadas, operando independentemente, atuando em nichos de mercado e até concorrendo nos mesmos mercados das grandes empresas²⁷.

Em todas as partes do mundo, esse fenômeno da emergência de grande número de pequenas e médias empresas tem sido visto como um aspecto muito positivo dos processos de reestruturação em curso, pela capacidade que têm tais firmas de gerar grande volume de emprego e, em certa medida, os efeitos da tendência de liberação de mão-de-obra que está ocorrendo, em escala crescente, nas corporações de grande porte²⁸.

A economia baseada no conhecimento é caracterizada por um ambiente competitivo intensivo em conhecimento, globalizado produtiva e financeiramente e

²⁷ Amorim, M.A., *Promoção de Clusters e Aglomerações de Pequenas e Médias Empresas - Idéias para Difundir e Fortalecer a Industrialização no Estado do Ceará*. Fortaleza, CE, Mimeo.1998.

²⁸ Tendler, J. & Amorim, M.A. , *Small Firms and their Helpers - Lessons on Demand*. In *World Development*, vol. 24, nº 3.,1996, Humphrey, J, *Industrial Organization and Manufacturing Competitiveness in Developing Countries*. In *World Development*, Special Issue, Vol. 23, nº 1,1995.

liberalizado comercialmente. Entretanto, Storper²⁹ afirma que o conhecimento e os processos de aprendizagem e de construção de competências a ele relacionados, na medida em que são processos essencialmente interativos e incorporados em pessoas, organizações e relacionamentos, são influenciados pelo território localizado.

Como enfatizado em vários estudos, o território localizado funciona como espaço primordial de interdependências intencionais e não-intencionais; tangíveis e intangíveis; comercializáveis e não-comercializáveis. Por sua vez, essas interdependências, para que possam ser realizadas plenamente e originem processos de aprendizado coletivo e de difusão do conhecimento tácito e codificado³⁰ entre as empresas - ou seja, para que levem à criação de um *common knowledge context*³¹ requerem proximidade cognitiva³² e física. Vale dizer, elas devem estar *imersas (embedded)* em um ambiente local (*milieu*), que atue como facilitador e estimulador destas interdependências e como ligação entre um sistema de produção e uma cultura tecnológica particular. Assim, pode-se pensar o território localizado como um espaço socialmente construído, uma superfície ativa e aberta, que influencia e é influenciada pelas interações localizadas.

2.1.1 – Distritos Industriais Marshallianos

Algumas lições gerais sobre os *distritos* começaram a ser tiradas, foram também surgindo muitas dúvidas sobre a possibilidade de que elas pudessem vir a ser aproveitadas em contextos muito diferentes. No caso italiano, por exemplo, constatou-se uma fortíssima correlação entre a distribuição espacial da economia *difusa*, que caracterizava suas províncias mais dinâmicas, e a intensidade das formas familiares de agricultura (e, portanto de razoável distribuição de renda). Além disso, a organização municipal específica do Centro-Norte da Itália, cuja origem

²⁹ STORPER, M., 1997 apud VEIGA, J.L., A face territorial do desenvolvimento. São Paulo, Revista Internacional de Desenvolvimento Local, vol 3, nº 5, set. 2002.

³⁰ Mesmo o conhecimento codificado, que tem sido tratado como “unconstrained spatially”, também é influenciado pelo território localizado, em termos de seu uso e difusão. Tal como destacado por Howells (2002), a interpretação e assimilação do conhecimento codificado depende do conhecimento tácito acumulado e do contexto econômico e social. Como se sabe, todos estes aspectos são influenciados pelo território localizado e, por extensão, o conhecimento codificado.

³¹ HOWELLS, J. “*Tacit Knowledge, Innovation and Economic Geography*”. In: Urban Studies, 39 p. 871-874. Maio, 2002.

³² HOWELLS, J (2002) usa o termo “proximidade relacional” para se referir à proximidade cognitiva, associada à formação de rotinas organizacionais e práticas sociais.

remonta à Idade Média, mostrou que essas comunidades locais haviam estabelecido há muito tempo uma boa divisão territorial do trabalho entre cidade e campo, uma organização muito articulada da sociedade urbana, e uma rede muito densa de comunicações.

Em áreas como o Mezzogiorno, historicamente fundadas em formas patronais de agricultura, não existe a mobilidade e a articulação social que engendram a criação de um grande número de flexíveis PMEs³³.

Mas se as heranças institucionais de uma economia baseada na agricultura familiar são condições necessárias, elas estão muito longe de ser suficientes. Para que muitas empresas e muitos empregos possam ser criados em regiões não privilegiadas pela velha obsessão de *pólos* ou *eixos urbano-industriais*, também é preciso que elas disponham de um mínimo de condições favoráveis em termos de comunicações e de serviços e, sobretudo, de condições que estimulem o *empreendedorismo*.

Afinal, são os empreendedores os principais agentes da mudança econômica, pois são eles que geram, disseminam e aplicam as inovações. Ao procurarem identificar as potenciais oportunidades de negócios e assumirem os riscos de suas apostas, eles contribuem tanto para um maior uso dos recursos disponíveis, quanto para a expansão das fronteiras da atividade econômica. Mesmo que muitos não tenham sucesso, é sua existência que faz com que uma sociedade tenha constante geração de novos produtos e serviços.

Infelizmente, não se sabe muito bem quais são os determinantes do *empreendedorismo*, apesar de sua crucial influência sobre o crescimento econômico. Sequer existe acordo sobre os indicadores que melhor revelariam os graus relativos em que o fenômeno se manifesta.

É sabido, entretanto, que ele também nunca ocorre de forma homogênea entre as regiões de uma mesma nação. Comparando-se extremos, percebe-se que em certas regiões da Alemanha surgem mais do que o dobro de novas firmas do que em outras. A mesma relação se aproxima do triplo na Itália, na Suécia e no Reino Unido, chegando a girar em torno do quádruplo na França e nos Estados Unidos³⁴.

Tudo indica que essas divergências espaciais da criatividade empreendedora

³³ Abreviatura utilizada para se referir às empresas de pequeno porte no mercado. Esta abreviatura ficou consagrada nas bibliografias principalmente após o crescimento dos aglomerados locais, significando pequenas e médias empresas.

correspondem ao chamado fenômeno de *clustering* (formação de *feixes* ou *cachos*). Segundo uma das definições mais aceitas, *cluster* é uma concentração geograficamente delimitada de negócios independentes que se comunicam, dialogam e transacionam para partilhar coletivamente tanto oportunidades quanto ameaças, gerando novos conhecimentos, concorrência inovadora, chances de cooperação, adequada infra-estrutura, além de freqüentemente também atraírem os correspondentes serviços especializados e outros negócios correlacionados. E os estudos sobre a relação existente entre a formação desses feixes e o *empreendedorismo* acabam sempre por enfatizar os fatores culturais que às vezes são compactados na sedutora noção de *capital social*: um complexo de instituições, costumes e relações de confiança que geram a *atmosfera* necessária a seu estímulo³⁵.

Os ambientes inovadores (*milieux innovateurs*) se manifestam em condições territoriais e produtivas das mais diversas: podem ser especializados ou multifuncionais, industriais e turísticos, urbanos e rurais, de alta tecnologia ou de tecnologia tradicional. Dá para afirmar quais são as mudanças possíveis e identificar empiricamente as que já estão em curso. Mas não se sabe o que realmente faz com que determinado território seja capaz de gerar um novo modo de organização e de produção.

A principal conclusão de estabelecida sobre uma política industrial é que pode ser sistemática e racional se estiver apoiada num tableau das relações socioeconômicas *historicamente determinadas*, isto é, numa representação da trama de sistemas produtivos locais que não isole as relações técnico-econômicas das relações socioculturais e institucionais, como faz a matriz input-output. Os distritos industriais marshallianos acabaram por mostrar de que os verdadeiros recursos críticos de uma economia nacional são os sistemas locais: organismos de formação lenta e difícil, que constituem um patrimônio a ser reconhecido, conservado e fortificado.

O desenvolvimento das empresas ocorre localmente quando uma indústria e uma população têm a mesma área comum de interação social e econômica.

Isso acontece em todo tipo de localidade, desde as de tipo mono-industrial até as marcadas por uma grande quantidade de pequenos negócios mais ou menos

³⁴ Cf. OCDE. *What Future for Our Countryside?* Paris, A Rural Development Policy, 1993.

³⁵ Sobre capital social ver ABRAMOVAY, M, 1996 apud VEIGA, J.L., A face territorial do desenvolvimento. São Paulo, Revista Internacional de Desenvolvimento Local, vol 3, nº 5, set. 2002.

similares. O que as diferencia é a maneira pela qual as firmas e a população estão envolvidas na divisão do trabalho.

É necessário enfatizar que, “no mundo real”, as fronteiras entre a indústria e os serviços estão sendo progressivamente removidas.

A noção *marshalliana* de *distrito* é muito enriquecedora, mas não pode dar conta da complexidade e diversidade dos sistemas locais. Ao mesmo tempo, precisa ser evitado o risco de serem criadas tantas novas noções quantas forem as situações diferenciadas. Segundo VEIGA³⁶:

Nos Estados Unidos, 60% das atividades econômicas puderam ser atribuídas a um total de 380 distritos industriais em diversas fases de amadurecimento, e depois classificados em apenas quatro tipos de origens:

- a) recursos naturais estratégicos, como nos casos de Chicago (agroalimentar);
- b) fontes de novas tecnologias, como o Vale do Silício (microeletrônica);
- c) mercados de trabalho especializado, como Dalton, na Georgia (tapetes) ou Tupelo, no Mississippi (móveis); e
- d) oportunidades mercadológicas, como Buffalo, em New York (meio ambiente), ou mesmo New York City (jóias).

Todos os que procuraram entender qual é a relação existente entre a formação desses feixes e o empreendedorismo acabaram por enfatizar os mesmos fatores culturais presentes em todas as caracterizações de *distritos* ou *SPL*. Como já foi dito, a única diferença é que esses fatores culturais são muitas vezes compactados na sedutora noção de *capital social*. Muitas vezes, o capital social é entendido como um complexo de instituições, costumes e relações de confiança que alavancam a cooperação. Outras vezes, essa expressão *capital social* é expressamente evitada e substituída por longas considerações sobre misteriosos processos formadores de atitudes culturais que afetam não somente a disposição a cooperar com outros, mas, sobretudo, as estruturas institucionais que influenciam o empreendedorismo.

Nota-se, portanto, que nessa tortuosa evolução do debate internacional desencadeado pelos estudos sobre os distritos industriais marshallianos, ganhou

³⁶ VEIGA, J.L., A face territorial do desenvolvimento. São Paulo, Revista Internacional de Desenvolvimento Local, vol 3, nº 5, set. 2002.

forte respaldo científico uma perspectiva contrária à que predominou durante muito tempo nas esferas governamentais e nas organizações internacionais que procuram influenciar os rumos das políticas econômicas nacionais.

Com muito atraso, estas começaram a levar a sério proposições sobre desenvolvimento *endógeno*, desenvolvimento *de baixo para cima*, e até sobre *ecodesenvolvimento*³⁷, acabando por admitir que as iniciativas locais podem ser cruciais para o desenvolvimento, pois se tornam importante fator de competitividade ao fazerem dos territórios ambientes inovadores.

2.1.2 - Arranjos Produtivos Locais

A literatura econômica convencional tende a contextualizar as empresas em termos de setores, complexos industriais, cadeias industriais, dentre outros, e considera pequena ou nula a relevância da localização das mesmas. Apesar do economista inglês Alfred Marshall já no final do século XIX ressaltar como a concentração espacial de atividades produtivas não apenas era responsável por alto grau de eficiência econômica, mas também caracterizava a própria evolução da civilização humana³⁸, durante quase cem anos tal aspecto foi praticamente esquecido pelas teorias econômicas hegemônicas. Como bem apontou Walter Isard³⁹, quando os economistas assumem a perfeição e hegemonia dos mercados, a análise econômica perde a sua importante dimensão espacial. Esta insensibilidade com relação ao território e ao espaço físico, característica da análise econômica tradicional — à exceção de poucas linhas de investigação ligadas ao desenvolvimento regional⁴⁰ — tem sido crescentemente contestada pela realidade da aceleração do processo de globalização.

A categoria Arranjo Produtivo Local - APL relaciona-se ao núcleo produtivo, ou aglomeração, em seu estado de organização social e institucional, necessária para a realização da produção social e estabilidade do núcleo. Este estado solicita a presença de, pelo menos, três elementos: capital social, organização produtiva e articulação político-institucional. Esses três elementos, articulados, formam o que se

³⁷ VEIGA, J.L., A face territorial do desenvolvimento. São Paulo, Revista Internacional de Desenvolvimento Local, vol 3, nº 5, set. 2002.

³⁸ MARSHALL, A., 1890 apud CASSIOLATO, J.C.; LASTRES, H. M. M. *O foco em arranjos produtivos e inovativos locais de micro e pequenas empresa*. Rio de Janeiro Redesit – IE – UFRJ, 2005.

³⁹ ISARD, W. 1956 apud op.cit., 2005.

⁴⁰ CASSIOLATO, J.C.; LASTRES, H. M. M. *O foco em arranjos produtivos e inovativos locais de micro e pequenas empresa*. Rio de Janeiro Redesit – IE – UFRJ, 2005.

esta denominando de Arranjo Produtivo, devendo ser específico para cada Núcleo Produtivo e evolucionário para todos os Núcleos.

Arranjo produtivo local compreende um recorte do espaço geográfico (parte de um município, conjunto de municípios, bacias hidrográficas, vales, serras, etc.) que possua sinais de identidade coletiva (sociais, culturais, econômicos, políticos, ambientais ou históricos).

Além disso, ele deve manter ou ter a capacidade de promover uma convergência em termos de expectativa de desenvolvimento, estabelecer parcerias e compromissos para manter e especializar os investimentos de cada um dos atores no próprio território, e promover ou ser passível de uma integração econômica social no âmbito local.

Os arranjos pós-fordistas, de acordo com Castells⁴¹, fundamentam-se principalmente nas tecnologias de informação, geraram novos espaços industriais, caracterizados pela aglomeração das *tecnopólis*, aliás, a proximidade espacial é citada como uma condição necessária para existência da sinergia, devido à capacidade de interação entre os agentes, pelo aumento dos chamados “meios de inovação”.

Apesar de arranjos produtivos terem como pressuposto a inovação tecnológica, isto não quer dizer que se aplique o que há de mais adiantado em ciência e tecnologia. Para Thiollent⁴², antes de tudo, inovação tecnológica deve tratar de introduzir a melhor técnica ou forma de organização no contexto produtivo, com efeitos positivos avaliados por meio de critérios de rentabilidade econômica e também de critérios sociais e ambientais. Neste sentido, arranjos produtivos locais devem ser organizados para uma distribuição equitativa de renda entre seus atores, sem reduzir o potencial da Terra de sustentar a vida.

Dentro do referencial evolucionista, desenvolveram-se os conceitos de arranjo ou sistema produtivo e inovativo local, focalizando um conjunto específico de atividades econômicas que possibilite e privilegie a análise de interações, particularmente aquelas que levem à introdução de novos produtos e processos⁴³. Fundamentais para tais interações são as relações — técnicas e outras, formais e

⁴¹ CASTELLS, M. *A Sociedade em Rede*. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

⁴² THIOLLENT, M. *Pesquisa e extensão para o desenvolvimento tecnológico em contexto local*, In: Anais da III Conferência Interamericana de Educação em Engenharia e Tecnologia, Rio de Janeiro, 1994.

⁴³ CASSIOLATO, J. E. , Szapiro, M. Uma caracterização dos arranjos produtivos locais de micro e pequenas empresas. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2003.

informais — entre os diferentes agentes visando adquirir, gerar e difundir conhecimentos. Tais arranjos comumente apresentam fortes vínculos envolvendo agentes localizados no mesmo território; por sua vez, as interações referem-se não apenas a empresas atuantes em diversos ramos de atividade e suas diversas formas de representação e associação (particularmente cooperativas), mas também a diversas outras instituições públicas e privadas.

A ênfase em sistemas e arranjos produtivos locais privilegia a investigação das relações entre conjuntos de empresas e destes com outros atores; dos fluxos de conhecimento, em particular, em sua dimensão tácita; das bases dos processos de aprendizado para a capacitação produtiva, organizacional e inovativa; da importância da proximidade geográfica e identidade histórica, institucional, social e cultural como fontes de diversidade e vantagens competitivas.

Arranjos produtivos locais são aglomerações territoriais de agentes econômicos, políticos e sociais — com foco em um conjunto específico de atividades econômicas — que apresentam vínculos mesmo que incipientes. Geralmente envolvem a participação e a interação de empresas - que podem ser desde produtoras de bens e serviços finais até fornecedoras de insumos e equipamentos, prestadoras de consultoria e serviços, comercializadores, clientes, entre outros - e suas variadas formas de representação e associação. Incluem também diversas outras instituições públicas e privadas voltadas para: formação e capacitação de recursos humanos (como escolas técnicas e universidades); pesquisa, desenvolvimento e engenharia; política, promoção e financiamento.

Diante da necessidade imperiosa de aprimorar o desempenho de sua balança comercial, o Brasil pode encontrar nestes modelos de arranjos produtivos uma possibilidade de competir globalmente com maior sucesso comercial, mas também obter resultados sócio econômicos positivos engajando as pequenas e médias empresas (PME) aos diferentes atores.

Sistemas produtivos e *inovativos* locais são aqueles arranjos produtivos em que interdependência, articulação e vínculos consistentes resultam em interação, cooperação e aprendizagem, com potencial de gerar o incremento da capacidade inovativa endógena, da competitividade e do desenvolvimento local.

2.1.2.1 - A Informalidade dos Arranjos Produtivos Locais

Os arranjos produtivos locais se caracterizam pela presença marcante de

pequenas e médias empresas e muitas delas informais. Apesar de ser possível encontrar, em países da periferia capitalista, arranjos produtivos locais *mais completos* (organizados e *inovativos*, sendo estes últimos mais raros), a maior parte deles assume características de arranjos informais, tal como definido por Mytelka e Farinelli⁴⁴, ou mesmo de enclaves mono-produto.

Arranjos produtivos informais, de acordo com Mytelka e Farinelli, são compostos, geralmente, por PMEs, cujo nível tecnológico é baixo em relação à fronteira da indústria e cuja capacidade de gestão é precária. Além disso, a força de trabalho possui baixo nível de qualificação sem sistema contínuo de aprendizado. Embora as baixas barreiras à entrada possam resultar em crescimento no número de firmas e no desenvolvimento de instituições de apoio dentro do arranjo, isto não reflete, em geral, uma dinâmica positiva, como nos casos de uma progressão da capacidade de gestão; de investimentos em novas tecnologias de processo; de melhoramento da qualidade do produto; de diversificação de produtos; ou de direcionamento de parte da produção para exportações.

Desse modo, formas de coordenação e o estabelecimento de redes e ligações inter-firmas são pouco evoluídas, sendo que predomina competição predatória, baixo nível de confiança entre os agentes e informações pouco compartilhadas. A infra-estrutura do arranjo é precária, estando ausentes os serviços básicos de apoio ao seu desenvolvimento sustentado, tais como serviços financeiros, centros de produtividade e treinamento. Em alguns casos, a dificuldade de integrar verticalmente e adensar a cadeia produtiva do arranjo pode resultar em arranjos constituídos por um aglomerado de empresas mono-produto, com baixo nível de trocas e cooperação intra-arranjo.

Como resultado, mesmo em suas formas mais “incompletas”, os arranjos produtivos possuem impactos significativos sobre o desempenho das firmas, notadamente pequenas e médias, e na geração de empregos. Por isso, os arranjos produtivos têm sido considerados uma importante forma de promover o desenvolvimento econômico. Daí a importância de se desenvolver metodologias que ajudem os gestores de políticas de desenvolvimento a identificarem o surgimento destes arranjos.

⁴⁴ MYTELKA, L. K. E FARINELLI, F. *Local Clusters, innovation systems and sustained competitiveness. In: Arranjos e Sistemas Produtivos Locais e as Novas Políticas de Desenvolvimento Industrial e Tecnológico*. Rio de Janeiro: Instituto de Economia/UFRJ, 2000.

2.1.2.2 - Características dos Arranjos Produtivos Locais

O desenvolvimento de arranjos produtivos é um importante instrumento para a geração de pólos de crescimento e de descentralização industrial.

O crescimento de pequenas e médias empresas foi estimulado pela formação de distritos industriais, pelo estabelecimento de redes de cooperação, pela atuação de agências de desenvolvimento e por mecanismos diferenciados de financiamento, como capital de risco e cooperativas de crédito, conforme abordado em recente estudo do BNDES⁴⁵.

Os arranjos produtivos variam de tamanho, amplitude e estágio de desenvolvimento. O seu fortalecimento pode estar ligado a uma política governamental, federal ou estadual, objetivando o desenvolvimento regional e gerando emprego e renda. No quadro atual, é também um fator de estímulo o processo de terceirização, verificado de forma mais adiantada em determinadas indústrias, como a automobilística, que busca fornecedores competitivos em toda a cadeia produtiva.

Na grande maioria dos arranjos, há a necessidade de melhorias de processo, gerenciais e de produto. Em determinados casos, verifica-se ser prioritário avaliar o grupamento, caracterizar as empresas locais e definir as melhorias necessárias. Por isso, a participação de entidades de suporte técnico, como universidades, centros de pesquisa etc., são fundamentais, e suas atuações podem abranger a incorporação de novas tecnologias de produto e de processo, métodos de gestão, qualificação da mão-de-obra etc.

Os arranjos são definidos como um fenômeno vinculado às economias de aglomeração, associadas à proximidade física das empresas fortemente ligadas entre si por fluxos de bens e serviços.

A concentração geográfica permite ganhos mútuos e operações mais produtivas. Entre os aspectos que devem ser observados, destaca-se o papel de autoridades ou instituições locais para a organização e a coordenação das empresas, pois apenas um grupamento de empresas não é suficiente para ganhos coletivos.

Os arranjos produtivos tanto podem abranger empresas de um único setor como podem incluir um grupamento de fornecedores de insumos, máquinas,

⁴⁵ Puga F.P. *Experiências de apoio às micro, pequenas e médias empresas nos Estados Unidos, na Itália e em Taiwan*. Rio de Janeiro, fev. 2000.

materiais e serviços industriais, ou ainda ter em comuns tecnologias semelhantes ou insumos. Alguns giram em torno de pesquisas universitárias e possuem a mesma base técnica, consistindo, sobretudo em empresas de pequeno e médio portes, embora esse tamanho varie de acordo com o processo produtivo e os segmentos de que participam.

O arranjo produtivo pode ser ainda caracterizado pela existência de uma empresa motriz, âncora, e por um grupo de fabricantes com os quais ela mantém fortes vínculos técnicos, comerciais e financeiros. O conjunto de empresas relacionadas pode abranger fornecedores, clientes e prestadores de serviços. Fortemente ligado ao processo de *desverticalização*, a característica significativa desse tipo de arranjo é a necessidade de que toda a cadeia seja competitiva para que a empresa-âncora também o seja.

O desempenho, as estratégias e as técnicas de organização da produção e de gestão dessa empresa-âncora determinam as necessidades de capacitação e os padrões de produtividade do conjunto, sendo por isso o motor de determinado arranjo. Há, portanto, forte influência para a melhoria de produtividade, qualificação e capacitação das empresas relacionadas, assim como para a difusão de tecnologias de produtos e de processos produtivos.

Para todos os tipos de arranjos, mesmo naqueles grupamentos sem uma empresa-âncora, existe, no entanto, uma dinâmica, ou seja, uma força motriz que direciona as empresas para determinado comportamento e padrão de capacitação e qualidade.

2.1.2.3 - Arranjos Produtivos Locais: Inovação e Território

Segundo os autores Cassiolato e Lastres⁴⁶ a proposta de se entender sistemas e arranjos produtivos locais fundamenta-se na visão evolucionista sobre inovação e mudança tecnológica.

O conceito principal a partir do qual se propõe caracterizar arranjos e sistemas produtivos locais é o de sistemas de inovação, em suas dimensões supranacional, nacional e *subnacional*.

Este enfoque visa entender a dinâmica de funcionamento dos agentes produtivos a partir da idéia de competitividade fundada na capacidade inovativa das

⁴⁶ CASSIOLATO, J.C.; LASTRES, H. M. M. *O foco em arranjos produtivos e inovativos locais de micro e pequenas empresa*. Rio de Janeiro Redesit – IE – UFRJ, 2005.

empresas e instituições locais, individual e coletivamente. Ele está baseado em conceitos que enfatizam significativamente os aspectos regionais e locais: aprendizado, interações, competências, complementaridades, seleção, *path-dependencies*, governança, etc. O aprendizado, considerado como fonte principal da mudança, baseia a acumulação das competências das empresas. Tais competências, por sua vez, são extremamente heterogêneas entre os diferentes agentes mesmo dentro de uma mesma atividade. Igualmente aponta-se para a importância dos estímulos aos diferentes processos de aprendizado e de difusão do conhecimento, assim como a necessária diversidade nas formas das políticas. Fundamental nesta análise é o entendimento das relações e interações entre os diferentes agentes visando ao aprendizado, as quais apresentam forte especificidade local. Contrariamente ao que é sugerido por aqueles que acreditam que o importante, na atual fase de aceleração do processo de globalização, é simplesmente a aquisição (no mais das vezes, importação) de produtos sofisticados, passa a ter relevo ainda maior os objetivos de promover e gerar localmente os processos que estimulem o aprendizado e a acumulação de conhecimentos.

A visão evolucionista, porém, não é suficientemente clara com relação ao entendimento preciso desta especificidade local. Assim, o que se constitui no segundo eixo analítico necessário ao entendimento dos processos de competitividade de aglomerações de PMEs é uma visão específica do território, a qual deve ser mais qualificada. Inicialmente deve-se notar que, surpreendentemente, os debates sobre o processo de globalização raramente são efetuados a partir da sua dimensão espacial. De fato, as categorias tradicionais através das quais o debate sobre a globalização tem sido enquadrado – investimento direto estrangeiro, comércio de *commodities*, redes globais de produção, etc – insinuam uma contínua *desterritorialização* da atividade econômica, implicando inclusive a redução da margem de manobra dos Estados nacionais. É mais ou menos intuitivo concluir que tais categorias são inadequadas para tratar da questão da territorialização ou *desterritorialização*⁴⁷. Storper⁴⁸ afirma que, é até curioso que um processo

47 A territorialização está ligada a interdependências específicas da vida econômica, não podendo ser definida meramente como localização das atividades. Considera-se que uma atividade seja totalmente territorializada quando sua viabilidade econômica está enraizada em ativos (incluindo práticas e relações) que não estão disponíveis em outros lugares e que não podem ser facilmente ou rapidamente criadas ou imitadas em lugares que não as têm.

48 STORPER, M., 1997 apud CASSIOLATO, J.C.; LASTRES, H. M. M. O foco em arranjos produtivos e

fundamentalmente geográfico, denominado por um termo geográfico – globalização – seja analisado como um conjunto de fluxos (inclusive de recursos) sem considerar suas interações com a territorialidade do desenvolvimento econômico.

Esta questão torna-se um fator analítico fundamental para o debate sobre economia e política da globalização na medida em que supõe a capacidade de estados e outras instituições negociarem e barganharem com grandes grupos multinacionais e, portanto, serem capazes de influir nas decisões quanto ao desenvolvimento. No processo de globalização ressalta um crescimento da organização de sistemas globais de produção comandada por grandes empresas multinacionais que administram e gerenciam redes de produção e investimento global em tempo real, envolvendo manipulação e otimização de insumos, capital, informação e *marketing*. A implicação primeira de tal situação seria a desterritorialização crescente das atividades econômicas.

Apesar de este modelo de organização da produção ser dominante, não se pode concluir que ele implica imediatamente uma desterritorialização da produção, como um todo. Parte significativa das cadeias globais de produção é baseada em importantes recursos vinculados à criação de conhecimento. As políticas nacionais de desenvolvimento científico e tecnológico têm tido um papel fundamental no enraizamento de tais atividades mais nobres. Assim a maior ou menor territorialização das atividades ao longo das cadeias globais tem sido condicionada pela maior ou menor capacidade dos diferentes governos de desenhar e implementar políticas pertinentes. Tais políticas, particularmente nos países em desenvolvimento, devem partir do pressuposto de que simplesmente possuir recursos naturais escassos não define territorialização no quadro atual do capitalismo. Os recursos fundamentais para a territorialização passam crescentemente a circunscrever-se àqueles vitais para a geração, aquisição e uso de conhecimentos. Com isto amplia-se a importância dos processos de aprendizado e de capacitação. Alguns autores como Lastres Ferraz, Cassiolato, e Maciel, afirmam que

✓ mais grave ainda do que não possuir fontes de acesso a informações é não dispor de conhecimentos suficientes para fazer uso delas.⁴⁹

inovativos locais de micro e pequenas empresa. Rio de Janeiro Redesit – IE – UFRJ, 2005.

⁴⁹ LASTRES, H. M. M, FERRAZ, J. 1999 apud CASSIOLATO, J.C.; LASTRES, H. M. M. *O foco em arranjos produtivos e inovativos locais de micro e pequenas empresa*. Rio de Janeiro Redesit – IE – UFRJ, 2005.

✓ mostra-se urgente refletir sobre as novas formas de geopolítica derivadas das pressões para privatização e controle de conhecimentos, através da criação de escassez artificial deste recurso abundante.⁵⁰

✓ É, portanto, para o fortalecimento das possibilidades de endogeneizar tais recursos que as novas políticas de desenvolvimento industrial e tecnológico devem se direcionar. Não é surpresa alguma que o acordo internacional que levou à criação da OMC se, por um lado, instituiu significativas barreiras para as políticas industriais tradicionais, como apoio ao financiamento, estímulos à exportação, etc., permite incondicionalmente aquelas políticas voltadas ao desenvolvimento local e ao desenvolvimento tecnológico.

2.1.3 - Clusters Industriais

O cenário competitivo que desponta no início do século XXI, caracterizado pelo ritmo acelerado das mudanças tecnológicas e pela liberalização e volatilização dos mercados globais, não pode obliterar a necessidade de uma visão estratégica de desenvolvimento local e de obtenção de vantagens competitivas sistêmicas.

O sucesso competitivo de alguns países ou regiões não pode ser explicado apenas pela trajetória de desenvolvimento moldada pelas instituições públicas que coordenam atores econômicos locais ou pela análise das dimensões macroeconômicas. Segundo os autores Porter, Segenberger, Pyke e Williamson, muitas vezes é no nível dos relacionamentos inter e intra firmas, coordenadas por agentes privados, que se encontram parâmetros essenciais para equacionar os determinantes locais da competitividade⁵¹.

Porter⁵² enxerga a questão dos clusters como um elemento crítico para a competitividade, pois catalisa as competências locais de forma de forma a construir externalidades produtivas e sustentáveis.

⁵⁰ CASSIOLATO, J.C.; LASTRES, H. M. M., MACIEL, M. L. apud CASSIOLATO, J.C.; LASTRES, H. M. M. *O foco em arranjos produtivos e inovativos locais de micro e pequenas empresa*. Rio de Janeiro Redesit – IE – UFRJ, 2005.

⁵¹ PORTE R, M., SEGENBERG & PYKE, WILLIAMSON, O. E., 1990 apud CARVALHO, M. M, *Relações entre empresas, competências coletivas e tipos de governança em clusters de alta tecnologia no Estado de são Paulo*. Revista Textília, São paulo, p. 4 - 10, 20 jul. 2001

Porter dissecou a anatomia de alguns dos principais clusters em busca dos principais atores e seus relacionamentos no que concerne à competição e cooperação. Segundo o autor, é possível identificar uma rede de relacionamentos entre companhias e outras entidades importantes à competição, concentradas geograficamente e atuando em um campo específico. Esta rede inclui fornecedores especializados de matérias-primas, equipamentos e serviços, bem como infraestrutura adequada e acesso a canais de distribuição e aos consumidores. Finalmente, encontram-se presentes em vários clusters agências governamentais e outras instituições, tais como universidades, serviços de treinamento técnico, associações de normalização, associações de classe e comerciais.

Sintetizando, o estudo de Porter apresenta os clusters como uma vantagem competitiva de regiões, fruto da harmonia entre concorrência e cooperação que permitem explorar as competências locais. Três aspectos relacionados com a formação dos clusters são destacados pelo autor na alavancagem da competitividade, quais sejam: impacto na produtividade e escala; na inovação e na formação de novos negócios. Estes impactos gerados pela formação dos clusters são capazes de alterar a composição das cinco forças competitivas, no que concerne a análise estrutural da indústria⁵³.

O conceito de clusters industriais refere-se à emergência de uma concentração geográfica e setorial de empresas, a partir da qual são geradas externalidades produtivas e tecnológicas.

Partindo da ideia simples de que as atividades empresariais raramente encontram-se isoladas, o conceito de cluster busca investigar atividades produtivas e inovativas de forma integrada à questão do espaço e das vantagens de proximidade. A literatura especializada sobre o tema geralmente associa este tipo de arranjo a um conjunto de empresas e instituições espacialmente concentradas que estabelecem entre si relações verticais - compreendendo diferentes estágios de determinada cadeia produtiva - e horizontais - envolvendo o intercâmbio de fatores, competências e informações entre agentes genericamente similares. Em termos da sua conformação interna, estes clusters geralmente incluem firmas interdependentes (incluindo fornecedores especializados), agentes produtores do conhecimento

⁵² PORTER, M, 1998 apud CARVALHO, M. M, Relações entre empresas, competências coletivas e tipos de governança em clusters de alta tecnologia no Estado de São Paulo. Revista Textília, São paulo, p. 4 - 10, 20 jul. 2001.

⁵³ CARVALHO, M. M, Relações entre empresas, competências coletivas e tipos de governança em clusters de alta tecnologia no Estado de São Paulo. Revista Textília, São paulo, p. 4 - 10, 20 jul.

(universidades, institutos de pesquisa, empresas de consultoria, etc.), instituições-ponte (consórcios, incubadoras, etc.) e consumidores, os quais se articulam entre si através de uma cadeia produtiva espacial e setorialmente localizada⁵⁴.

No plano teórico, a importância dos clusters industriais tem sido enfatizada por análises que se encontram na fronteira entre a literatura de Organização Industrial e os estudos de Economia Regional. A literatura de Organização Industrial aponta a importância de se identificar, com o maior nível de detalhe possível, qual a “estrutura” interna dessas aglomerações, o que envolve uma série de questões importantes, tais como: o padrão de especialização setorial das mesmas; o tamanho relativo de seus membros participantes; as articulações inter-industriais subjacentes; os padrões de concorrência que prevalecem nos mercados respectivos e as vantagens competitivas que podem ser geradas a partir da estruturação desses arranjos. Em comparação com este tipo de recorte analítico, os estudos de Economia Regional costumam atribuir particular importância a determinados “fatores locais” que influenciam a instalação de uma indústria em determinada região, procurando explicitar as forças motoras deste processo e os impactos resultantes sobre a dinâmica de reprodução e transformação de regiões *geo-econômicas* específicas.

Dois aspectos específicos podem ser destacados como pontos de confluência e complementaridade entre essas abordagens. Por um lado, ambas ressaltam a importância da “proximidade” entre os agentes – a qual pode ser referenciada ao plano organizacional, espacial ou a diferentes estágios de determinada cadeia produtiva - como fator de indução de articulações e interações entre os mesmos. Por outro lado, essas análises também ressaltam a importância do contexto social e institucional subjacente como fator de estímulo à consolidação desses arranjos.

A crescente importância atribuída pela literatura econômica à análise dos clusters industriais reflete também o reconhecimento de que a análise setorial tradicional não dá conta de uma série de fenômenos crescentemente importantes na dinâmica industrial. A ênfase nesse tipo de arranjo oferece uma alternativa em relação ao enfoque setorial tradicional, na medida em que incorpora uma série de fatores relacionadas a mudanças nas condições de rivalidade entre firmas e permite captar uma série de elementos estruturais e sistêmicos que afetam a

⁵⁴ BRITTO, J. *Características estruturais e modus operandi das redes de firmas em condições de diversidade tecnológica*, Dissertação de Doutorado, IE-UFRJ, 1999.

competitividade dos agentes.

No plano metodológico, a análise dos clusters industriais integra-se a análises que privilegiam um recorte “meso-econômico” da dinâmica industrial, as quais ressaltam o papel desempenhado por “sub-sistemas” estruturados na modulação daquela dinâmica⁵⁵. Em especial, esses sub-sistemas caracterizam-se pela existência de uma autonomia relativa em relação às forças externas, bem como a presença de um certo grau de “auto-organização” e de uma capacidade endógena de transformação, que lhes confere um caráter essencialmente dinâmico.

Os clusters industriais não devem ser concebidos como mera aglomeração espacial de atividades industriais presentes em determinados setores, mas sim como sistemas locais de produção onde predominam relações de complementaridade e interdependência entre diversas atividades localizadas num mesmo espaço geográfico e econômico. Esses clusters são concebidos como ponto de confluência entre a organização de sistemas regionais-locais de inovação no plano institucional e a emergência de “redes de firmas” como forma padrão de conformação empresarial desses sistemas. No interior dessas redes destaca-se a existência de uma certa “divisão de trabalho” entre agentes, a qual, por um lado, reforça a interdependência entre os mesmos e, por outro, possibilita a obtenção de uma série de vantagens competitivas em relação a firmas isoladas.

2.1.3.1 - Clusters na Indústria Brasileira

Os clusters têm surgido espontaneamente e que, à medida que os mesmos evoluem e se fortalecem, é comum o surgimento de instituições responsáveis pela estruturação de mecanismos de suporte e pela definição de diretrizes para o desenvolvimento desse conjunto de atividades. Isto, entretanto, não significa que o governo não desempenhe um papel importante na estruturação desses arranjos, atuando como facilitador - sobretudo na infra-estrutura, inclusive a especializada - e catalisador desse processo. Além do impacto da constituição desses arranjos sobre o desenvolvimento regional e a competitividade setorial de diversas indústrias, a constituição dos mesmos gera importantes benefícios sociais, não apenas devido ao surgimento de um conjunto de serviços e fornecedores especializados em escala

55 BRITTO, J. *Technoligical diversity and industrial networks: an analysis of the modus operandi of co-operative arrangements*, SPRU Eletronic Working Papers Series (Sewp) no 4, SPRUUniversity of Sussex, janeiro 1998.

local, mas também pelo fato de que boa parte desse aparato é composto de pequenas e microempresas que encontram nichos nos reforçam a sua posição competitiva e auxiliam a competitividade do conjunto do cluster.

Transformações recentes ocorridas na economia brasileira também vêm aumentando o interesse pelo fenômeno da consolidação de clusters industriais. Evidências coletadas em diversas análises sugerem que o processo de reestruturação produtiva do setor industrial ocorrido na década de 90 tem gerado importantes desdobramentos sobre as articulações entre agentes no interior das cadeias produtivas e sobre o padrão de localização espacial das atividades industriais. Paralelamente, também observa-se uma tendência à elevação do grau de concentração da indústria, visando enfrentar os desafios de uma concorrência mais acirrada e seletiva, o que também gera importantes desdobramentos sobre o perfil de distribuição espacial e a estrutura das cadeias produtivas da indústria.

Um outro fator importante refere-se às crescentes pressões pela busca de maiores níveis de eficiência na utilização de fatores produtivos, o que estimula a localização de atividades produtivas em regiões onde a disponibilidade de fatores – mão de obra e recursos naturais, em especial – seja mais favorável, tanto do ponto de vista quantitativo como qualitativo. É possível mencionar também um processo de desconcentração espacial da indústria, com o conseqüente surgimento de novas áreas industriais no Brasil, o qual remonta à década de 70, mas que vem adquirindo uma nova dinâmica no período mais recente. Este processo tem sido estimulado pela possibilidade de estruturação de clusters industriais em regiões não vinculadas diretamente às áreas tradicionais que haviam comandado o processo de localização espacial da indústria brasileira. Além disso, destacam-se estímulos de instrumentos de política econômica, definidos no plano federal, estadual e municipal, à re-localização espacial de indústrias, os quais também têm estimulado a consolidação de novos clusters industriais.

Para as condições de um país com um sistema de inovação imaturo como o Brasil, é necessário articular a discussão sobre a importância desses clusters, com a contribuição que esses arranjos podem oferecer em termos de (*catching up*⁵⁶) de produtos e processos industriais, possibilitando a redução da distância tecnológica de regiões do país vis-à-vis à fronteira tecnológica internacional. Essa observação é importante para qualificar o que é ser inovativo nessas circunstâncias e para ampliar

o espectro de possíveis clusters, pois a existência de um elemento dinâmico - a capacidade de “subir degraus” na escada tecnológica – é o suficiente para identificar a capacidade de implementar inovações à luz de um processo de *catching up*.

A realização de uma análise mais rigorosa sobre a presença de clusters industriais na economia brasileira se defronta, porém, com o problema da ausência de bases de dados mais bem estruturadas, que possibilitem a identificação desses sistemas locais. Nesse sentido, a realização de um estudo da distribuição espacial dos clusters industriais na economia brasileira revelou-se uma tarefa mais complicada do que o inicialmente previsto, devido aos problemas relacionados a uma certa imprecisão conceitual do termo – que muitas vezes tende a ser utilizado de forma excessivamente abrangente, permitindo que qualquer tipo de aglomeração setorial de indústrias seja caracterizada como um cluster – como em razão da falta de dados com o nível de desagregação necessário para uma análise mais rigorosa do fenômeno.

No Brasil, existem clusters em diversas regiões, mas a maioria das MPMEs⁵⁷ atua de forma isolada. O estabelecimento de laços de cooperação entre as MPMEs brasileiras, através da promoção de clusters ou de alianças estratégicas, pode ser um instrumento importante para estimular o crescimento destas empresas. Enquanto a promoção de clusters é importante para o desenvolvimento regional, o estabelecimento de alianças estratégicas é importante para capacitar as empresas a responder aos desafios impostos pela globalização e conquistar novos mercados. Segundo Garofoli⁵⁸, deve-se lembrar porém que as redes de empresas constituídas por empresas de clusters podem ser hierarquizadas ou não, e a natureza dos laços hierárquicos irá definir a forma da cooperação entre as empresas. Uma rede hierarquizada excessivamente rígida pode inibir o crescimento das MPMEs, ao tornar o desempenho destas empresas dependente da firma dominante.

Organizar laços de cooperação dentro de um cluster pode parecer relativamente mais simples do que o estabelecimento de alianças estratégicas, uma vez que as firmas do cluster estão próximas umas das outras, seus empresários provavelmente já se conhecem e têm uma formação cultural comum. Conforme

⁵⁶ Expressão da língua inglesa utilizada com o significado de atualização tecnológica.

⁵⁷ Abreviatura utilizada para se referir às empresas de pequeno porte no mercado. Esta abreviatura ficou consagrada nas bibliografias principalmente após o crescimento dos aglomerados locais, significando micro, pequenas e médias empresas.

⁵⁸ GARAFOLI, G., 1993 apud BRITTO, J. *Características estruturais dos clusters industriais na economia brasileira* - Projeto de Pesquisa Arranjos e Sistemas Produtivos Locais e as Novas Políticas de Desenvolvimento Industrial e Tecnológico – UFF, Rio de Janeiro, jun, 2000.

observado por Bell e Albu⁵⁹, o que deve ser enfatizado na análise do desenvolvimento tecnológico e do crescimento de um cluster não é o seu sistema produtivo, e sim o seu sistema de conhecimento, definido como os fluxos de conhecimento, os estoques de conhecimentos e os sistemas organizacionais envolvidos em gerar e administrar mudanças nos produtos, nos processos e na organização da produção. Assim, a natureza do sistema de conhecimento das firmas de um cluster irá condicionar sua capacidade inovadora e suas possibilidades de crescimento. Entretanto, a existência de clusters por si só não garante o dinamismo tecnológico das firmas nela situados, e nem sempre garante o estabelecimento de laços de cooperação visando um aumento de competitividade⁶⁰.

2.1.3.2 - Micro e Pequenas Empresas Brasileiras e a Necessidade de se Organizar em Clusters

As dificuldades de definição do conceito de MPMEs e o peso do setor informal na economia brasileira levam a diferentes visões sobre a importância destas empresas na economia do país. Segundo estimativas do SEBRAE, há cerca de três milhões e meio de MPMEs no Brasil, das quais 1,9 milhões são microempresas. As estatísticas sobre constituição de firmas individuais nos últimos dez anos permitem estimar também que pelo menos metade das empresas registradas no Brasil são de pequeno porte. Entretanto, apenas 30% das empresas sobrevivem por mais de cinco anos (Romero 1999). Os dados da RAIS mais recentes indicam que em 2004, 66% do emprego no país estava localizado em estabelecimentos com até 500 empregados, e 44,6% do emprego localizado em estabelecimentos até 100 empregados. Assim, a importância das MPMEs para a geração de emprego é evidente⁶¹.

Entretanto, as perspectivas destas empresas no que se refere à geração de renda diferem de acordo com condições setoriais, locais e de inserção no mercado

⁵⁹ BELL, M. ABU, M. apud BRITTO, J. *Características estruturais dos clusters industriais na economia brasileira* - Projeto de Pesquisa Arranjos e Sistemas Produtivos Locais e as Novas Políticas de Desenvolvimento Industrial e Tecnológico – UFF, Rio de Janeiro, jun, 2000.

⁶⁰ BRITTO, J. *Características estruturais dos clusters industriais na economia brasileira* - Projeto de Pesquisa Arranjos e Sistemas Produtivos Locais e as Novas Políticas de Desenvolvimento Industrial e Tecnológico – UFF, Rio de Janeiro, jun, 2000.

⁶¹ IEL, CNA e SEBRAE, *Análise da eficiência econômica e da competitividade da cadeia têxtil brasileira* / IEL, CNA e SEBRAE - Brasília, D.F.: IEL, 2000. 480p

externo.

Estudos recentes sobre o desempenho competitivo das MPMEs indicam que existem limitações a este desempenho que são comuns às empresas de países desenvolvidos e em desenvolvimento, tais como máquinas obsoletas, administração inadequada e dificuldades de comercialização de seus produtos em novos mercados (Levistky 1996).

O uso de máquinas obsoletas é generalizado entre as MPMEs devido às dificuldades que estas empresas encontram em obter crédito. Tanto os países desenvolvidos como países em desenvolvimento têm mecanismos de crédito específicos para estas empresas, mas nem sempre elas podem utilizá-los. No Brasil, por exemplo existem diversas linhas de financiamento especiais para empresas pequenas. Entretanto, a simples exigência de estar em dia com as obrigações fiscais para obter crédito exclui a maioria das MPMEs. Nos países desenvolvidos, as garantias exigidas para a concessão de empréstimos são por vezes elevadas, inibindo os empresários, em particular os de microempresas, a utilizarem estes recursos. Assim, as MPMEs também têm condições de crédito menos favoráveis que as grandes empresas e portanto são mais sensíveis aos ciclos econômicos, o que inibe os seus esforços de atualização tecnológica⁶².

Os esforços de atualização tecnológica das MPMEs, por sua vez, são condicionados pelas características da atividade inovadora destas empresas. A capacidade inovadora das MPMEs depende de vários fatores, relacionados à organização do setor e ao sistema de inovações no qual elas se encontram. Como observado por Rothwell e Dodgson (1993), tanto as MPMEs como as grandes empresas têm vantagens para gerar e adotar inovações. Enquanto as grandes empresas têm vantagens materiais para gerar e adotar inovações, devido à sua maior capacidade de P&D, as pequenas e médias empresas têm vantagens comportamentais relacionadas à sua maior flexibilidade e capacidade de adaptação a mudanças no mercado. Normalmente as empresas menores têm atividades diversificadas e estruturas flexíveis que favorecem respostas rápidas a mudanças no mercado. Além disso, estas empresas podem operar em nichos que apresentam uma alta taxa de inovação. Finalmente, o ambiente das empresas pequenas induz a uma maior motivação dos empregados em desenvolver a produtividade e a competitividade através de inovações (Julien 1993, OECD 1995).

⁶² BRITTO, J. , op. cit., 2000.

Entretanto, as pequenas empresas não têm necessariamente um potencial inovador maior do que as grandes, pois têm menor acesso a informações tecnológicas, e, portanto podem ser menos propensas à inovação⁶³.

Além disso, a atividade inovadora envolve um risco para as empresas que frequentemente as inibe. Por exemplo, uma pesquisa na Itália no início dos anos 90 mostrou que 85% das empresas inovadoras e 80% das não inovadoras consideravam os riscos da atividade inovadora elevados, face às dificuldades de obtenção de financiamento adequado. Como as empresas menores têm maiores dificuldades de obtenção de crédito, para elas o risco da atividade inovadora pode ser relativamente mais elevado. Já as grandes empresas têm maior acesso a crédito e economias de escala em P&D, tendo portanto maiores chances de desenvolver e implementar o que se tornará o “design dominante” de uma indústria. As grandes empresas costumam também ter maior poder político, o que dá a elas condições de influenciar os rumos das políticas de inovação⁶⁴.

Por meio dos consórcios de exportação, as MPEs podem encontrar uma oportunidade de diversificar mercados, diminuir efeitos da sazonalidade em alguns setores e alavancar seus lucros. De acordo com Minervini⁶⁵, os consórcios constituem uma associação jurídica de empresas (geralmente inseridas em um cluster), que têm como objetivo a entrada conjunta em mercados internacionais, buscando a competitividade por meio da redução de riscos e custos que são inerentes à internacionalização das empresas.

A baixa capacitação gerencial das MPMEs decorre do fato de que estas empresas são em sua maioria familiares. Além disso, o tamanho reduzido das empresas faz com que seus proprietários/administradores tenham um horizonte de planejamento de curto prazo, ficando presos num círculo vicioso onde a resolução de problemas diários impede a definição de estratégias de longo prazo e de inovação⁶⁶.

Esta baixa capacitação é responsável também pelas dificuldades que MPMEs têm em conquistar novos mercados.

⁶³ Cf. OCDE. *What Future for Our Countryside?* Paris, A Rural Development Policy, 1993.

⁶⁴ MARCUM, J. , 1992 apud *Características estruturais dos clusters industriais na economia brasileira* - Projeto de Pesquisa Arranjos e Sistemas Produtivos Locais e as Novas Políticas de Desenvolvimento Industrial e Tecnológico – UFF , Rio de Janeiro, jun, 2000.

⁶⁵ MINERVINI, M., 1999 apud IGLIORI, D.C. *Economia dos clusters industriais e desenvolvimento*. São Paulo, Iglu, 2001.

⁶⁶ VOS, J.P., KEIZER, JIMME, HALMAN, JOOP, M. apud ROVERE, R.L.L. *Perspectivas das micro, pequenas e médias empresas no Brasil*. Grupo de Economia e Inovação – Instituto de Economia da

As limitações acima apontadas são agravadas quando estas empresas se encontram isoladas no mercado em vez de estarem em redes de empresas. Por exemplo, estudos nos países em desenvolvimento mostram que as MPMEs que se localizam em clusters têm mais chances de sobrevivência e de crescimento do que empresas similares isoladas⁶⁷. Isto porque no novo paradigma tecno – econômico há necessidade de intenso investimento em conhecimento, que por sua vez depende de processos de aprendizado interativos⁶⁸. Os clusters e as alianças estratégicas permitem o estabelecimento de laços de cooperação que possibilitam às empresas, principalmente as MPMEs, um maior acesso a informações e conhecimento. Convém esclarecer que o cluster se caracteriza por aglomerações setoriais e espaciais de empresas (Schmitz e Nadvi 1999), enquanto que as alianças estratégicas são realizadas por empresas de uma cadeia produtiva dispersas geograficamente.

A importância de fatores locais na atividade inovadora faz com que o sucesso das políticas de apoio às MPMEs dependa do sistema de inovações da região. A articulação entre empresas, associações patronais, comerciais e de classe, centros de ensino e pesquisa, instituições financeiras e órgãos de política que caracteriza um sistema de inovações varia de acordo com a região considerada, o que coloca limites a políticas baseadas em experiências de sucesso de outros países ou regiões⁶⁹.

Geralmente os consórcios estão em regiões especializadas setorialmente e potencialmente competitivas. Na conceituação de Porter⁷⁰, essas concentrações geográficas de empresas de um determinado setor de atividade e organizações correlatas, indo desde fornecedores de insumos a instituições de ensino, são chamadas de cluster. Os clusters provocam tanto a concorrência como a cooperação.

* * *

UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

⁶⁷ LEVISTKY, J. apud ROVERE, R.L.L. *Perspectivas das micro, pequenas e médias empresas no Brasil*. Grupo de Economia e Inovação – Instituto de Economia da UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

⁶⁸ LEMOS, C. ROVERE, R.L.L. *Perspectivas das micro, pequenas e médias empresas no Brasil*. Grupo de Economia e Inovação – Instituto de Economia da UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

⁶⁹ ROVERE, R.L.L. *Perspectivas das micro, pequenas e médias empresas no Brasil*. Grupo de Economia e Inovação – Instituto de Economia da UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

Neste capítulo foi possível ampliar a discussão sobre as novas configurações espaciais descritas na literatura especializada, no cenário produtivo “lançadas” pelo pós-fordismo.

Uma análise crítica inicia-se com os distritos industriais marshallianos, abordando a influência que suas heranças institucionais baseadas na agricultura, exercem sobre o comportamento dos aglomerados industriais. Em seguida, uma profunda discussão sobre os arranjos produtivos locais, se faz necessária, com intuito de averiguar a complexidade deste tipo de aglomeração, assim como, seu potencial de desenvolvimento no mercado composto por empreendimentos de pequeno porte. E finalmente, uma discussão sobre clusters industriais, em que é possível verificar a importância das aglomerações regionais para a sobrevivência e desenvolvimento dos pequenos e médios negócios.

Como já foi observado nos capítulos anteriores, a transição do fordismo para o pós-fordismo ocasionou uma mudança no cenário produtivo. Fatores como a era do conhecimento, a modernização e a globalização, trazem para a industrialização um contexto de interdependência, competitividade e alto custo de produção.

É dentro deste cenário de interdependência, competitividade e custos elevados de produção, que a indústria têxtil brasileira é obrigada a se reestruturar, destinando sua demanda para a exportação, já que sua fonte de demanda no mercado interno sofria fortes retrações. Com a globalização e a internacionalização da produção, vieram os altos custos das políticas de exportação, ocasionando a falência de muitas empresas, principalmente de pequenos negócios. Diante de tal realidade, a indústria têxtil brasileira identifica nos sistemas locais de produção uma saída para a manutenção e sobrevivência de seus empreendimentos no mercado.

O capítulo a seguir, caracteriza a indústria têxtil brasileira através de uma análise quantitativa de suas potencialidades, assim como, suas deficiências que podem vir a ser sanadas pela estruturação de aglomerações locais, já que a estrutura industrial do complexo têxtil no Brasil é densa e diversificada, característica que contribui para uma constituição e inserção em atividades mais integradas industrialmente.

⁷⁰ PORTER, M. *Competição - on competition: estratégias competitivas essenciais*.. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1999.

CAPÍTULO 3

A INDÚSTRIA TÊXTIL BRASILEIRA FRENTE À REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA:

Perspectivas e Desafios

O capítulo anterior analisou de forma ampliada, as diversas formas de sistemas locais de produção advindos com o pós-fordismo, assim como, sua importância na indústria moderna. Essas novas formas de sistemas locais de produção, tais como, os distritos industriais marshallianos, os clusters e os arranjos produtivos locais, permitiram com que empresas de pequeno porte tomassem lugar no mercado e alterassem o cenário industrial.

Isto posto, um elo entre estes aglomerados e a indústria têxtil brasileira, se faz necessário, com intuito de verificar esta prática industrial no setor, assim como, seus reflexos no desenvolvimento têxtil do país.

O objetivo deste capítulo é abordar as transformações sofridas pela indústria têxtil brasileira que permitiram uma mudança drástica no cenário nacional e um considerável desenvolvimento do setor.

O capítulo inicia-se com relatos da modernização ocorrida no parque industrial têxtil brasileiro e suas implicações na economia nacional. Em seguida, uma análise quantitativa se faz necessária, com o objetivo de detectar o potencial existente no setor e a sua capacidade de melhoria eminente. E por fim, uma análise das configurações nacionais típicas da indústria têxtil brasileira na atual fase de globalização, em que, a estrutura industrial dos países com suas especificidades na construção histórica influenciam diretamente no desenvolvimento e sofisticação do setor.

* * *

A indústria têxtil brasileira sofreu muitas transformações nas últimas décadas. De acordo com Mitelka⁷¹, elevações nos custos e equipamento e o aumento maciço na escala de produção a indústria têxtil tornou-se mais capitalizada e mais intensa. A mão-de-obra não qualificada foi reduzida drasticamente, isto devido à eliminação de etapas do processo produtivo e também pelo aumento da produtividade do trabalho.

Várias mudanças no cenário têxtil permitiram o desenvolvimento deste setor. Fatores como a proximidade do consumidor final e a necessidade da flexibilidade para atender as intensas flutuações de demanda. A flexibilidade na indústria têxtil necessitou da inserção de novas tecnologias, técnicas organizacionais, sem falar de um criterioso processo de transmissão de informações que permite o controle de todas as etapas da cadeia têxtil.

A estratégia foi fundamental nas empresas têxteis, como afirma Garcia:

“[...] O sucesso concorrencial das empresas têxteis passou a depender cada vez mais de estratégias voltadas a estimular o fluxo rápido de informações, assim como o estreitamento das relações com fornecedores, clientes e firmas subcontratadas, mediante a formação de redes de cooperação. A eficiência da indústria têxtil passou a refletir não apenas a competitividade das empresas isoladas, mas também a eficiência de todas as empresas pertencentes à cadeia têxtil. Nesse sentido, a cooperação interfirmas, tanto em nível vertical como em nível horizontal, ganhou importância fundamental no processo de concorrência na indústria têxtil”.⁷²

A indústria têxtil brasileira sempre possuiu sua maior fonte de demanda no mercado interno, havendo pouco destaque em suas exportações. Mas nas décadas de 80 e 90, a demanda interna sofreu intensas retrações de artigos têxteis. Este comportamento da demanda forçou muitas indústrias a adotar políticas de

⁷¹ MITELKA, L.K. *apud* GARCIA, R. *Aglomerações setoriais e distritos industriais: um estudo das indústrias têxteis e calçados no Brasil*. IE – UNICAMP. Campinas. (Dissertação de Mestrado). 1996

⁷² GARCIA, R. *Aglomerações setoriais e distritos industriais: um estudo das indústrias têxteis e calçados no Brasil*. IE – UNICAMP. Campinas. (Dissertação de Mestrado). 1996, p.47.

exportação, para compensar a escassa demanda doméstica⁷³. Tais medidas não mudaram o cenário das empresas brasileiras, pois o destino dos artigos têxteis para a exportação ocorre essencialmente quando há uma forte retração na demanda interna.

Políticas de exportação foram dotadas por um pequeno número de grandes empresas nacionais, já que pequenas e médias empresas não teriam estrutura suficiente para suportar o aumento dos custos de capital proporcionados pelo uso de novas tecnologias nas indústrias têxteis internacionais.

Na dimensão nacional, a indústria têxtil-vestuário passou por profundas transformações na década de 1990, sendo que a abertura comercial desde o final dos anos 1990, combinada com as medidas do Plano Real em 1994, contribuiu fortemente para estas mudanças. Ainda que os estudos mais recentes, em especial os do final dos anos 1990 pra cá, sobre a indústria têxtil, tenham apresentado uma inclinação a uma leitura mais positiva em termos de modernização e aumento de competitividade do complexo têxtil no Brasil após a forte reestruturação produtiva ocorrida nos anos 1990, estes estão longe de serem convergentes em seus diagnósticos e, sobretudo em sugestão de políticas, assim como apontam fragilidades e limitações da indústria têxtil. Este fato não necessariamente traz uma leitura negativa, mas indica a complexidade e diversidade dos fenômenos na estrutura industrial e empresarial do complexo têxtil, e, requisita, novos estudos, de diversas dimensões, entre elas a dimensão tecnológica.

O fator que mais proporcionou o bom desempenho das indústrias têxteis nacionais em suas exportações foi a utilização de tecidos em algodão em seus artigos, de acordo com Garcia, elas possuíam um diferencial:

“[...] As fibras de algodão apresentam algumas características físicas que impedem o incremento explosivo da produtividade, fato que não ocorre, por exemplo, no segmento de tecidos artificiais ou sintéticos. A concorrência internacional no segmento de tecidos naturais é menos acirrada, o que dá possibilita às empresas nacionais, ao menos às maiores, expandir suas vendas ao mercado externo”.⁷⁴

A falência de micro e pequenas empresas ocorreram em grande número entre as indústrias têxteis. Esta falência foi proporcionada pela combinação entre a

⁷³ Nomenclatura utilizada para referir-se a demanda interna.

⁷⁴ GARCIA, R. op.cit., 1996,p.48.

retração da demanda doméstica e a intensificação do capital.

Para Hiratuka & Garcia⁷⁵, o fator contribuiu ainda para a concentração da produção: a abertura comercial acelerada. O acirramento da concorrência no mercado doméstico a partir da abertura comercial ocorreu em um momento de forte retração da demanda interna, trazendo consequências extremamente negativas em termos de rebaixamento das taxas de lucro e da capacidade de financiamento interno das empresas. Essa redução de margem de lucro ocorreu de maneira mais grave em segmentos como o de vestuário e o de tecidos artificiais e sintéticos, em que é grande a presença de pequenas e médias empresas.

As grandes empresas do setor têxtil nacional se empenharam em uma política de modernização de seu parque produtivo. Mas, mesmo com todo empenho, não se compara aos dispositivos tecnológicos das indústrias de países asiáticos, por exemplo.

As inovações no ambiente organizacional da indústria têxtil brasileira vêm crescendo timidamente. Alguns itens fundamentais para a modernização e o desenvolvimento do setor são muitas vezes deixados de lado. A cooperação interfirmas, fundamental para o crescimento de pequenas e médias empresas é em muitas situações trocado pela acirrada concorrência, tirando a possibilidade destas empresas trabalharem em padrão de igualdade com grandes indústrias no mercado.

Outro fator que deve ser mencionado é a relação com os fornecedores que se fundamenta em interesses a curto prazo, impedindo a relação cliente-fornecedor, indispensável para empresas que buscam maior integração em seus segmentos.

Em termos de relações horizontais de cooperação, Garcia⁷⁶ afirma que, uma forma bastante encontrada na indústria têxtil brasileira, especificamente no segmento de tecelagem, é a subcontratação ou *fação*. Essa prática tem sido bastante utilizada pelas empresas maiores nos momentos de expansão da demanda, quando acabam por aumentar sua produção na ausência de investimentos, mas com o uso intensivo de maquinário obsoleto por parte das empresas subcontratadas. Desse modo, a relação de subcontratação caracteriza-se pela subcontratação de capacidade, em que formas de cooperação interfirmas praticamente inexistem.

A indústria têxtil nacional de uma maneira geral se caracteriza pela falta de

⁷⁵ HIRATUKA, C., GARCIA, R. *O impacto da abertura comercial sobre a indústria têxtil brasileira*. Campinas, Leitura de Economia Política, set, 1995.

cooperação interfirmas, pouca competitividade e defasagem tecnológica comparada a outros países em desenvolvimento (Sudeste Asiático).

A realidade em que a cadeia de indústrias têxteis brasileiras se encontra requer uma mudança de comportamento, como a busca pela proximidade entre firmas locais além de promover a cooperação, proporcionam ganhos de eficiência coletiva que conseqüentemente irão trazer um aumento considerável na competitividade e na geração de empregos.

3.1 - A MODERNIZAÇÃO DO PARQUE TÊXTIL BRASILEIRO

A indústria têxtil caracteriza-se pela descontinuidade entre os segmentos. O produto final de uma etapa constitui-se na matéria-prima para a seguinte. Apesar de constituírem etapas, na maioria das vezes seqüenciais, cada um dos segmentos possui dinâmica própria, com especificidades tecnológicas de mercado e de matéria-prima, existindo empresas que se dedicam exclusivamente a uma delas.

Da mesma forma, para Massuda⁷⁷, existe uma quase ausência de inter-relacionamento técnico entre os diferentes processos de transformação envolvidos em fiação e tecelagem: é tecnicamente possível incluir uma máquina de último modelo numa linha de produção onde todo o resto do equipamento é de muitas safras atrás.

Portanto, é perfeitamente possível a coexistência de equipamentos modernos com equipamentos obsoletos numa mesma fábrica.

O processo de modernização por que passou a indústria têxtil mundial, sobretudo após a inserção da microeletrônica nos anos 70, refletiu-se diretamente na relação produto-emprego. Portanto, a produtividade do trabalho, dada a tendência poupadora de trabalho via automação nos processos de produção, cresceu muito.

No Brasil, a modernização do parque têxtil tomou forma desde os anos 90. Os principais reflexos retrataram-se no aumento das importações de produtos e de equipamentos para o setor, da mesma forma que na redução do número de empresas e de empregos.

Uma das características do parque têxtil brasileiro repousa na

⁷⁶ GARCIA, R. *Elementos de um novo modelo de subcontratação na indústria têxtil*. Araraquara, UNESP.FCL Departamento de Economia, 1992.

heterogeneidade das indústrias, no porte e no estágio tecnológico das mesmas. Em relação ao porte, inclui desde grandes empresas integradas (da fiação ao acabamento) até micro malharias.

Segundo Oliveira & Medeiros⁷⁸, o estágio tecnológico das indústrias têxteis brasileiras, de modo geral, acompanha o porte. As grandes empresas exportadoras, expostas ao mercado internacional, passaram por processo de modernização de seus equipamentos e de técnicas organizacionais. Por outro lado, a grande maioria das empresas não passou por processos mais acentuados de modernização. Essas sobreviveram atuando nos moldes da economia informal e em nichos regionais de mercado.

Essa particularidade do parque têxtil brasileiro refletiu-se na idade média dos equipamentos do setor, em que pese o estágio tecnológico das grandes empresas.

A idade média dos equipamentos indica, até certo ponto, a incorporação de novas tecnologias no processo de produção das indústrias, dada a amplitude tomada pelas inovações criadas pela inserção da microeletrônica na tecnologia têxtil. Isso redundou em ganhos significativos de produtividade em todos os segmentos da indústria têxtil, no nível mundial. Portanto, dada a velocidade das inovações tecnológicas demandadas pelo capital, sobretudo a partir dos anos 70, a estrutura etária acaba por identificar o nível de modernização dos equipamentos, mesmo se, a priori, isso não indique sua obsolescência econômica. No contexto de abertura econômica inserida numa onda liberal de mundialização da produção, a referência de modernidade ocorre em relação aos países onde o capitalismo atingiu o grau mais elevado, ou seja, onde a máquina substituiu o homem, sejam outros fatores de produção abundantes ou não.

3.2 - A IMPORTÂNCIA DO SETOR EM TERMOS QUANTITATIVOS

Conforme afirma Lupatini⁷⁹, a indústria têxtil brasileira produziu 3.398 mil toneladas no ano de 2001, sendo o segmento têxtil responsável por 1.590 mil toneladas, e o de confecção por 1.295 mil toneladas. O Brasil está entre os principais

⁷⁷ VERSIANI, F.R. apud MASSUDA, E.M. *Transformações recentes da indústria brasileira*. Maringá, Acta Scientiarum, 2002.

⁷⁸ OLIVEIRA, M.H.; MEDEIROS, L.A. apud MASSUDA, E. M. op.,ct. 2002.

⁷⁹ LUPATINI, M. *Relatório setorial preliminar – setor têxtil e vestuário*. São Paulo, FINEP, 2004.

produtores da indústria têxtil, destacadamente em tecidos de malha é o segundo maior produtor mundial, atrás apenas dos Estados Unidos, como mostra a tabela 1. O faturamento da indústria têxtil brasileira totalizou, em 2001, 36,7 bilhões de dólares. Deste montante, o segmento de fibras concentrou 1,2 bilhões de dólares, o têxtil 14,1 bilhões e o de confecção (vestuário, meias e acessórios) 21,4 bilhões de dólares.

Na dimensão da proteção de propriedade industrial, a indústria têxtil tradicionalmente usa-se pouco a prática de patentes, principalmente nos elos da cadeia mais a jusante, como de vestuário, que inclui o ramo de moda. Os segmentos que mais recorrem ao uso de patentes são os localizados mais a montante da cadeia, sobretudo o de fiação, com seus novos produtos desenvolvidos. A indústria têxtil é dependente de outros setores, como o setor químico (insumos químicos), bens de capital (máquinas têxteis), entre outros. Estes, por sua natureza, patenteiam muito, principalmente no caso de empresas estrangeiras. As matrizes e as filiais instaladas em países desenvolvidos recorrem freqüentemente a esta prática.

Para Freeman⁸⁰ as patentes são, sem dúvida, um indicador de pesquisa aplicada e de “atividades de desenvolvimento experimental” (ou de “trabalho inventivo”). No entanto, elas medem somente uma parte da produção (output). Algumas invenções não são patenteadas por diversas razões (limites do indicador de patentes). Entre as limitações, tem-se: 1) seus inventores não acreditam em seu poder comercial; 2) algumas invenções são protegidas por segredos e seus inventores acreditam que seus segredos estarão melhores protegidos sem patenteá-las; 3) os inventores acreditam que a liderança na ciência e na tecnologia é mais importante que a proteção oferecida pela patente; 4) particularidades das leis das patentes afetam certas categorias de invenções; 5) a demora, custo e dificuldade em patentear; 6) fatores legais afetam patentes tal como as legislações antitrustes.

⁸⁰ FREEMAN, C. apud LUPATINI, M. op.,cit 2004.

Tabela 1

Principais Países Produtores da Indústria Têxtil (em mil toneladas) - 2000				
Países	Fios/Filamentos	Tecidos	Malhas	Confecções (1)
EUA	4.950	3.468	892	3.955
China	4.481	5.924	n.i.	5.332
Taiwan	4.075	3.186	212	1.376
Índia	4.098	4.447	169	3.923
Coréia do Sul (1)	2.200	2.209	n.i.	892
Brasil (2)	1.750	1.091	505	1.287
Paquistão	1.627	1.093	n.i.	642
Japão	1.098	655	111	631
México (1)	1.008	1.008	n.i.	1.112
Turquia	1.005	927	n.i.	785
Alemanha	590	278	62	416
Rússia	345	339	12	316
Outros (1)	1.454	1.292	131	1.385
Total	28.682	25.916	2.094	22.051

Fonte: ITMF - Países Membros *apud* IEMI⁸¹ - 2002

(1) - estimativa

(2) - em tecidos de malha o Brasil é o segundo maior produtor mundial.

Segundo IEMI, em 2000 a indústria têxtil brasileira exportou em torno de 1,2 bilhões de dólares, ou seja, 0,34% das exportações da indústria têxtil mundial e importou 1,6 bilhões de dólares, ou seja, 0,45% das importações mundiais, como ilustram as tabelas 2 e 3). Em termos de comparação, a economia brasileira como um todo nos últimos anos tem permanecido em torno de 1% do comércio mundial.

A posição da indústria têxtil brasileira, em termos de produção, não se reflete na dimensão comercial. Na lista dos maiores exportadores mundiais está apenas na 35ª posição em 2000 e nas importações um pouco acima, mas não menos distante dos maiores países importadores de produtos têxteis-vestuários, ocupando a 31ª

posição.

Tabela 2

Principais Países Importadores da Indústria Têxtil - 2000 (em milhões de US\$)			
Países	Têxteis	Confecções	Total
1.EUA	15.709	66.392	82.101
2.Hong Kong	13.717	16.009	29.726
3.Alemanha	9.316	19.306	28.622
4.Japão	4.939	19.709	24.648
5.Reino Unido	6.912	12.992	19.904
6.França	6.750	11.480	18.230
7.Itália	6.121	6.067	12.188
8.México	6.097	3.405	9.502
9.Bélgica	3.625	4.811	8.436
10.Canadá	4.132	3.690	7.822
11.Países Baixos	2.637	4.833	7.470
12.Espanha	3.319	3.765	7.084
13.Coreia do Sul	4.013	963	4.976
14.Suíça	1.354	3.223	4.577
15.Rússia	1.198	2.962	4.160
31.Brasil	1.437	169	1.606
Subtotal	91.276	179.776	271.052
Outros	66.184	19.164	85.348
Total	157.460	198.940	356.400

Fonte: OMC *apud* IEMI, 2002.

⁸¹ IEMI – Instituto de Estudos e Marketing Industrial S/C Ltda. *Relatório Setorial da Indústria Têxtil Brasileira*. São Paulo, Brasil Têxtil, 2002.

Tabela 3

Principais Países Exportadores da Indústria Têxtil - 2000 (em milhões de US\$)			
Países	Têxteis	Confecções	Total
1.China	16.135	36.071	52.206
2.Hong Kong	13.442	24.215	37.657
3.Itália	11.958	13.217	25.175
4.EUA	10.955	8.646	19.601
5.Alemanha	11.018	6.837	17.855
6.Coreia do Sul	12.780	5.026	17.806
7.Taiwan	11.687	2.967	14.654
8.França	6.762	5.427	12.189
9.Índia	5.922	6.007	11.929
10.Bélgica	7.816	3.942	11.758
11.México	2.551	8.696	11.247
12.Turquia	3.672	6.533	10.205
13.Reino Unido	4.214	4.111	8.325
14.Indonésia	3.505	4.734	8.239
15.Japão	7.023	-	7.023
35.Brasil	686	536	1.222
Subtotal	130.126	136.965	267.091
Outros	27.334	61.975	89.309
Total	157.460	198.940	356.400

Fonte: OMC *apud* IEMI, 2002.

Garcia⁸² relata que, em termos de emprego na indústria têxtil brasileira, o segmento de fibras/filamentos totalizou 12 mil postos de trabalho, o segmento têxtil 332 mil e o de confecções 1192 mil. A indústria têxtil é uma cadeia com grande potencial de geração de renda e de emprego, ainda que tenha tido abalos nos últimos anos no Brasil, particularmente na década de 90.

⁸² GARCIA, R. op.cit., 1996,p.53.

3.3 - ELEMENTOS INSTITUCIONAIS NA INDÚSTRIA TÊXTIL BRASILEIRA

Uma intensa guerra fiscal entre os Estados da Federação, incluindo os fortes incentivos fiscais e de crédito aplicados por estados contribuíram de forma expressiva para a mudança observada na configuração da indústria têxtil brasileira na década de 1990. Os estados da região Nordeste fizeram uso de expressivos incentivos nos anos 1990, muitos implicaram ganhos de competitividade via espúria, como, por exemplo, através da precarização do trabalho. Segundo Lima (2002), com o intuito de atrair investimentos industriais, estados, como o Ceará, adotaram a seguinte política:

- a) renúncia fiscal;
- b) infra-estrutura industrial com fornecimento de galpões, energia elétrica, rodovias, modernização de portos e aeroportos;
- c) seleção de setores industriais de utilização de trabalho intensivo [caso de confecção];
- d) financiamento do treinamento de trabalhadores com pagamento de 'bolsas-salário' por dois meses;
- e) utilização de cooperativas industriais como artifício para redução de custos com força de trabalho.

Ainda na esfera institucional, cabe abordar a questão ambiental que vem cada vez mais ganhando destaque no discurso mundial e na indústria têxtil brasileira. As empresas têm destacado a preocupação com a questão ambiental, uma manifestação que muitas vezes fica restrita ao mero exercício de retórica. Entretanto, a ABIT está se dedicando recentemente a atividades ligadas à questão ambiental.

Em outubro de 2003, aconteceu na Expo Center Norte (São Paulo) a 5ª edição da Fimai/Simai — Feira e Seminário Internacional de Meio Ambiente Industrial que reuniu especialistas nacionais e do exterior para tratar da produção mais limpa e das normas ambientais, que cada vez mais serão exigidas no comércio mundial, incluindo o complexo têxtil. No Painel Ecoeficiência e Produção Mais Limpa, o coordenador do Departamento de Meio Ambiente da ABIT, Eduardo San Martin apresentou dois casos de sucesso do setor têxtil, das tecelagens Cermatex e Santista Têxtil, pioneiras na cadeia têxtil que integraram o projeto P2 - Programa de

Prevenção à Poluição, em parceria com a Cetesb - Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental de São Paulo, há dois anos. O projeto teve início a partir do contato da Cetesb com experiências européias relacionadas a processos produtivos ambientalmente responsáveis, e seu repasse à ABIT, que os implementou no Brasil”. Na indústria têxtil um elo sensível à poluição ambiental é a tinturaria.

3.4 - CONFIGURAÇÕES NACIONAIS DA INDÚSTRIA TÊXTIL

De acordo com Lupatini⁸³, as configurações nacionais típicas, na atual fase chamada globalização, são indissociáveis da cadeia produtiva têxtil mundial, lideradas por grandes empresas (no caso varejistas, produtores e comercializadores com marcas), assim como da formação dos blocos comerciais (com os acordos especiais comerciais) e da estrutura industrial dos países. Desta forma, entende-se que a configuração da indústria têxtil no mundo está fortemente influenciada pelo aparato institucional/regulatório, mas também e, não mesmo relevante, pela estrutura industrial dos países, com suas especificidades na sua constituição histórica. Segundo Furtado:

“[...] A indústria têxtil no Brasil se constitui em uma estrutura densa e diversificada, com todos os elos das cadeias produtiva têxtil, como raros países em desenvolvimento possuem, permite compreender o porquê a indústria têxtil do Brasil ser competitiva nos segmentos industriais do complexo têxtil mais integrados no mercado estadunidense e apresenta uma reduzida capacidade competitiva em todos aqueles segmentos em que caracteristicamente impera a segmentação do processo com *deslocalização* de etapas intensivas em trabalho para áreas (países, regiões) onde o seu custo é reduzido”.⁸⁴

Prochnik⁸⁵ relata que, nos últimos anos (de 1995 a 2000), o comércio mundial do segmento têxtil foi menos dinâmico do que o comércio mundial como um todo e teve desempenho inverso no segmento de confecção. Entre 1995 e 2000, o comércio mundial de confecções cresceu 5,9% ao ano e o de produtos têxteis apenas 2,6%, enquanto o comércio mundial de todos os produtos cresceu 4,6% ao

⁸³ LUPATINI, M. op.,cit.2004.

⁸⁴ FURTADO, J. *Análise dos efeitos de cadeias de comercialização nos Estados Unidos para a competitividade das exportações brasileiras*. São Paulo, Mimeo, set,2003.

ano. Um adendo merece ser feito: as exportações do complexo têxtil do Brasil concentram-se mais no segmento têxtil e menos no de confecção, exatamente o segmento da cadeia que apresentou a taxa de crescimento mais pronunciada no comércio internacional. Mas este retrato está mudando nos últimos anos com o crescimento expressivo no segmento de confecção.

Furtado⁸⁶ faz uma afirmação valorosa a indústria têxtil, quando diz que, o Brasil possui praticamente todos os elos da indústria têxtil, fato raro entre os países em desenvolvimento. A cadeia integra atividades desde a produção de fibras/filamentos até o segmento de confecção, assim como os diversos tipos de produtos. É possível ampliar este campo para incluir a produção de fibras naturais e a pesquisa agrícola que a sustenta. A indústria têxtil foi a mais importante do setor de transformação no Brasil até o ano de 1939. Esta indústria (constituída de produtos de algodão, juta, lã, seda e linho) empregava, em 1907, 34,2% dos trabalhadores na indústria de transformação, continha 40,2% do total da força motriz instalada e 40,4% do total do capital investido. A participação da indústria têxtil no total do valor adicionado na indústria de transformação foi em 1919 e 1939, respectivamente, de 25,2 e 20,6%, colocando-se logo após a indústria de processamento de alimentos.

Atualmente, a indústria têxtil apresenta participação bem mais modesta, mas ainda permanece como grande geradora de emprego e renda no país. Em 2001 representou apenas 1%¹⁷ do valor adicionado (a preços básicos) da indústria de transformação (em 1991 representava 2%), mas era responsável por 22,98% dos ocupados na indústria de transformação (15,12% do total da indústria). Como mostram as tabelas 4 e 5, que se seguem.

⁸⁵ PROCHNIK, V. apud FURTADO, J. op.,cit,2003.

⁸⁶ FURTADO, J. op.cit.2003.

Tabela 4

**Participação da Indústria Têxtil no Valor Adicionado (a Preços Básicos) da
Indústria de Transformação - em %**

	1991	1993	1994	1995	1996
Indústria Têxtil	1,2	1,1	0,9	0,8	0,7
Fabricação de Artigos do Vestuário e Acessórios	0,8	0,7	0,6	0,6	0,6
Total Têxtil-Vestuário	2,0	1,8	1,6	1,5	1,3
	1997	1998	1999	2000	2001
Indústria Têxtil	0,6	0,6	0,5	0,5	0,4
Fabricação de Artigos do Vestuário e Acessórios	0,5	0,5	0,7	0,8	0,6
Total Têxtil-Vestuário	1,1	1,0	1,2	1,3	1,1

Fonte: IBGE⁸⁷ / Departamento de Contas Nacionais apud Lupatini

⁸⁷ IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Departamento de Contas Nacionais.

TABELA 5
Pessoal Ocupado na Indústria Têxtil– 1992 a 2001

Atividades	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
Participação Têxtil na Ind. de Transformação (em %)	22,54	23,37	23,47	23,54	22,96	21,59	21,50	22,13	22,60	22,98
Participação Têxtil no Total da Indústria (em %)	15,13	15,54	15,80	15,95	15,32	14,08	13,52	14,14	14,78	15,12
Participação Têxtil na Ind. de Transformação (em %)	4,36	4,31	4,14	3,71	3,09	3,03	3,03	3,08	2,99	2,92

Fonte: IBGE/ Departamento de Contas Nacionais apud Lupatini

A indústria têxtil brasileira teve significativas transformações na década de 90, sendo que o cenário macroeconômico – marcado pela abertura combinada com a valorização cambial do Plano Real – foi muito relevante para estas mudanças. O mercado doméstico trafegou de uma situação fortemente protegida, até o final dos anos 80, para uma exposição à concorrência externa.

Na dimensão da indústria têxtil, as alíquotas de importação dos produtos deste setor foram significativamente reduzidas e sem qualquer plano de reestruturação industrial ⁸⁸. Isso castigou o setor, especialmente em suas vendas no Brasil e em sua competição no exterior. Dois elementos são constitutivos deste quadro: a taxa de câmbio muito valorizada

- ✓ baixos preços aos quais são vendidos os produtos chineses e asiáticos de uma forma geral.

Tabela 6

Importações efetivas de tecidos planos de fibras artificiais e sintéticas	
Ano	Tonelada/ano
1991	2.153
1992	3.279
1993	11.334
1994	34.170
1995	82.149
1996	33.650
1997	30.515
1998	14.328

Fonte: SINDITEC (1998) *apud* IEL ⁸⁹, CNA e SEBRAE (2000).

Observou-se um forte crescimento das importações de fibras de algodão em

⁸⁸ A este respeito, Garcia, R. em *A indústria têxtil e do vestuário- Reestruturação produtiva, política industrial e contratações coletivas nos anos 90*, faz a pertinente ressalva “que, apesar do discurso liberalizante e das metas de redução das barreiras constantes nos acordos internacionais, foi verificado ao longo dos anos 80 (e também nos 90) um aumento da utilização das cotas de importação por parte dos países desenvolvidos. No caso do Brasil, ao final dos anos 80, na direção oposta da experiência internacional, foram abolidas boa parte das barreiras não-tarifárias e foi anunciada uma política de redução programada e gradual das tarifas de importação”.

⁸⁹ IEL, CNA e SEBRAE, *Análise da eficiência econômica e da competitividade da cadeia têxtil brasileira*. Brasília, 2000.

meados dos 1990 em função da praga do bicudo que atingiu a produção nacional de algodão, assim como um notório crescimento das importações de tecidos de fios artificiais e sintéticos, em que os países do sudeste asiático são muito competitivos, sendo que o segmento de tecidos planos sintéticos foi o mais afetado. Dados assim ilustrados pela tabela 6.

Tabela 7

**Balança Comercial Indústria Têxtil-Vestuário
(1975 a 2003)**

Ano	(em US\$ 1.000.000)		
	Exportação	Importação	Saldo
1975	535	114	421
1980	916	120	796
1985	1.001	72	929
1990	1.248	463	785
1991	1.382	569	813
1992	1.491	535	956
1993	1.382	1.175	207
1994	1.403	1.323	80
1995	1.441	2.286	-845
1996	1.292	2.310	-1.018
1997	1.267	2.416	-1.149
1998	1.113	1.923	-810
1999	1.010	1.443	-433
2000	1.222	1.606	-384
2001	1.309	1.251	58
2002	1.188	1.051	137
2003	1.150	805	345

Fonte: Secex – MDIC apud Lupatini⁹⁰

⁹⁰ Dados referentes aos meses de Jan-Set de 2003.

Hitalka e Garcia⁹¹ destacam que perante a crise do algodão, num primeiro momento, as empresas de fiação e tecelagem se beneficiaram pela importação de algodão a baixos preços (decorrentes da expressiva oferta mundial), juntamente com a queda nas alíquotas brasileiras do produto. No entanto, num segundo momento, com a redução acentuada da safra do Paquistão (em 1995), entre os maiores produtores de algodão, os preços internacionais subiram rapidamente, prejudicando a cadeia têxtil diante da impossibilidade de suprir o fornecimento de algodão domesticamente. Neste contexto, de forte crescimento das importações, a indústria têxtil-vestuário a partir de 1995 apresenta déficits comerciais (ver tabela7).

No entanto, apenas na segunda metade dos anos 1990, foram adotadas algumas medidas para reverter este quadro de perda de competitividade, acompanhado por redução significativa do número de empresas e de postos de trabalho (notoriamente no segmento têxtil), como “incentivo à cotonicultura no Centro-Oeste, aumento (temporário) de alíquotas do imposto de importação e o estabelecimento de cotas para têxteis de origem externa”. Precisamente, foram introduzidas salvaguardas somente em 1996, que suavizaram o problema da competitividade nas exportações. Além disso, segundo estudo de Bielschowsky⁹² o setor defrontava-se, no mercado interno, com elasticidades renda e preço da demanda extremamente baixas.

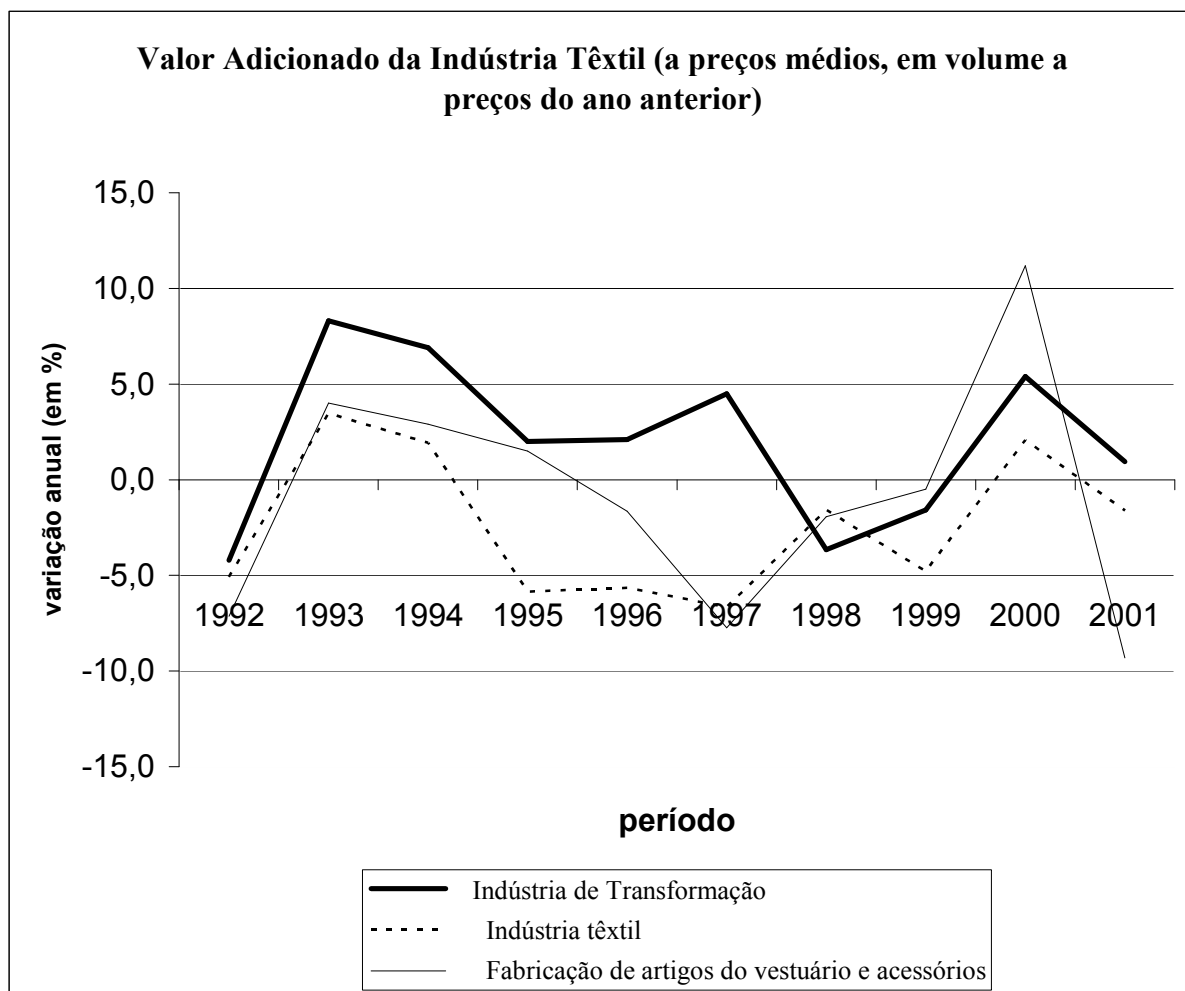
O desempenho da indústria têxtil ao longo dos anos 1990 foi abaixo do já modesto resultado apresentado pela indústria como um todo. Particularmente, desde 1993 a indústria têxtil apresentou trajetória decrescente, tendo uma leve recuperação em 2000, em especial no segmento de vestuário, e desde então voltou a apresentar resultados negativos (Gráfico 1).

Ademais, diante de um mercado mais competitivo e com mercado interno pouco dinâmico (com retrações freqüentes), houve, desde meados da década de 1990, forte concentração da produção, especialmente nos segmentos de fiação e tecelagem, com redução expressiva no número de empresas, principalmente pequenas e médias, que têm maiores dificuldades e fragilidades financeiras para se modernizarem e se manterem ativas, uma situação que deve muito ao alto custo do capital e à restrição de crédito no país (Tabela 8).

⁹¹ HIRATUKA, C., GARCIA, R. op., cit.set,1995.

⁹² BIELSCHOWSKY, R. apud LUPATINI, M. op.,cit.2004.

Gráfico 1



Fonte: dados do IBGE/Departamento de Contas nacionais apud Lupatini

TABELA 8

Número de Empresas por Segmento da Indústria Têxtil

(em unidades)

Segmentos	1990	1995	1996	1997	1998	1999	2000	2001
Têxteis (1)	4.938	4.103	3.814	3.638	3.554	3.240	3.305	3.147
Fiação	1.179	659	617	550	427	389	360	360
Tecelagem	1.458	986	834	682	521	439	434	425
Malharia	3.766	3.019	2.891	2830	2.932	3.098	3.195	3250
Beneficiamento	818	508	469	380	355	305	298	280
Confeccionados	-	-	-	19.014	19.009	17.378	18.797	18.438
Vestuários	-	-	-	15.744	15.716	14.416	15.634	15.367
Meias e Acessórios	-	-	-	1.289	1.320	1.153	1.235	1.290
Linha Lar	-	-	-	1.552	1.542	1.401	1.501	1.325
Outros (2)	-	-	-	429	431	408	427	456
Total	-	-	-	22.652	22.563	20.618	22.102	21.585

Fonte: IEMI, dados referentes aos anos de 1990 a 1996, retirado de Gorini e Siqueira (1999,p. 8), e os de 1997 a 2001 extraídos de IEMI (2002,p. 37)

Conjuntamente, observou-se também uma redução significativa nos postos de trabalho, em especial no segmento têxtil (Tabelas 5 e 9). Esta redução está associada à queda no número de empresas, assim como aos esforços em modernização, com implementação de máquinas e equipamentos mais recentes, que são poupadores de trabalho. Observa-se, neste sentido, que a indústria têxtil no Brasil se tornou mais intensiva em capital, seguindo a tendência internacional.

Nos anos mais recentes, especialmente desde 1999 (depois da forte desvalorização cambial) estudos de meados da década de 2000, de uma forma sintética, apontam que, apesar do complexo têxtil ter sido um dos mais afetados pela abertura comercial, houve uma modernização na indústria têxtil brasileira, evidenciada tanto pela melhora nas máquinas e equipamentos (quantidade de máquinas instaladas e suas idades médias), em grande medida decorrente das significativas importações feitas, como pelo seu recente desempenho comercial, que a partir de 2001 voltou a apresentar superávit comercial, fato que desde de 1994 não acontecia.

Com relação à melhora das máquinas e equipamentos, o Brasil fez significativos investimentos na indústria têxtil em máquinas e equipamentos na década de 1990, totalizando US\$ 6 bilhões ao longo da década, sendo US\$ 4 bilhões em importações de equipamentos. Houve um expressivo crescimento de importações de equipamentos têxteis (filatórios, teares, máquina de costura), que atingiu US\$ 740 milhões em 1995 (maior pico da década de 1990, sendo que o ano de maior montante da década de 1980 chegou a apenas US\$ 278 milhões). Como mostram os dados apresentados por Prochnik⁹³ foi entre 1994-1997, período em que os preços dos produtos importados se reduziram por conta da apreciação do câmbio, que ocorreram as maiores importações de máquinas têxteis.

⁹³ PROCHNIK, V. apud FURTADO, J. op.,cit,2003.

Tabela 9

Empregados por Segmento Têxtil-Vestuário no Brasil - 1990/2001

Segmento/Ano	1990	1995	1997	1998	1999	2000	2001
	(em 1.000)						
Têxtil	893,8	449,4	350,9	326,3	327,2	339,3	332,2
Fiação	272,0	132,5	104,9	85,2	88,8	91,9	90,6
Tecelagem	401,0	162,3	123,2	105,6	96,9	99,2	97,7
Malharia	150,7	115,0	90,4	101,9	112,3	118,7	119,0
Beneficiamento	69,4	39,6	32,4	33,6	29,2	29,5	24,9
Confecção	1.755,8	1.468,1	1.318,1	1.237,2	1.204,1	1.233,2	1.191,8
Vestuário	1.510,9	1.209,2	1.086,0	1.013,6	992,6	1.039,9	1.006,6
Meias e acessórios	78,7	104,3	93,6	91,6	83,5	72,9	70,2
Linha Lar	131,8	121,8	109,1	104,1	99,7	95,5	91,1
Outros	34,4	32,8	29,4	27,9	28,3	24,9	24,0
Total	2.649,6	1.917,5	1.669,0	1.563,5	1.531,3	1.572,5	1.524,0

Fonte: IEMI (2001 e 2002).

Guardadas a devidas especificidades e tratamentos, pode-se dizer que foi o período em que ocorreu o mini-ciclo de modernizações tratado por Bielschowsky⁹⁴. No entanto, é importante observar, como ressalta Garcia⁹⁵, que, por um lado estes investimentos resultaram em avanços na modernização do parque produtivo têxtil, mas, por outro, esse esforço não esteve vinculado ao fortalecimento e desenvolvimento da indústria nacional de máquinas têxteis, em que se observou desestruturação do setor, com falências de empresas e fechamentos de unidades de empresas estrangeiras.

Para se ter uma idéia, de acordo com Prochnik em 1990 a produção nacional de máquinas têxteis totalizou US\$ 307 milhões despencando em 2000 para US\$ 185 milhões. Ademais, os investimentos realizados na indústria têxtil-vestuário ficaram, por exemplo, abaixo dos patamares investidos pela Turquia, que investiu US\$ 10 bilhões apenas em importações de equipamentos para o complexo têxtil. Em 1998, no segmento de tecelagem brasileiro 27% dos teares são sem lançadeiras, nível

⁹⁴ BIELSCHOWSKY, R. apud LUPATINI, M. op.,cit.2004.

próximo ao observado mundialmente, que em média 30% dos teares são sem lançadeiras, mas bem abaixo do patamar dos Estados Unidos, que 89% dos teares são sem lançadeiras. Já China vem bem abaixo com apenas 7% dos teares sem lançadeiras.

No tocante ao desempenho comercial, após a desvalorização cambial de 1999, como mostra Prochnik, o segmento têxtil apresentou crescimento nas exportações e uma pequena redução nas importações. Este crescimento se deu principalmente nos segmentos de algodão e vestuário. Este está vinculado à presença de grandes empresas, principalmente no segmento de cama, mesa e banho, que estão conseguindo ter um melhor desempenho exportador e aquele pela recuperação da produção doméstica, principalmente pela constituição e intensificação de grandes e competitivas regiões produtoras de algodão no Centro-Oeste, fato decorrente em grande medida das políticas e incentivos adotados. Em meados de 2000, as exportações brasileiras se concentram em fibras de algodão e tecidos de algodão, roupas de malha (principalmente de algodão) e roupas de cama, mesa e banho. Estes segmentos totalizam, aproximadamente, 59% das exportações da indústria têxtil-vestuário do Brasil em 2001 (Tabela 10).

Entretanto, os saldos comerciais positivos, historicamente observados nesta indústria, no período recente estão mais fortemente associados à queda nas importações do que ao aumento das exportações da indústria têxtil, como também ao desempenho superavitário do segmento de vestuário, pois o segmento têxtil ainda em 2002 apresentava déficit comercial. Apesar deste importante e recente desempenho exportador, entre 1999 e 2001, ainda não se pode afirmar que o desempenho comercial apresenta uma trajetória sólida e sustentável.

⁹⁵ Garcia, R. em *A indústria têxtil e do vestuário- Reestruturação produtiva, política industrial e contratações coletivas nos anos 90*. Mimeo, mai, 2000.

Tabela 10
Exportações Brasileiras por Segmento da Indústria Têxtil - 1999 e 2003

Segmentos da Cadeia Têxtil- Vestuário	Jan-Dez / 1999		Jan-Dez / 2000		Jan-Dez / 2001		Jan-Dez / 2002		Jan-Set / 2003	
	US\$ 1.000	% em 1999	US\$ 1.000	% em 2000	US\$ 1.000	% em 2001	US\$ 1.000	% em 2002	US\$ 1.000	% em 2003
	FOB		FOB		FOB		FOB		FOB	
1. Fibras Têxteis	59.836,7	5,9	88.642,1	7,3	209.100,4	16,0	164.486,5	13,9	164.656,5	14,3
1.1 Poliamida	302,6	0,5	317,9	0,4	323,2	0,2	156,3	0,1	600,9	0,4
1.2 Poliéster	3.772,3	6,3	5.020,9	5,7	2.212,9	1,1	1.905,2	1,2	5.679,8	3,4
1.3 Acrílico	184,9	0,3	405,7	0,5	2.265,0	1,1	5.225,5	3,2	4.170,1	2,5
1.4 Viscose	4.341,9	7,3	7.827,1	8,8	5.202,1	2,5	8.913,8	5,4	17.694,5	10,7
1.5 Cabos de Acetato	16.862,6	28,2	13.546,5	15,3	11.816,3	5,7	16.405,2	10,0	15.710,8	9,5
1.6 lã/pelos/tops	14.703,0	24,6	16.164,5	18,2	19.125,6	9,1	19.546,8	11,9	16.079,0	9,8
1.7 Linho	112,3	0,2	59,7	0,1	170,6	0,1	13,2	0,0	21,5	0,0
1.8 Rami	0,0	0,0	0,0	0,0		0,0	0,2	0,0	0,0	0,0
1.9 Algodão	5.317,5	8,9	32.521,5	36,7	155.220,4	74,2	94.343,5	57,4	84.962,2	51,6
1.10 Juta	0,4	0,0	0,0	0,0	-	0,0	3,3	0,0	0,6	0,0
1.11 Sisal	9.573,4	16,0	8.467,7	9,6	8.590,2	4,1	12.929,9	7,9	15.329,2	9,3
1.12 Seda	2.055,8	3,4	1.323,0	1,5	2.116,4	1,0	2.530,7	1,5	1.806,9	1,1
1.13 Outras naturais	0,7	0,0	1,3	0,0	0,4	0,0	3,5	0,0	8,9	0,0
1.14 Outras Artificiais / Sintéticas	2.609,3	4,4	2.986,4	3,4	2.057,1	1,0	2.509,4	1,5	2.592,1	1,6
2. Fios	123.745,0	12,3	131.670,9	10,8	101.204,5	7,7	107.101,9	9,0	124.316,1	10,8
2.1 Seda	50.097,5	40,5	49.305,2	37,4	39.355,5	38,9	35.263,5	32,9	21.390,4	17,2
2.2 lã/pelos	509,1	0,4	235,4	0,2	96,9	0,1	196,3	0,2	144,8	0,1
2.3 Algodão	44.980,0	36,3	49.601,2	37,7	39.765,2	39,3	55.903,6	52,2	76.428,0	61,5

2.4 Linho	1.669,5	1,3	1.892,5	1,4	0,0	0,0	0,0	0,0		
2.5 Rami	2.146,5	1,7	5.818,8	4,4	6.253,4	6,2	7.335,5	6,8	6.200,8	5,0
2.6 Artificiais e Sintéticos	24.329,0	19,7	24.817,8	18,8	15.733,3	15,5	8.398,2	7,8	20.151,1	16,2
2.7 Juta	0,0	0,0	0,0	0,0	0,0	1,1	0,0	0,0		
2.8 Outros	13,4	0,0	0,0	0,0	0,2	0,0	3,8	0,0	0,9	0,0
3. Filamentos	40.473,4	4,0	45.086,7	3,7	38.493,3	2,9	55.536,7	4,7	54.945,7	4,8
3.1 Poliamida	10.526,0	26,0	13.443,8	29,8	10.150,1	26,4	11.289,4	20,3	10.651,1	19,4
3.1.1 Poliamida Industrial	8.245,4	20,4	9.146,0	20,3	6.680,1	17,4	8.200,1	14,8	5.534,3	10,1
3.2 Poliéster	2.785,2	6,9	3.639,6	8,1	2.559,0	6,6	1.878,6	3,4	2.628,4	4,8
3.2.1 Poliéster POY	42,8	0,1	306,4	0,7	0,0	0,0	80,1	0,1	22,8	0,0
3.2.2 Poliéster Industrial	460,7	1,1	3.182,3	7,1	1.271,3	3,3	1.026,4	1,8	1.118,7	2,0
3.3 Viscose	6.250,7	15,4	5.300,3	11,8	5.372,2	14,0	6.216,6	11,2	5.207,0	9,5
3.4 Acetato	415,8	1,0	0,0	0,0	85,0	0,2	1.544,2	2,8	0,0	0,0
3.5 Poliuretano	3.177,1	7,8	1.013,9	2,2	1.015,0	2,6	7.710,9	13,9	18.313,2	33,3
3.6 Outros	8.569,8	21,2	9.054,3	20,1	11.360,5	29,5	17.590,4	31,7	11.470,1	20,9
4. Tecidos	201.758,8	20,0	245.256,3	20,1	271.082,2	20,8	225.826,6	19,0	232.026,2	20,2
4.1 Seda	107,5	0,1	27,1	0,0	56,3	0,0	13,8	0,0	40,7	0,0
4.2. Lã / Pelos	7.048,0	3,5	5.808,4	2,4	5.208,0	1,9	2.204,2	1,0	2.534,5	1,1
4.3 Algodão	150.806,5	74,7	179.177,4	73,1	213.883,3	78,9	172.667,9	76,5	178.370,2	76,9
4.4 Linho	5.030,3	2,5	6.008,4	2,4	1.792,9	0,7	2.145,5	1,0	2.112,8	0,9
4.5 Rami	47,7	0,0	20,5	0,0	15,9	0,0	21,7	0,0	60,0	0,0
4.6 Juta	0,8	0,0	0,9	0,0	8,1	0,0	7,2	0,0	0,8	0,0
4.7 Filamentos	10.978,6	5,4	16.849,6	6,9	15.488,9	5,7	12.738,3	5,6	15.210,6	6,6
4.7.1 Sintéticos	10.759,2		16.735,8		15.411,2		12.598,1		15.125,3	
4.7.2 Artificiais	219,4		113,8				140,2		85,3	

			77,7			
4.8 Fibras Descontínuas	5.886,9 2,9	7.086,5 2,9	6.875,0 2,5	7.345,1 3,3	6.653,3 2,9	
4.8.1 Sintéticas	3.845,6	5.310,9	5.519,3	5.717,0	5.489,8	
4.8.2 Artificiais	2.041,4	1.775,6	1.355,7	1.628,1	1.163,5	
4.9 Malha	21.852,5 10,8	30.277,6 12,3	27.753,8 10,2	28.682,9 12,7	27.043,2 11,7	
4.9.1 Algodão	4.782,2	5.959,9	6.438,1	5.891,0	5.719,8	
4.9.2 Artificiais / Sintéticas	16.686,5	22.923,4	21.087,0	20.290,8	17.724,8	
4.9.3 Outras	383,8	1.394,3	228,7	2.501,1	3.598,7	
5. Linhas de Costura	4.424,7 0,4	6.169,7 0,5	4.644,8 0,4	4.717,5 0,4	4.497,2 0,4	
5.1 Algodão	1.402,3 31,7	1.586,4 25,7	1.112,9 24,0	760,4 16,1	536,1 11,9	
5.2 Filamentos Artificiais	2.460,9 55,6	3.725,4 60,4	3.083,3 66,4	3.599,7 76,3	3.371,8 75,0	
5.3 Filamentos Sintéticos	2,7 0,1	3,9 0,1	20,0 0,4	7,0 0,1	6,3 0,1	
5.4 Fibras Artificiais Descontínuas	0,4 0,0	0,1 0,0	0,5 0,0	0,0	0,0 0,0	
5.5 Fibras Sintéticas Descontínuas	558,4 12,6	853,9 13,8	428,0 9,2	350,4 7,4	583,0 13,0	
6. Confeções	398.152,2 39,4	533.880,1 43,7	536.032,3 41,0	506.890,1 42,8	448.165,1 39,0	
6.1 Roupas de Malha	107.680,5 27,0	183.529,2 34,4	167.289,2 31,2	119.529,0 23,6	122.550,0 27,3	
6.1.1. Algodão			130.259,3 77,9	93.708,3 78,4	93.239,8 76,1	
6.1.2. Artificiais e Sintéticos			28.920,3 17,3	17.231,6 14,4	20.253,3 16,5	
6.1.3. Outras			8.109,3 4,8	8.589,1 7,2	9.056,9 7,4	
6.2 Vestuário e Acessório de Tecidos	59.154,8 14,9	90.399,4 16,9	106.232,0 19,8	95.222,5 18,8	83.478,0 18,6	
6.2.1 Algodão			83.246,6 78,4	80.764,3 84,8	67.797,6 81,2	
6.2.2 Artificiais e Sintéticas			6.100,3 5,7	4.920,1 5,2	5.564,3 6,7	
6.2.3 Outras			16.885,2 15,9	9.538,1 10,0	10.116,1 12,1	

6.3 Roupas de Cama, mesa e banho	204.571,1 51,4	225.622,1 42,3	228.338,9 42,6	261.139,4 51,5	220.881,7 49,3
6.3.1 Algodão			200.989,4 88,0	212.989,3 81,6	174.413,4 79,0
6.3.2. Artificiais e Sintéticas			23.615,4 10,3	45.174,3 17,3	44.344,0 20,1
6.3.3. Outras			3.734,0 1,6	2.975,8 1,1	2.124,3 1,0
6.4 Cortinas	1.099,5 0,3	1.442,3 0,3	1.020,0 0,2	775,9 0,2	654,0 0,1
6.4.1 Algodão			577,6 56,6	466,1 60,1	285,3 43,6
6.4.2. Artificiais e Sintéticas			323,4 31,7	224,7 29,0	275,2 42,1
6.4.3. Outras			119,0 11,7	85,1 11,0	93,5 14,3
6.5 Outros Artigos Confeccionados	25.646,4 6,4	32.887,1 6,2	33.152,1 6,2	30.223,3 6,0	20.601,4 4,6
6.5.1. Algodão			22.229,4 67,1	20.888,1 69,1	12.804,3 62,2
6.5.2. Artificiais e Sintéticas			890,9 2,7	1.370,4 4,5	434,5 2,1
6.5.3. Outras			10.031,9 30,3	7.964,8 26,4	7.362,6 35,7
7. Outras Manufaturas	181.441,2 18,0	171.365,1 14,0	145.539,6 11,1	120.926,8 10,2	121.441,0 10,6
7.1 Pastas, festros, falsos tecidos, etc.	102.984,7 56,8	95.462,1 55,7	69.623,8 47,8	53.173,4 44,0	54.602,2 45,0
7.2 Tapetes e Carpetes	19.543,9 10,8	20.312,4 11,9	21.842,5 15,0	17.630,6 14,6	16.213,7 13,4
7.3 Tecidos especiais, rendas, bordados, fitas, etc.	21.512,8 11,9	18.400,8 10,7	19.300,4 13,3	17.073,8 14,1	15.829,2 13,0
7.4 Tecidos impregnados, uso técnico	37.399,8 20,6	37.189,8 21,7	34.772,9 23,9	33.049,0 27,3	34.795,9 28,7
TOTAL	1.009.832,1	1.222.070,8	1.306.097,0	1.185.486,2	1.150.047,6
Sem fibra de algodão	1.004.514,6	1.189.549,3			

Fonte: Secex /MDIC apud Lupatini

3.5 - CARACTERÍSTICAS DA INDÚSTRIA TÊXTIL BRASILEIRA

Uma das características marcantes da indústria têxtil é a presença de aglomerações regionais.

Para Haguenauer, a indústria têxtil-vestuário brasileira é uma indústria com mercado muito segmentado (em grande medida está vinculado à estrutura da renda), possui empresas de diversos tamanhos, assim como com distintos níveis e capacidades industriais e tecnológicas. Este aspecto da heterogeneidade estrutural é freqüentemente abordado nos estudos da cadeia têxtil-vestuário no país:

“[...] Cada etapa/elo da cadeia pode ser realizada em pequenas ou grandes quantidades, de maneira especializada ou com diferentes graus de integração vertical. Além disso, as diferenças de níveis tecnológicos entre as etapas raramente trazem problemas de compatibilidade ao longo do processo. Se aliarmos a esses fatos a evidência de os produtos serem facilmente transportáveis e de as atividades já estarem implantadas há mais de um século no país, configurando em geral pequenas barreiras à entrada, pode-se entender a grande heterogeneidade tecnológica da cadeia (interfirmas e mesmo intrafirma), junto à heterogeneidade de tamanho das firmas, principalmente no final da cadeia”.⁹⁶

Ainda no âmbito desta heterogeneidade, Fleury⁹⁷ relata um grave problema da cadeia têxtil-brasileira é o elo da cadeia representado pelas fibras sintéticas e artificiais. Este elo da cadeia tem déficits comerciais estruturais.

⁹⁶ Haguenauer, L. *Evolução das Cadeias Produtivas Brasileiras na Década de 90*. Texto de discussão nº 786. IPEA, abr,2001.

⁹⁷ Segundo Fleury apud Haguenauer, potencializado pelo desenvolvimento tecnológico, cada vez mais as fibras químicas se assemelham às fibras naturais, em termos “das características associadas ao conforto (frescura, leveza, aparência), e as superem em características de uso (menor necessidade de passar, maior repelência à sujeira e menores cuidados na lavagem doméstica) e de durabilidade, sem prejuízo do preço (isto também devido ao atual excesso de capacidade produtiva no mundo, principalmente de poliéster)... Os produtos que são majoritariamente de fibras químicas são a lingerie, moda esportiva e moda praia. A demanda dessas aplicações é baixa relativamente a outros produtos que utilizam misturas. É por esta

Além disso, o consumo de fibras químicas no Brasil está muito abaixo do observado mundialmente. No mundo ocorreu um expressivo crescimento no consumo de fibras químicas e produção de tecidos mistos (combinação de fibras químicas e naturais). Em 1950 80% do consumo mundial de fibras têxteis eram de fibras naturais, enquanto que em 2000 foi de apenas 42,6%. Esta tendência não deve ser entendida como o fim das fibras naturais, pois há um crescente aumento da produção de tecidos mistos, que englobam fibras naturais. Já no Brasil ocorre o inverso, mais da metade do consumo de fibras e filamentos são naturais, por volta de 59% em 2000 (Tabelas 11 e 12). Outro aspecto é que neste segmento de fibras e filamentos predominam empresas de capital estrangeiro e nos demais da indústria têxtil no Brasil majoritariamente as empresas são de capital nacional. Estas empresas estrangeiras, no segmento de fibras químicas no Brasil, recentemente, têm se destacado na configuração dos elos a jusante da cadeia têxtil.

Tabela 11

Consumo Industrial de Fibras e Filamentos no Brasil de 1970 a 2000
(em 1.000 toneladas)

Ano	Naturais	Artificiais	Sintéticas	Total	% Naturais
1970	404,9	50,6	61,5	517,0	78,32
1975	555,2	48,9	164,3	768,4	72,25
1980	719,2	48,8	240,4	1008,4	71,32
1985	748,1	37,8	192,7	978,6	76,45
1990	794,4	41,8	271,6	1107,8	71,71
1995	844,0	51,9	424,0	1319,9	63,94
1996	862,2	34,8	427,9	1324,9	65,08
1997	840,8	33,4	471,3	1345,5	62,49
1998	807,1	29,4	458,0	1294,5	62,35
1999	870,6	32,7	530,9	1434,2	60,70
2000	1005,7	31,6	657,3	1694,6	59,35

Fonte: elaboração com base nos dados da ABIT apud Lupatini.

razão que os principais clientes dos produtores de fibras químicas incluem os grandes processadores de fibras naturais.

Outra característica importante refere-se à estrutura de mercado e graus de integração entre os elos da cadeia perante a heterogênea indústria têxtil do Brasil. Pode-se afirmar que na média, nos segmentos mais a montante da cadeia têxtil as empresas são de maior porte e nos segmentos mais a jusante da cadeia são de tamanhos menores (Tabela 13). Em grande medida isso se deve à própria gênese do processo produtivo. O segmento de fiação, em especial de fibras sintéticas, é o mais oligopolizado. Isso se deve à existência de grandes economias de escala e ao alto custo das máquinas e equipamentos. Ademais, o processo tem se tornado cada vez mais intensivo em capital.

Tabela 12

Consumo Mundial de Fibras Têxteis

(milhões ton.)				
Ano	Químicas	Naturais	Total	% naturais
1950	1,6	6,4	8,0	80,00
1960	3,9	10,1	14,0	72,14
1970	8,6	13,4	22,0	60,91
1980	13,1	16,8	29,9	56,15
1990	19,2	20,8	40,0	52,00
1996	27,2	24,9	52,1	47,79
1997	30,3	25,1	55,4	45,31
1998	31,2	24,4	55,6	43,88
1999	32,8	25,3	58,1	43,55
2000	34,7	25,7	60,4	42,55

Fonte: Fiber Organon, retirada de IEMI (2002) apud Lupatini

Já no segmento de tecelagem, especialmente no ramo de algodão, freqüentemente as empresas são integradas verticalmente com a fiação e chega o caso de empresas serem integradas até a confecção. No segmento dos tecidos sintéticos e artificiais há maior flexibilidade (em grande medida voltado para o segmento da moda), as escalas são menos relevantes e, em função da altíssima concentração na fiação, não se verifica integração vertical.

Tabela 13

**Número médio de empregados por
empresa na indústria têxtil por segmento
– 2001**

Têxtil	105,6
Fiação	251,7
Tecelagem	229,9
Malharia	36,6
Beneficiamento	88,9
Confecção	64,6
Vestuário	65,5
Meias e acessórios	54,4
Linha Lar	68,7
Outros	52,7
Total	70,6

Fonte: IEMI (2002).

Na visão de Hiratuka e Garcia⁹⁸, a característica marcante historicamente, o *locus* de acumulação da indústria têxtil foi o mercado interno, sendo que frente às crises na demanda interna, os fabricantes buscam compensação no mercado externo. Mas ao longo de seu desenvolvimento esta busca alternativa do mercado externo em momentos de retração da demanda não alterou o seu principal eixo de acumulação, o mercado interno. Outro aspecto significativo na indústria-têxtil brasileira é que as exportações estão concentradas em um número reduzido de empresas, freqüentemente de grande porte e com maiores capacitações industriais e tecnológicas e não há sinais significativos de que isso recentemente tenha se alterado, muito pelo contrário. Adicionalmente, Miranda⁹⁹ faz análise da indústria têxtil brasileira que indica “forte associação entre capacitação produtiva e porte da firma, prevalecendo melhores índices de atualização tecnológica, produtividade e desempenho em vendas nas empresas de maior porte e com marcas

⁹⁸ HIRATUKA, C., GARCIA, R. op., cit.set,1995.

estabelecidas no mercado”.

Por fim, trata-se aqui do processo de desverticalização das empresas e da desconcentração regional da produção e do emprego na indústria têxtil no Brasil, que são elementos de fundamental importância para a compreensão da configuração da indústria têxtil no Brasil. Apesar de todo o avanço tecnológico ocorrido no século XX, a relação um operador para uma máquina de costura não foi alterada. Assim, este segmento continua intensivo em trabalho e o custo do trabalho é o principal no custo total da mercadoria produzida. Isso contribui e explica parte do por que que frente a uma maior concorrência nesta fase de mundialização do capital (Chesnais, 1996), de abertura econômica (desde final dos anos 80) no Brasil e na busca de baixar custos as empresas estão subcontratando a produção ou deslocando-a para regiões de custo de trabalho inferiores ou ainda recorrendo a práticas precárias e informais de trabalho.

A desverticalização das empresas, em grande parte, é permitida pela natureza do processo produtivo têxtil – discreto e descontínuo.

Nos anos 1990 no Brasil um fenômeno crescente foi o deslocamento regional ¹⁰⁰ das empresas, principalmente deslocamento da região Sudeste para o Nordeste, sendo que a região Sul também ganhou importância. Isso foi permitido, como abordado anteriormente, pela natureza do processo produtivo discreto e descontínuo. Entretanto, o que impulsionou este deslocamento (em especial o segmento de confecção) para predominantemente a região Nordeste, foram basicamente dois elementos:

- ✓ custos do trabalho menores
- ✓ incentivos fiscais e de crédito.

Em 1990 a região Nordeste era responsável por 13,3% da produção nacional têxtil saltando para 20,6% em 2001, a região Sul aumentou em torno de dois pontos percentuais sua participação, enquanto a região Sudeste reduziu de 56,8% para 47,5% entre 1990 e 2001. Quando se olha o emprego,

⁹⁹ MIRANDA, J.C. *Abertura Comercial, Reestruturação Industrial e Exportações Brasileiras na Década de 90*. Texto de discussão nº829, Brasília, IPEA, out, 2001.

¹⁰⁰ Apenas estão sendo consideradas as regiões Sudeste, Sul e Nordeste devido ao fato destas concentrarem quase a totalidade da produção e do emprego da indústria têxtil-vestuário. A região Centro-Oeste desde o final dos 1990 ganhou expressiva participação na produção de algodão.

observa-se o mesmo movimento, com um elemento adicional, a região Sul ganha participação de forma mais pronunciada (Tabela 14).

Do ponto de vista dos segmentos, o de confecção da região Sudeste foi o que mais se reduziu, em termos relativos, de 81,04% em 1991 para 59,22% em 2001. Já o inverso aconteceu com as regiões Sul e Nordeste. A participação do Nordeste no emprego do segmento de confecção brasileiro aumentou em torno de 2,5 vezes e a da região Sul quase 2,0 vezes. Já no segmento têxtil (principalmente a fiação, mas também a tecelagem) a região Nordeste teve um crescimento significativo em função da migração e/ou constituição de empresas integradas verticalmente no ramo de algodão. Ambas as regiões Sul e Sudeste perderam parcela relativa do emprego no segmento têxtil (Tabela 15).

Para Lima¹⁰¹, este deslocamento regional da produção se dá via implantação de uma unidade produtiva ou por meio de terceirização/subcontratação da produção. O segundo caso (subcontratação) ganhou amplitude nos últimos anos no Brasil, de certa forma seguindo o que aconteceu desde 1970 no âmbito na configuração internacional da indústria têxtil-vestuário, em que as grandes empresas estadunidenses e européias subcontratam a produção em regiões/países onde o custo do trabalho é inferior (Tabela 16). Salvo as especificidades, isso também ocorre inter-região aqui no Brasil. Neste contexto, observam-se, em linhas gerais, dois formatos de configuração produtiva na indústria têxtil brasileira:

- ✓ o primeiro é o investimento que contribuiu para a consolidação de estruturas produtivas mais integradas, como o caso do estado de Santa Catarina;
- ✓ já o segundo refere-se a uma parcela desses investimentos, em especial os que se destinaram para o sul de Minas Gerais e a região Nordeste, que estão associados à busca de competitividade por via espúria, com base em incentivos governamentais (renúncia fiscal, por exemplo) e na flexibilização e precarização das relações de trabalho, como as denominadas cooperativas de produção industrial.

¹⁰¹ LIMA, J.C. As artimanhas da flexibilização: o trabalho terceirizado em cooperativas de produção. São Paulo Terceira Margem, 2002.

A utilização de formas precárias de trabalho é característica marcante na indústria têxtil, em especial na confecção, apesar de movimentos de resistência no âmbito nacional e internacional.

Tabela 14

Evolução da Participação das Regiões na Produção e no Emprego da Indústria Têxtil Brasileira - 1990/2001

	(em percentagem)					
	Nordeste		Sudeste		Sul	
Têxtil-Confeecção	1990	2001	1990	2001	1990	2001
Produção	13,3	20,6	56,8	47,5	26,8	28,7
Emprego (1)	5,1	12,4	81,0	59,2	11,8	21,9

Fonte: IEMI (2001 e 2002).

(1) mão-de-obra empregada (direta, indireta, administrativa e vendas)

A este respeito, apesar dos enormes e incansáveis esforços em defesa dos direitos humanos, contra práticas precárias de trabalho (muitas vezes de escravidão) no mundo, este quadro parece não ter se reduzido significativamente no mundo. Em função de pressões pela utilização de práticas precárias de trabalho, muitas vezes as próprias multinacionais adotam em seus discursos códigos de conduta que rompem com este tipo de ações, mas na prática, não raro, permanecem utilizando formas precárias de trabalho. No Brasil grandes empresas têm argumentado que, até pela própria exigência dos grandes compradores mundiais, não se utilizam de formas precárias de trabalho. Entretanto, nada garante que estas práticas não sejam usadas pelas suas subcontratadas ou pelas contratadas das subcontratadas, como trabalho domiciliar, cooperativas de produção industrial, por exemplo.

Tabela 15

**Evolução da Participação das Regiões no Emprego da Indústria Têxtil
Brasileira - 1990/2001**

	(em percentagem)								
	Nordeste			Sudeste			Sul		
Segmento/Ano	1991	2001	Var. (%)	1991	2001	Var. (%)	1991	2001	Var. (%)
Fiação	12,04	22,38	185,92	66,41	66,25	99,77	20,14	9,94	49,33
Tecelagem	11,10	17,66	159,03	65,61	57,43	87,54	21,09	19,08	90,46
Confecção	5,12	12,46	243,28	81,04	59,22	73,08	11,83	21,95	185,49

Fonte: IEMI (2001 e 2002).

Tabela 16

Custo Horário do Trabalho em 1998

País	Têxtil		Vestuário	
	US\$	USA=100	US\$	USA=100
UE				
Bélgica	21,70	167	16,49	163
Dinamarca	23,10	178	18,71	185
Alemanha	21,48	166	18,04	178
Grécia	7,99	62	6,55	65
Espanha	8,49	65	6,79	67
França	14,16	109	13,03	129
Itália	15,81	122	13,60	134
Países Baixos	19,88	153	14,71	145
Áustria	18,13	140	14,32	142
Portugal	4,51	35	3,70	37
Finlândia	15,69	121	13,96	138
Suécia	19,41	150	16,30	161
Reino Unido	13,58	105	10,86	107
Estados Unidos	12,97	100	10,12	100
Japão	20,70	160	13,55	134
Países do Leste Europeu				
Polônia	3,15	24	2,77	27
Hungria	2,98	23	2,12	21
República Tcheca	2,05	16	1,85	18
Romênia	n.a.	n.a.	1,04	10
Principais produtores/exportadores				
China	0,62	5	0,43	4
Turquia	2,48	19	1,84	18
Tunísia	1,76	14	n.a.	n.a.
Morocos	1,89	15	1,36	13
Egito	0,91	7	0,68	7
Índia	0,60	5	0,39	4
Indonésia	0,24	2	0,16	2
Coreia do Sul	3,63	28	2,69	27
Paquistão	0,40	3	0,24	2
Argentina	4,88	38	3,66	36
Brasil	4,05	31	2,03	20

Fonte: IEMI (2001 e 2002).

A estrutura industrial do complexo têxtil no Brasil é densa e diversificada, característica que contribui para uma constituição e inserção em atividades mais integradas industrialmente. Mas também apresenta forte heterogeneidade, com empresas de vários tamanhos e de distintas capacitações industriais e tecnológicas, além de fortes evidências de não coordenação da cadeia têxtil-vestuário, fato marcante, pois como foi citada

anteriormente, a competitividade da indústria têxtil-vestuário cada vez mais depende de todos os elos da cadeia e não apenas de um ou um grupo de empresas.

* * *

No decorrer deste capítulo, verificou-se a modernização ocorrida no parque industrial têxtil brasileiro e seus reflexos na economia do país. Uma análise quantitativa foi realizada, com o intuito de mensurar o potencial do setor têxtil nacional, assim como, suas possíveis inovações. Por fim, uma análise das configurações do setor têxtil brasileiro diante da atual fase de globalização dos mercados, se fez necessária, já que, é possível detectar os reflexos da construção histórica dos países no desenvolvimento e inovação da indústria têxtil.

Diante deste cenário globalizado, em que se estreitam às relações comerciais, é possível verificar seus impactos na indústria têxtil, em que formações de aglomerados regionalizados, possibilitam a sobrevivência de pequenos empreendedores neste segmento de mercado. É dentro deste contexto de contínuas mudanças, relações de interdependências e principalmente de sobrevivência no mercado globalizado, que buscamos uma análise da manutenção de pequenos empreendimentos têxteis no interior do Estado do Rio de Janeiro, mais precisamente, no município de Itaperuna. O objetivo é entender o funcionamento de destes pequenos negócios do setor têxtil, caracterizados pela relação de interdependência e proximidade local, que vencem várias adversidades em seu processo produtivo e alcançam resultados econômicos significativos.

O capítulo a seguir, se inicia com o reconhecimento do município pesquisado, destacando basicamente sua história, seu desenvolvimento local e regional, suas principais atividades econômicas e produtivas. Em seguida, uma análise mais profunda do final da cadeia têxtil (confeções), se faz necessária

para o reconhecimento de fatores como: seus processos de desenvolvimento, seus investimentos em inovação, assim como, suas potencialidades e deficiências. Para auxiliar a pesquisa, utilizamos um diagnóstico setorial desenvolvido pelo SENAI Itaperuna, em que foi possível conhecer melhor o comportamento e o perfil do campo de estudo. Por fim, uma breve abordagem sobre o nicho de mercado explorado pelas confecções do município (lingerie noite), permite uma melhor identificação das práticas têxteis e seus reflexos no mercado nacional.

CAPÍTULO 4

O MUNICÍPIO DE ITAPERUNA E O SETOR DE CONFEÇÕES:

Uma Breve Caracterização de suas Atividades Econômicas e Produtivas

O capítulo anterior abordou o panorama do parque industrial têxtil brasileiro, assim como seu processo de modernização e suas implicações na economia nacional. Uma análise quantitativa foi descrita com o intuito de detectar o potencial existente no setor e suas possíveis melhorias.

Este capítulo inicia-se com um breve estudo do município de Itaperuna, destacando sua história, seu desenvolvimento local e regional, suas principais atividades econômicas e produtivas.

O setor de confecções é analisado de forma ampliada, verificando seu histórico, sua caracterização, seus processos de desenvolvimento, seus investimentos em inovação, assim como, suas potencialidades e deficiências.

Para auxiliar a pesquisa, foi utilizado um diagnóstico setorial foi desenvolvido pelo SENAI Itaperuna, em que 167 confecções do município foram entrevistadas. Através deste diagnóstico foi possível averiguar as características das confecções de Itaperuna.

Uma abordagem sobre a *lingerie noite* se fez necessária, na busca de identificar este nicho de mercado desenvolvido pelo pólo de confecções de Itaperuna.

* * *

4.1 - ITAPERUNA – REVISITANDO A HISTÓRIA

Segundo informações do SEBRAE¹⁰², Itaperuna fazia parte da capitania de São Tomé, posteriormente chamada de Paraíba do Sul, e concedida ao fidalgo luso Pero de Góis, por Alvará de 10 de março de 1534.

Durante dois séculos, a área conhecida como Sertão da Pedra Lisa permaneceu inexplorada até que alguns colonos começam a explorar a região e se fixam na parte leste do município, perto da barra do córrego São Domingos.

A região de Itaperuna foi utilizada, antes do século XIX, apenas por bandeirantes e aventureiros que demandavam a baixada pelos afluentes da margem esquerda do Rio Paraíba do Sul. Por volta de 1830, entretanto, instalou-se na área o desbravador José Lannes Dantas Brandão com iniciativas que passaram a atrair população para o núcleo pioneiro do futuro município.

Em 1887 foi criada a Freguesia de São José do Avaí, nome dado em homenagem às Armas Brasileiras na Guerra do Paraguai, com a doação de 15 alqueires de terra para patrimônio dessa Vila pelo Sr. Jayme Porto e sua esposa.

Favorecida pela posição geográfica de maior acessibilidade a Campos, reforçada pela ligação ferroviária, a vila experimentou crescimento, concomitantemente à ampliação de sua importância administrativa e, em 04 de julho de 1889, foi instalada e elevada à categoria de cidade, com o nome de Itaperuna. Sua emancipação deu-se com a edição da Lei Provincial n.º 2.810, de 24 de novembro de 1895.

A área municipal atualmente não abrange a mesma base territorial da época da criação, que se estendia aos atuais municípios de Laje do Muriaé, Natividade e Porciúncula, porém, sua importância permanece na região.

A cidade teve o núcleo inicial em torno da linha da estrada de ferro, à margem esquerda do Rio Muriaé. Hoje, ambos os lados do rio estão ocupados pela malha urbana.

¹⁰²SEBRAE —Complexo Itaperuna.

4.2 - CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ITAPERUNA

A cidade de Itaperuna fundada em 1885, pertence à Região Noroeste do Estado do Rio de Janeiro, a qual é composta pelos Municípios Aperibé, Bom Jesus do Itabapoana, Cambuci, Italva, Itaocara, Laje do Muriaé, Miracema, Natividade, Porciúncula, Santo Antônio de Pádua, São José de Ubá e Varre-Sai.

Segundo dados do IBGE¹⁰³, o município de Itaperuna tem uma área total de 1.109,5 km², correspondentes a 20,06 % da área da Região Noroeste Fluminense e 2,5% do Estado do Rio de Janeiro. Entre 1994 e 2001, houve equivalência de vegetação secundária e de campo/pastagem, respectivamente 10% e 87% do território municipal. A área urbana cresceu de 1,1 para 1,5%.

Segundo a Fundação CIDE¹⁰⁴, a densidade demográfica de seus 91.194 habitantes em 2004 é de 82 pessoas por km², a 52ª maior do Estado. De acordo com o Censo 2000, a taxa de urbanização alcança 89,2% de sua população, distribuídas em 29.867 domicílios, dos quais 87,2% têm acesso à rede geral de abastecimento de água, 82,0% estão ligados à rede geral de esgoto sanitário, e 86,7% têm coleta regular de lixo.

A Rodovia BR-356 é o principal elemento de ligação com a região e o Estado, ao encontrar-se com a BR-116 em Muriaé, Estado de Minas, e com a Rodovia BR-101 em Campos, via Italva e Cardoso Moreira. Outras rodovias de acesso à cidade são a RJ-186 que vai para São José de Ubá, ao sul, e Bom Jesus do Itabapoana, a nordeste. As RJ-220 e 214 sobem para Natividade e a RJ-116 chega no distrito de Comendador Venâncio, vindo de Laje do Muriaé, a leste.

De acordo com a CIDE¹⁰⁵, uma taxa média geométrica de crescimento, no período de 1991 a 2000, de 1,18% ao ano, contra 0,96% na região e 1,30% no Estado. Sua taxa de urbanização corresponde a 89,2% da população,

¹⁰³ Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Dados coletados na sede em Itaperuna –RJ.

¹⁰⁴ Fundação CIDE – Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro, é um órgão vinculado à Secretaria de Estado de Planejamento e Gestão, tendo por finalidade prover o Estado do Rio de Janeiro de todo o acervo de dados e informações básicas necessários ao conhecimento e acompanhamento da realidade física, territorial, ambiental, econômica, demográfica e social do Estado, disponibilizando ferramentas imprescindíveis para tomada de decisões nas mais variadas áreas de atuação governamental, empresarial e acadêmica.

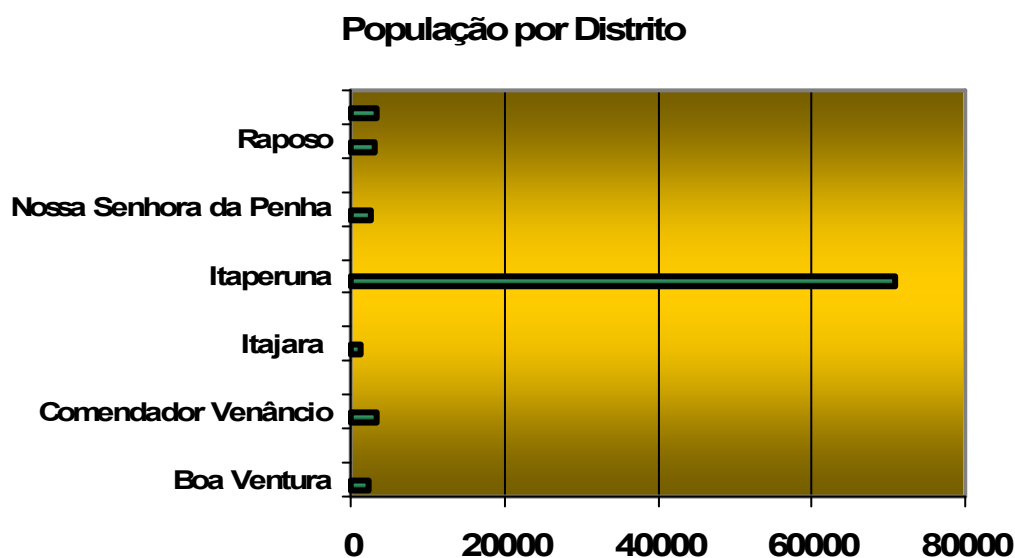
¹⁰⁵ Op.cit.

enquanto que, na Região Noroeste Fluminense, tal taxa corresponde a 79,2 %.

O TSE¹⁰⁶ afirma que Itaperuna tem um contingente de 68.449 eleitores, correspondentes a 75% do total da população. O município tem um número total de 29.867 domicílios com uma taxa de ocupação de 84%. Dos 4.682 domicílios não ocupados, 22% tem uso ocasional.

A distribuição da população itaperunense é disposta no gráfico 2, a seguir:

Gráfico 2: Distribuição Territorial da População Itaperunense



Fonte: Censo 2000 – IBGE

No município de Itaperuna a faixa etária predominante, segundo dados do IBGE, encontra-se entre 10 e 39 anos, os idosos representam 11% da população e as crianças de 0 a 9 anos, correspondem a 16 %.

Segundo dados do Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro¹⁰⁷, a renda per capita média do município cresceu 23,61%, passando de R\$ 211,86 em 1991 para R\$ 261,87 em 2000. A pobreza (medida pela proporção

¹⁰⁶ Tribunal Superior Eleitoral apud *Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro – Secretaria Geral de Planejamento – Estudo Socioeconômico 2005*.

¹⁰⁷ *Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro – Secretaria Geral de Planejamento – Estudo Socioeconômico 2005*.

de pessoas com renda domiciliar per capita inferior a R\$ 75,50, equivalente à metade do salário mínimo vigente em agosto de 2000) diminuiu 43,41%, passando de 42,5% em 1991 para 24,1% em 2000. A desigualdade diminuiu: o Índice de Gini passou de 0,64 em 1991 para 0,55 em 2000.

4.2.1 - Principais Atividades Produtivas e Econômicas

Inicialmente, a atividade econômica predominante foi a criação de gado, que se desenvolveu em fazendas de grandes extensões mas, a partir do final do Século XIX, com o advento da economia cafeeira, a colonização se efetuou de forma rápida e uniforme, promovendo um desenvolvimento rápido da região. Os trilhos da Estrada de Ferro Carangola chegaram, e a inauguração de seus serviços ocorreu em 25 de junho de 1883 com a presença de D. Pedro II.

O desenvolvimento da economia cafeeira na área foi responsável pela concentração de atividades comerciais e de serviços na cidade de Itaperuna, que passou a desempenhar funções de centro sub-regional do Norte Fluminense. O declínio da atividade cafeeira fez com que a região passasse a sofrer fortes efeitos regressivos. A pecuária de corte desenvolveu-se, então, voltada para o abastecimento dos grandes matadouros e frigoríficos, desenvolvendo-se posteriormente a produção leiteira, estimulada pela presença da fábrica de leite em pó Glória na sede municipal.

Dentre os seus maiores segmentos industriais, destacam-se na região os setores de Alimentos e Bebidas (Leite e derivados e Carne e derivados), Confecções (Lingerie Noite) e Pedras Decorativas, além outras concentrações industriais como Metal-mecânica e Metalurgia (Fundições), Papel e Celulose e Gráfica. Destacam-se ainda entre os segmentos, as seguintes empresas: Fábrica Boechat (Conjunto de freio para caminhões), Fábrica de Laticínios Monte Azul (Doces e Confeitos), Parmalat (Leite em pó, condensado e creme de leite), Copapa (Papéis), Charque Avay (Carne seca), Água Raposo (Água para consumo doméstico), Indústria de Bebidas Schmith (Bebidas alcoólicas).

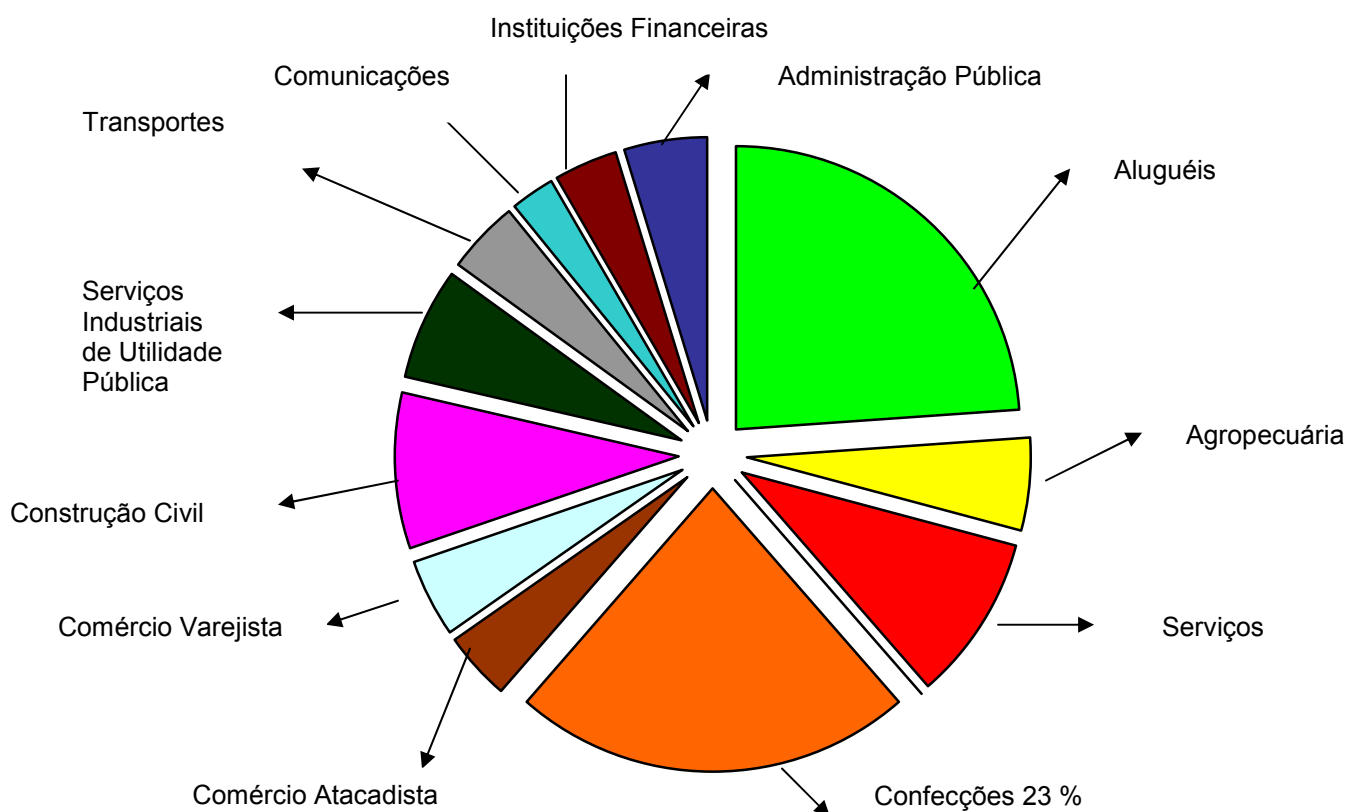
O PIB de 2003 alcançou R\$ 543 milhões, 29ª posição entre os 92 municípios fluminenses, com uma variação de 25,27% em relação ao ano anterior. O PIB per capita foi de R\$ 6.044,00. Se considerarmos a média do

PIB per capita do Estado como índice 100,00, o de Itaperuna ficou em 41,07.

Itaperuna teve uma receita total de R\$ 49.555.555,54 em 2004, ou 1,0270 vezes a sua despesa total, apresentando equilíbrio orçamentário. Suas receitas correntes estão comprometidas em 92% com o custeio da máquina administrativa. Sua autonomia financeira é de 12,1% e seu esforço tributário alcançou 16,4% da receita total. A dependência de transferências da União, do Estado e dos *royalties* atingiu 83%.

A carga tributária per capita de R\$70,42 é a 44ª do Estado, sendo R\$25,70 em IPTU (29ª posição) e R\$22,44 em ISS (45º lugar). Por sua vez, o custeio per capita de R\$498,16 é o 78º do Estado, contra um investimento per capita de R\$25,03, posição de número 85 dentre os demais municípios. Esse investimento representou 4,6% da receita total.

Gráfico 3: Composição do PIB do Município



Fonte: Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro – Secretaria Geral de Planejamento – Estudo Socioeconômico 2005.

O Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro mostra que os investimentos públicos correspondem, aproximadamente, a 4% da receita total do município. A restrição de investimentos ocorre de forma a não comprometer a liquidez com utilização de recursos de terceiros ou com a própria manutenção da máquina administrativa, uma vez que, somente com despesas de custeio comprometimento da receita corrente com a máquina administrativa) já compromete-se 92% das receitas correntes.

4.3 - Pólo de Confeccões de Itaperuna: Um Breve Histórico

O município de Itaperuna se sustentava basicamente da produção da atividade cafeeira. Com o declínio do setor, muitos trabalhadores da cidade encontraram na pecuária de corte uma alternativa para fugir da crise financeira que assolava Itaperuna.

Mesmo com a possibilidade de emprego na pecuária de corte, muitos trabalhadores não possuíam condições para investir no setor, e ainda existia o agravante proporcionado pela saturação ocorrida em função da intensa evasão dos trabalhadores da lavoura de café.

Na década de 60, a esposa de um sargento que fixou moradia na cidade começou a confeccionar anáguas de variados estilos para ser usado por baixo das saias das mulheres da época e assim influenciou outras pessoas a seguir seu exemplo de sucesso de vendas, servindo assim, de alternativa para que os desempregados da lavoura de café pudessem sair pela cidade e pela região vendendo a produção de suas esposas, dando início ao setor de confeccões de Itaperuna.

Foi o trabalho solidário de algumas donas-de-casa, dedicadas à costura e ao bordado de anáguas em lingerie, o precursor da pujante indústria de confeccões em Itaperuna. A boa aceitação desses produtos caseiros diante das amigas e conhecidas da própria bordadeira gera um pequeno mercado, cheio de potencialidades.

No início dos anos 70, uma expansão sem precedentes na indústria de confeccões itaperunense, com a abertura de mercados fora do município. Novos empresários investiram no setor, montando postos de feitura e

vendagem, aumentando as ofertas de emprego, alugando e comprando máquinas manuais e as primeiras fostonadeiras. A produção se intensificou, primando pela diversidade através do uso de tecidos como tergal, cetim e poliéster. As anáguas da década passada saem de uso com a liberação dos costumes, direcionando a mão-de-obra para o fabrico de camisolas e lingerie noturnas.

Um dos fatores de sucesso das confecções itaperunenses deveu-se não apenas à qualidade dos produtos, mas também a seu baixo custo em relação a outros centros produtores. Esse fenômeno era reflexo da baixa remuneração a que estava submetida à mão-de-obra local.

O setor já chegou a ter mais de 400 empresas em plena atividade, mas após a euforia dos anos 90 e algumas crises econômicas depois, foram identificadas 167 empresas em atividade de produção, sendo 101 formais. O índice de 30% de informalidade chega a assustar, mas é explicado pela quantidade das chamadas “facções” – confecções informais que prestam serviços de produção a outras confecções.

4.3.1 - Caracterização do Pólo de Confecções de Itaperuna

O pólo de confecções de Itaperuna foi mais bem observado através de um diagnóstico setorial que foi desenvolvido pelo SENAI, que tinha como objetivo conhecer melhor o setor, assim como, suas potencialidades e deficiências.

Composto por 167 confecções, com uma produção média de 600 mil peças mensais, o pólo é responsável pela produção de lingerie noite, mas também, em menor expressão, de produtos de cama, mesa e banho. Uma das formas utilizadas pelas empresas menores para a comercialização de seus produtos é através dos chamados CICs - Centros Industriais e Comerciais que no município de Itaperuna, se caracteriza por uma rua (Rua Jose Rafael Vieira, Bairro Presidente Costa e Silva) dedicada exclusivamente às confecções. Esses centros, constituídos por grandes conjuntos de lojas de fábrica, são responsáveis pelo escoamento de grande parte da produção de lingerie noite das micro e pequenas empresas locais. O pólo de confecções direciona aos atacadistas, em média, 80% de sua produção. As vendas normalmente

acontecem em eventos ou em feiras noturnas promovidas pelos próprios confeccionista da cidade, distribuindo seus produtos para estados como: Rio, São Paulo, Minas Gerais, Espírito Santo e mesmo no Acre e Rondônia.

O setor é o segundo maior empregador da região, perdendo apenas para o setor de Alimentos e Bebidas, considerando todos os segmentos industriais, conforme a RAIS¹⁰⁸, representando 13,5% dos empregos diretos ou aproximadamente 1.200 postos de trabalho e 3,6 mil empregos indiretos. Tendo em vista o rendimento médio do trabalhador da região, temos uma massa salarial de R\$ 1,4 milhões movimentando mensalmente a economia da região.

A indústria de confecções está organizada através do SINCRONERJ (Sindicato das Indústrias de Confecção no Noroeste Fluminense do Estado do Rio de Janeiro), que juntamente com a FIRJAN (Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro) e o SEBRAE-RJ (Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Rio de Janeiro), vêm tentando desenvolver o setor, visando o seu fortalecimento, a qualificação da mão-de-obra, a melhoria da qualidade dos produtos, o aumento da produtividade e a profissionalização da gestão.

Em 2000, foi criado pelo Presidente do Sistema FIRJAN, Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira, o Fórum Empresarial da Moda. Este surgiu da necessidade de revitalização do setor têxtil e de confecções, apresentada pelos representantes do setor no Estado do Rio, do qual o SINCRONERJ também faz parte. Este fórum se propõe a discutir e propor ações sobre questões relevantes do setor. Sua missão é contribuir para o desenvolvimento da cadeia têxtil e revitalizar a imagem do Rio como pólo de moda, fazendo com que o Estado volte a ser referência nacional e internacional como lançador de tendências e gerador de negócios para o setor. Dentre suas principais ações, destacam-se o FASHION RIO e o FASHION BUSINESS, que contam com apoio do SEBRAE e da ABIT – Associação Brasileira da Indústria têxtil e de Confecção, dos quais as empresas de confecção do Noroeste já participaram.

Além do Fórum da Moda, o Sistema FIRJAN também contribui para o desenvolvimento do setor através da publicação Catálogo da Indústria da

¹⁰⁸ RAIS – Relação Anual de Informações Sociais. Disponível em : <[http:// www.rais.gov.br](http://www.rais.gov.br)> Acessado em: 14 de jan. 2007.

Moda; do CIN – Centro Internacional de Negócios, que conta com profissional exclusivo para atendimento ao setor; e do NAD – Núcleo de Apoio ao Design de Moda, que oferece desenvolvimento experimental, inovação tecnológica, capacitação técnica e adequação de processos produtivos. O NAD foi instalado inicialmente no SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) de Friburgo e conta com uma extensão para atendimento ao setor de Confeccções do Noroeste no SENAI de Itaperuna, cuja inauguração aconteceu em Outubro de 2003 e já atende a aproximadamente 20 empresas da região, que estão desenvolvendo profissionalmente suas coleções.

É possível perceber através do diagnóstico setorial, que em geral, assim como a maioria das pequenas empresas, as confecções do Noroeste Fluminense são empresas familiares, dirigidas por um ou mais proprietários, normalmente em pequeno número, que acumulam diversas funções administrativas. Observa-se que grande parte do tempo é consumida em atividades ligadas a produção e vendas, sobrando muito pouco tempo para o planejamento.

O tecido é a principal matéria-prima das confecções. A produção exige o uso de tecidos como: tergal, poliéster, malha e outros.

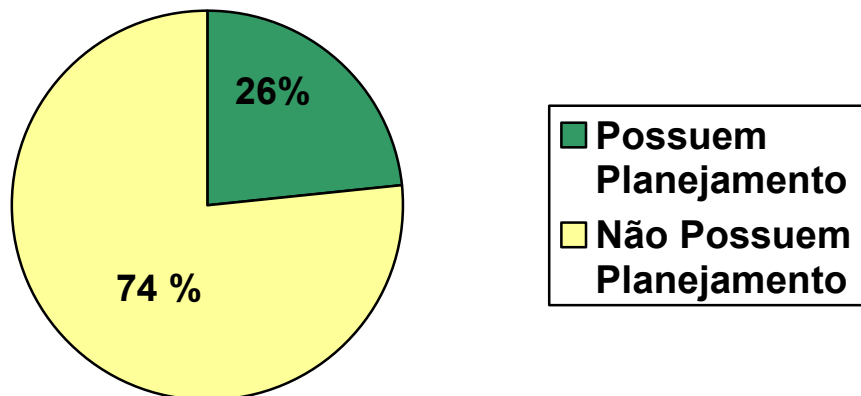
A malha utilizada pelas confecções vem do município de Muriaé, que possui um volume considerável de malharias. A proximidade entre os municípios, faz com que os empresários de Itaperuna encontrem em Muriaé preços acessíveis, facilidade no transporte e malhas de qualidade.

Algumas matérias-primas mais especializadas e difíceis de encontrar nos municípios da região são compradas no Rio de Janeiro. Os confeccionistas unem seus pedidos de matérias-primas e se dirigem a capital com o volume grande de compras a serem realizadas, podendo assim, conquistar preços mais baixos e melhores condições de pagamento.

Com estruturas ainda muito provincianas, o pólo de confecções de Itaperuna, busca avançar no mercado nacional. Segundo dados do diagnóstico setorial, existem grandes preocupações com a precariedade do planejamento das empresas havendo consciência da necessidade de sanar tal deficiência. Observando o gráfico 4, é possível mensurar a precariedade no setor de planejamento das confecções.

Gráfico 4: Planejamento Empresarial das Confeccões

Precariedade de Planejamento Empresarial



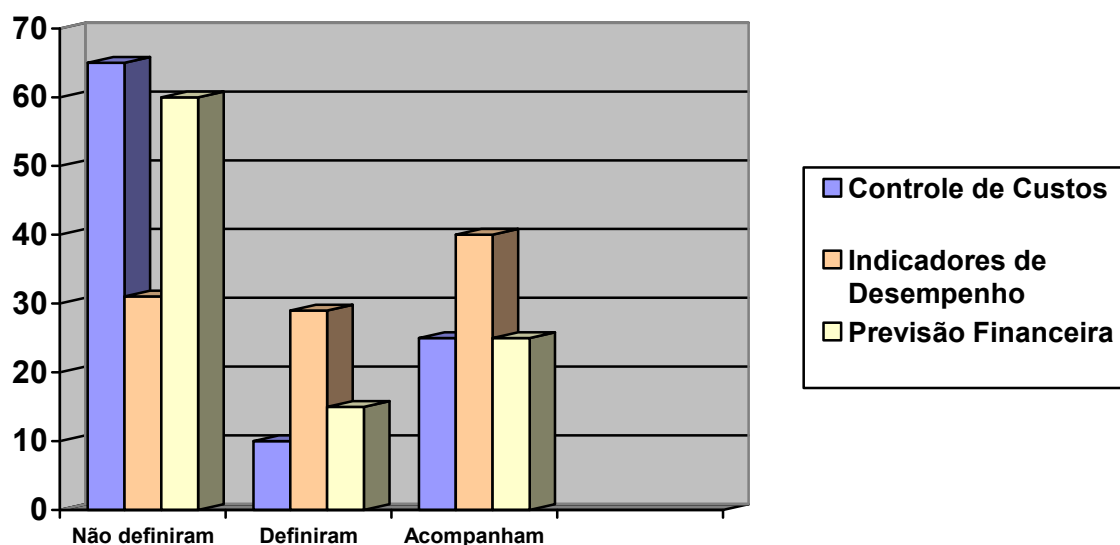
Fonte: Diagnóstico Setorial SENAI.

Alguns problemas na administração das confeccões são claramente identificados no diagnóstico, é o que acontecem com os indicadores de desempenho, previsões financeiras e controle de custos. No gráfico 5 é possível dimensionar tais deficiências encontradas na administração das confeccões.

Apesar da existência de fortes indicadores de imperfeições administrativas, o pólo de confeccões de Itaperuna possui vários destaques em cadeia nacional. Um grande exemplo disto é o concurso nacional vencido pela confeccão Remada de Itaperuna, que confeccionou durante toda a exibição do programa, lingerie noite para os integrantes do Big Brother Brasil 3 da Rede Globo.

Outro destaque do pólo de confeccões de Itaperuna é a sua participação em eventos conhecidos internacionalmente, como Fashion Business e Fashion Rio, nos quais já participou de nove edições.

Gráfico 5: Administração das Confeccões



Fonte: Diagnóstico Setorial SENAI.

Desde que foi criado, o Fashion Rio / Fashion Business já acumula um saldo de 701 expositores, 398 compradores internacionais e US\$ 53,4 milhões em negócios. Só na última edição, as vendas no mercado interno somaram R\$ 420 milhões e as exportações alcançaram US\$ 12,3 milhões. Do Rio de Janeiro, com apoio do SEBRAE/RJ, também participarão do Fashion Business sete pólos de confecções: Petrópolis, Nova Friburgo, Campos, Médio Paraíba, Cabo Frio e São Gonçalo e Niterói. Também apoiados pelo Sebrae, participarão pólos dos estados de Pernambuco, Minas Gerais e Paraná. Os estados do Piauí, Paraíba e Rio Grande do Sul estarão presentes, dentro do estande Talentos do Brasil.

A realização do evento é do SEBRAE/RJ, Firjan/Senai Moda –RJ, com o apoio da Abit (Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confecção) e para a participação das empresas do Noroeste Fluminense, o apoio da prefeitura municipal de Itaperuna.

Com dificuldades, mas com muito trabalho o pólo de confecções de Itaperuna vem driblando os problemas buscando inovar e expandir seus negócios.

4.3.2 - Processo de Inovação e Desenvolvimento no Pólo de Confeções de Itaperuna

O avanço tecnológico é um desafio ao pólo de confeções, fator indispensável para quem trabalha no ramo da moda em um mercado cada vez mais exigente como o atual.

Conforme dados do Diagnóstico Setorial, os projetos de desenvolvimento de coleções não são desenvolvidos por profissionais da área em 78% das empresas, 70% desenvolvem dentro da empresa e apenas 15% terceiriza estes serviços, cuja dificuldade é atribuída ao fato de haverem poucos profissionais disponíveis na região. Somente 20% das empresas dizem precisar ou pretender registrar marcas e patentes.

Quanto à tecnologia da informação, somente 15% possuem sistema de gestão informatizado, enquanto 8% o utilizam totalmente. Existem ainda 52% que reconhecem que precisam e pretendem utilizar.

O maquinário utilizado pelos confeccionistas é considerado precário no que diz respeito ao volume de produção existente, a necessidade de máquinas de maior porte é visível. A manutenção é feita conjuntamente, permitindo que os confeccionistas tenham seu maquinário em ideais condições de produção.

Algumas confeções isoladas, como é o caso da confecção Foligno's, possui uma máquina de última geração que permite os mais sofisticados bordados.

Se investimentos forem realizados na compra de máquinas mais modernas, com maior capacidade de produção, o pólo de confeções de Itaperuna terá um forte aliado para competitividade no mercado.

A necessidade de parcerias com órgãos públicos no setor é visível, já que normalmente nascem de empreendimentos domésticos sem maiores estruturas, havendo a grande necessidade de enfrentar um longo caminho, na busca de aprimorar as potencialidades. Um exemplo disto é o design, algo importantíssimo hoje no mundo da moda, mas que muitos microempresários, não têm condições de contratar um profissional para cuidar dessa gestão, por isso a necessidade de auxílios públicos para estes empresários. Antigamente criavam-se modelos próprios, hoje, trabalhar com pessoal qualificado é

essencial para competir no mercado cada vez mais exigente. Com o devido suporte de entidades públicas, cursos podem ser ministrados, despertando nesses microempresários a consciência de moda e os levando a trabalhar a gestão do design dentro das empresas como oportunidade de gerar negócios, através de um produto de qualidade, bom gosto e, principalmente, vendável. Com esta conscientização os empreendimentos domésticos de Itaperuna (confeções) estarão aptos a competir com as grandes indústrias têxteis do Estado.

A preocupação com a qualidade do produto, a necessidade de capacitação da mão-de-obra, são fatores que atualmente distanciam o pólo de confeções de Itaperuna dos pólos nacionais que atendem as exigências dos mercados internacionais.

Outra preocupação eminente no cotidiano dos confeccionistas é a dificuldade encontrada pelas péssimas condições das estradas que dão acesso ao município. Além de dificultarem o escoamento da produção, impedem o acesso de vários ônibus de excursão de diversos estados que visitam semanalmente o pólo de confeções para as feiras noturnas.

Segundo dados da Tribuna Noroeste¹⁰⁹ a prefeitura de Itaperuna está disposta a fortalecer o pólo de confeções do município. Embasada na Lei 4.534 que cria o Fundo de Recuperação Econômica dos municípios do Noroeste e destina o tratamento especial à instalação de indústrias e à expansão de empreendimentos já existentes num regime de recolhimento de ICMS equivalente a 2 % sobre o faturamento.

A Prefeitura tem como prioridades desenvolver o programa de asfaltamento e sinalização das ruas que cercam o pólo de confeções, gerar habilidades da força de trabalho local a fim de melhorar a qualidade na prestação de serviços e na venda de produtos, criação de um setor de apoio ao design e definição de uma atuação comercial.

Parceiros estão fazendo investimentos no setor, como é o caso da Prefeitura de Itaperuna, o SEBRAE, a FIRJAN e a Associação Comercial de Itaperuna. O real objetivo é sanar as deficiências em tecnologia e capacitação para alcançar o tão almejado mercado internacional.

¹⁰⁹ Tribuna Noroeste/ Política e Geral. Reportagem exibida em out 2006.

4.3.3 - Lingerie Noite: Características Específicas do Nicho de Mercado

Mundialmente conhecida por seu glamour e sensualidade, a lingerie noite se caracteriza por trajes especiais para dormir. A lingerie noite é composta por: roupões, camisolas, baby dools e pijamas.

A lingerie¹¹⁰ começa por volta do segundo milênio antes de Cristo. Em Creta, as mulheres usavam um corpete simples que sustentava a base do busto, projetando os seios nus. Essa "moda" era inspirada na Deusa com Serpentes, ideal feminino da época. Com o final da Segunda Guerra Mundial, o New Look do costureiro Dior, lançado em 1947, propunha a volta da elegância e dos volumes perdidos durante o período da guerra. A lingerie passou a ter diversos tipos de modelagens.

O item lingerie noite trata-se de um produto que exige um minucioso trabalho de produção, em função dos seus variados detalhes. Como a lingerie dia (moda íntima), os profissionais abusam na criatividade e nos bordados que dão a característica glamurosa das peças.

Os principais consumidores da lingerie noite são as mulheres, buscando nas peças a sofisticação e o conforto nas roupas de dormir. Homens e crianças, também são consumidores da lingerie noite.

As camisolas são um dos grandes investimentos dos empresários do setor de lingerie noite, pois permitem uma diversidade de estilos e bordados. Os pijamas e baby dools, estão cada vez mais sofisticados e confortáveis, atendendo as exigências dos clientes modernos, que visam conforto, praticidade e qualidade nas roupas de dormir.

O custo desses produtos varia muito de acordo com o tecido utilizado para a produção das peças, assim como, o tipo de bordado utilizado. A lingerie noite tem como fator predominante a diversidade de estilos e clima, as peças podem ser produzidas para climas frios ou quentes, podem ser curtas ou longas, ousadas ou comportadas, enfim, as opções são as mais variadas possíveis, o que permite ao empresário do setor a possibilidade de vendas em qualquer época do ano.

¹¹⁰ Revista Manequim Disponível em
<http://manequim.abril.com.br/edicoes/551/xtramoda/conteudo_102459.shtml> Acesso em: 01 de fev. 2007.

A inovação é um fator crucial no ramo de lingerie noite. Modelos diferentes, requintados e modernos, são fatores determinantes para as vendas. Investimentos em máquinas sofisticadas e profissionais qualificados fazem o diferencial competitivo dos empresários de lingerie noite. O mundo da moda exige que a lingerie noite esteja sempre atual e moderna para agradar os consumidores cada vez mais exigentes e atentos às novidades do mercado.

A produção de lingerie noite exige investimentos maciços em modernidade, sensibilidade na produção das peças e principalmente na escolha da matéria-prima a ser utilizada.

A lingerie noite faz parte de um mercado em ascensão, que promove eventos de reconhecimento internacional (Fashion Rio/ Fashion Business) e que agrada muito os consumidores internacionais. Trata-se de um setor de lucratividade e excelentes possibilidades de expansão.

* * *

Neste capítulo foi possível verificar um breve estudo do município de Itaperuna, destacando sua história, seu desenvolvimento local e regional, suas principais atividades econômicas e produtivas. Uma ampla análise do setor de confecções se fez necessária, verificando seu histórico, sua caracterização, seus processos de desenvolvimento, seus investimentos em inovação, assim como, suas potencialidades e deficiências. Por fim, uma sucinta abordagem sobre o nicho de mercado desenvolvido pelas confecções com o objetivo de conhecer as reais potencialidades diante do mercado contemporâneo.

O capítulo a seguir abordará o campo de pesquisa que suscitou este trabalho, mostrando a aplicabilidade das informações até então estudadas no intuito de caracterizar a aglomeração local existente nas confecções do município de Itaperuna. Uma análise das características do setor de confecções do município de Itaperuna se faz necessária, para que seja possível identificar que tipo de aglomeração industrial é encontrado no setor de

confeções especializado em lingerie noite, do município de Itaperuna. Indicadores como proximidade geográfica, cooperação interfirmas e o porte das empresas, serão amplamente abordados com a intenção de ratificar tudo o que foi abordado pela literatura nos capítulos anteriores, assim como, permitir a caracterização enquanto aglomeração industrial do setor de confeções pesquisado.

CAPÍTULO 5

CARACTERIZAÇÃO DO SETOR DE CONFECÇÕES DE ITAPERUNA:

O Aglomerado Industrial e seus Elementos

Este capítulo inicia-se abordando o campo de pesquisa que suscitou este trabalho de pesquisa, mostrando a aplicabilidade das informações até então estudadas no intuito de caracterizar a aglomeração local existente nas confecções do município de Itaperuna.

Uma análise das características do setor de confecções do município de Itaperuna se faz necessária, para que seja possível identificar que tipo de aglomeração industrial é encontrado no setor de confecções especializado em lingerie noite, neste. Indicadores como proximidade geográfica, cooperação interfirmas e o porte das empresas, serão amplamente abordados com a intenção de ratificar tudo o que foi abordado pela literatura nos capítulos anteriores, assim como, permitir a caracterização enquanto aglomeração industrial do setor de confecções pesquisado.

O setor de confecções é uma das atividades econômicas mais importantes do município de Itaperuna. O estudo realizado busca identificar a aglomeração industrial vigente no município, já que, trata-se de empresas de pequeno porte que atingem resultados econômicos consideráveis, levando-se em conta as reais condições e infra-estrutura de seus empreendimentos.

A bibliografia competente sobre aglomerações industriais possui uma gama de conceitos que dificultam a verificação precisa do que ocorre no setor de confecções do município de Itaperuna. Mas, mesmo com este complicador,

alguns fatores são determinantes para identificar o sistema local de produção.

Fatores como proximidade geográfica, as atividades conjuntas realizadas pelos confeccionistas e o porte pequeno destes empreendimentos configuram um ambiente de cooperação e ao mesmo tempo de competição entre as mesmas.

Busca-se analisar tais indicadores com intuito de caracterizar o setor de confecções do município de Itaperuna como aglomerado industrial, utilizando-se do perfil e das práticas já existentes e comumente utilizadas pelos empresários da região.

O diagnóstico setorial produzido pelo SENAI será utilizado para garantir a veracidade da caracterização das confecções enquanto sistemas locais de produção, já que, o diagnóstico é composto por entrevistas minuciosas de todas as atividades e perfis das confecções atuantes do município de Itaperuna.

Ao final deste capítulo objetiva-se caracterizar o pólo de confecções de Itaperuna como aglomerado local, mediante um coerente paralelo no que há na literatura competente e o comportamento das empresas de lingerie noite itaperunenses.

* * *

5.1 - A RELAÇÃO COOPERAÇÃO / COMPETITIVIDADE NO SETOR DE CONFECÇÕES EM ITAPERUNA

A maior dificuldade das empresas de pequeno porte sempre foi se sustentar no mercado diante de grandes empresas. O fácil acesso a incentivos políticos e econômicos encontrados pelas empresas de grande porte, sempre impediram que as micro, pequenas e médias empresas pudessem competir em

patamar de igualdade no mercado.

Mas como se manter no mercado diante de empresas tão fortes e preparadas para as contínuas oscilações do mercado?

Através destes questionamentos e da necessidade de fazer prosperar seus pequenos negócios, que empresários regionalmente localizados, se unem para se tornar competitivos no mercado contemporâneo.

Com cooperação, as micro e pequenas empresas inovam e aprendem através da interação entre si e com outras organizações, a ampliar sua competitividade de maneira dinâmica e sustentável. Permitem o crescimento de seus negócios, assim como, desenvolvimento da localidade onde estão inseridos. Enfim, é unindo forças que as empresas de pequeno porte agregam instrumentos para dar competitividade a toda cadeia produtiva e subsídios para incorporações tecnológicas.

No setor de confecções do município de Itaperuna foram encontradas algumas resistências em algumas características abordadas. A que mais causou indiferença foi à cooperação, já que, os empresários alegavam não serem parceiros em seus negócios, e sim, adversários.

Tal resistência se caracteriza pela mentalidade provinciana dos empresários, pois várias atividades dentro do processo produtivo são devidamente compartilhadas entre os empreendedores do setor. Mas, além disso, existe a incompatibilidade encontrada por eles, no que diz respeito à cooperação e competitividade. Os empresários se consideram concorrentes, mesmo reconhecendo que algumas ações são conjuntas para o benefício do setor. É visível a dificuldade em aceitar maiores interações entre os empresários, visto que, tais atitudes segundo eles, comprometeriam as relações de competitividade existentes e consequentemente a lucratividade de seus empreendimentos em lingerie noite.

Para Regazi¹¹¹, tais atitudes seriam obstáculos colocados pela cultura empresarial da região: em geral, muito individualista, provinciana, pouco estratégica e incapaz de perceber, ou pelo menos, admitir vantagens competitivas na cooperação.

¹¹¹ REGAZI, R.D. HERSCHMANN, M. & PEREIRA, C.A.M. apud PEIXOTO, F.J.M. *O local e os sistemas de inovação em países subdesenvolvidos: o caso do arranjo produtivo e moda praia de Cabo Frio/ RJ*. Rio de Janeiro UFRJ, Dissertação de Mestrado, 2004, p.108.

Percebe-se no aglomerado de confecções em Itaperuna que a cooperação existente se mantém, mas, porque não há outra maneira encontrada pelos confeccionistas de se sustentar no mercado da região. A própria resistência em falar sobre a cooperação entre os empresários é um indício forte de que a interação é a única alternativa de se desenvolver e de se sustentar, pois os agentes (confeccionistas) são enfáticos ao afirmar que todas as confecções que compõem o aglomerado de Itaperuna são concorrentes entre si e não parceiras. O fato de comungarem de várias atividades é simplesmente uma atitude de sobrevivência, e não porque façam parte de consórcios, arranjos ou qualquer outro tipo de ação cooperativa, afirmam eles em suas respostas ao item parceria do questionário do diagnóstico setorial.

Segundo Santos e Guarneri¹¹² a cooperação entre empresas de pequeno porte ocorre devido ao compartilhamento de atividades comuns como compra de insumos, treinamento de mão-de-obra, contratação de serviços e logística, assim como, maior acesso à informação e assistência técnica, melhoria de processos produtivos, ganhos de competitividade e redução de custos, através da qualificação e capacitação das empresas, agregação de maior valor aos produtos e acesso a créditos. A interação e a cooperação entre as empresas e os demais agentes envolvidos são vitais. Do mesmo modo, a capacitação para definir metas, ações e investimentos a serem promovidos para o desenvolvimento esperado representa um aspecto fundamental à sobrevivência de pequenas empresas.

No diagnóstico setorial é possível verificar que a maioria dos empresários coopera entre si em atividades como compra de matérias-primas, pois adquirem melhores preços comprando em maiores quantidades junto aos fornecedores.

A divisão de espaços em feiras é atividade comum na quase totalidade das confecções que compõem o diagnóstico setorial realizado. Os empresários justificam tal prática pelo alto custo em estantes, eventos e transportes para divulgação de suas marcas. Com a ação conjunta dos confeccionistas os custos das feiras são divididos, permitindo com que as confecções itaperunenses participem de todos os eventos de moda que são convidados ou

¹¹² SANTOS, A.M.M., GUARNERI, L.S., *Características gerais do apoio a Arranjos Produtivos Locais*. Rio de Janeiro, BNDES Setorial, n.12 2000, p.201.

se inscrevem, inclusive eventos mundialmente conhecidos como Fashion Business/Fashion Rio.

A manutenção conjunta de equipamentos é outra atividade praticada pela maioria dos empresários de confecção do município. Grande parte das máquinas exige cuidados especiais de profissionais capacitados que não se encontram na região, o que torna ainda maior o custo de manutenção das máquinas¹¹³. Para isso os confeccionistas se unem, pois com um maior volume de máquinas é possível custear transporte e negociar preço com os profissionais de manutenção, permitindo com que o processo produtivo não seja afetado por ausência ou precariedade de equipamentos.

Desenvolver treinamentos e capacitação de mão-de-obra são ações deficientes não só no setor de confecções, mas como também em diversas atividades profissionais do município. A carência de desenvolvimento em mão-de-obra faz com que a inovação seja limitada, realidade nada compatível no mundo da moda. Com o intuito de amenizar tais problemas, os confeccionistas se unem para trazer esporadicamente, profissionais dos grandes centros (Rio de Janeiro e São Paulo) como: estilistas, bordadeiras, costureiras, alfaiates, etc. Tal medida permite que os profissionais da região comunguem de novas experiências e novidades, podendo assim aprimorar e inovar sua produção.

Algumas atividades de interação que poderiam ser diferenciais competitivos para o setor de confecções de Itaperuna, ainda sofrem resistências. A prática de desenvolver produtos conjuntamente, compartilhar equipamentos, compartilhar instalações e comercializar produtos com a marca das confecções do pólo de Itaperuna, ainda são projetos distantes de se concretizarem e permitirem as confecções itaperunenses um diferencial competitivo diante do mercado de lingerie noite do país.

Mesmo passível de aprimoramento, a ação conjunta entre os membros das confecções é encarada como uma estratégia para minimizar as dificuldades financeiras muito comuns às empresas de pequeno porte fazendo-as aptas a competir com grandes empresas no mercado nacional.

A confiança que já existe entre os empresários itaperunenses, mesmo nascida da necessidade de sobrevivência das pequenas empresas de confecções, vem permitindo a ampliação de seus negócios e de suas

capacidades *inovativas*.

Segundo Humphrey e Shimitz¹¹⁴ a convivência cotidiana de agentes locais em atividades econômicas leva-os a fortalecerem a confiança que uma vez consolidada, pode expandir-se a projetos maiores, por exemplo, os de internacionalização de mercados e de desenvolvimento de produtos.

Visser¹¹⁵ afirma que o processo de formação dos arranjos produtivos locais pode ocorrer de três maneiras. Primeiramente, através de um ou mais empreendedores que identificam vantagem competitiva local decorrente de alguns fatores, tais como: facilidades de distribuição, infra-estrutura local, presença de grande quantidade de competidores que juntos compartilham riscos de investimentos. Em segundo, como resultado de uma estratégia empresarial para solucionar problemas de competitividade. Nesse caso, a interação ou cooperação ocorre na cadeia produtiva (interação vertical) e/ou entre competidores (interação horizontal). E, um terceiro processo que envolve razões históricas, baseadas nas experiências de longos anos e na tradição das empresas da região, que movidas pela perspectiva de ganhos, passam a interagir.

Visualiza-se nas confecções de Itaperuna a realização de estratégias pelos empresários que se aproveitam da infra-estrutura produtiva existente para obter melhores preços e redução de custos de produção e distribuição, através de compartilhamento de recursos produtivos e centros de vendas.

Para Hoffmann, Gregolin e Oprime¹¹⁶, além dos aspectos técnicos que definem a forma de organização e estruturação da cooperação, há o aspecto social que é fundamental no entendimento dos processos e ações dentro das atividades dos agrupamentos. Esse aspecto é menos perceptivo para o observador, mas essencial para o entendimento não somente dos fatores associados às relações sociais intra-grupos, como também das formas de organização do trabalho e dos mecanismos de ascensão social.

¹¹³ Dados embasados nos relatos dos confeccionista que compõem o diagnóstico setorial.

¹¹⁴ HUMPHREY, J.; SCHIMITZ, H. apud HOFFMANN, W.A.M. GREGOLIN, J.A.R. OPRIME, P.C. A contribuição da inteligência competitiva para o desenvolvimento de arranjos produtivos locais: o caso Jaú – SP. São Paulo, Universidade de São Carlos, 2004.

¹¹⁵ VISSER, J.A. apud HOFFMANN, W.A.M. GREGOLIN, J.A.R. OPRIME, P.C. A contribuição da inteligência competitiva para o desenvolvimento de arranjos produtivos locais: o caso Jaú – SP. São Paulo, Universidade de São Carlos, 2004.

¹¹⁶ HOFFMANN, W.A.M. GREGOLIN, J.A.R. OPRIME, P.C. A contribuição da inteligência competitiva para o desenvolvimento de arranjos produtivos locais: o caso Jaú – SP. São Paulo,

Diante do objetivo maior que é a sobrevivência no mercado de lingerie noite, as confecções do município de Itaperuna, vivem em um ambiente de intensa cooperação, podendo ainda evoluir muito neste aspecto, mas também é eminente o clima de competitividade entre as mesmas.

Esta estreita relação entre cooperação e competitividade, existente no cotidiano das confecções itaperunenses, pode ser considerada uma característica comum nos arranjos produtivos locais, pois são aglomerações locais que, baseiam-se exatamente na prática cooperada de atividades ligadas à produção não abandonando o clima de competitividade entre as empresas.

Para Peixoto¹¹⁷ a formação de arranjos produtivos locais é mais propícia a se desenvolverem em ambientes favoráveis à interação, cooperação e confiança entre os atores, mesmo que trate-se da subsistência das empresas no mercado, sem excluir a prática competitiva anteriormente existente.

Cassiolato e Lastres¹¹⁸ reforçam a relação cooperação e competitividade como características dos arranjos produtivos locais, pois afirmam que tratam-se de agentes econômicos, políticos e sociais, localizados em um mesmo território, desenvolvendo atividades econômicas correlatas e apresentam vínculos de produção, interação, cooperação e aprendizagem, com potencial para gerar o incremento da capacidade *inovativa* endógena, da competitividade e do desenvolvimento local.

5.2 - A PROXIMIDADE GEOGRÁFICA NO SETOR DE CONFECÇÕES EM ITAPERUNA

Para Santos, Crocco e Lemos¹¹⁹, a discussão sobre as atividades produtivas em empresas regionalmente localizadas vem adquirindo uma crescente relevância na literatura econômica, especialmente heterodoxa,

Universidade de São Carlos, 2004.

¹¹⁷ PEIXOTO, F.J.M. *O local e os sistemas de inovação em países subdesenvolvidos: o caso do arranjo produtivo e moda praia de Cabo Frio/ RJ*. Rio de Janeiro UFRJ, Dissertação de Mestrado, 2004, p.41.

¹¹⁸ CASSIOLATO, J.E., LASTRES, H.M.M. apud PEIXOTO, F.J.M. *O local e os sistemas de inovação em países subdesenvolvidos: o caso do arranjo produtivo e moda praia de Cabo Frio/ RJ*. Rio de Janeiro UFRJ, Dissertação de Mestrado, 2004, p.42.

incorporando contribuições da economia da inovação, economia industrial e geografia econômica. Este interesse origina-se das mudanças ocorridas a partir da década de 1970 no ambiente competitivo das empresas. Tais mudanças ocorreram simultaneamente à emergência de um novo paradigma tecnológico (baseado na microeletrônica), o qual tem imposto um processo produtivo mais intensivo em conhecimento. Esta tendência é observada tanto em indústrias tradicionais, tais como pesca no Chile, móveis na Dinamarca, têxtil e calçados na Itália e confecções em Taiwan e Tailândia, quanto em indústrias high-tech, em que a competição é baseada na contínua introdução de inovações.

As confecções do município de Itaperuna têm como aliado à cooperação e conseqüentemente a sua sobrevivência no mercado, a proximidade geográfica entre as empresas, pois, as 167 confecções localizam-se em uma mesma rua da cidade.

A maneira utilizada pelas pequenas empresas de confecções foi a formação de CICs, que tratam-se de Centros Industriais Comerciais localizados na Rua José Rafael Vieira no Bairro Presidente Costa e Silva na cidade de Itaperuna.

Segundo dados do diagnóstico setorial, a proximidade entre as empresas é um facilitador nas atividades desenvolvidas pelas confecções, pois permite maior facilidade de escoamento da produção, facilidade na entrega de mercadorias e principalmente nos eventos desenvolvidos pelos agentes.

Como as feiras noturnas são realizadas na Rua onde se situam as confecções, a entrega das mercadorias é imediata havendo inclusive a possibilidade de buscar no próprio estoque peças faltantes ao cliente.

A matéria-prima e a manutenção de equipamentos (atividades realizadas conjuntamente) são facilmente entregues para todas as confecções sem custos adicionais de transporte ou qualquer outro complicador normalmente existente em grandes distâncias.

Os empresários do pólo de confecções de Itaperuna vêm na proximidade local, um fator importante para o desenvolvimento de suas atividades produtivas, deixando de ser considerado por eles, o importante

¹¹⁹ SANTOS, F., CROCCO, M., LEMOS, M.B., *Arranjos e Sistemas Produtivos Locais em "Espaços Industriais" Periféricos – Estudo Comparativo de Dois Casos Brasileiros*. Rio de Janeiro, Revista Economia Contemporânea, dezembro de 2002.

papel desenvolvido pela proximidade geográfica, que é o fortalecimento da competitividade das empresas.

Para Porter¹²⁰ a concentração geográfica de empresas bem sucedidas, ocorre muitas vezes porque a influência dos determinantes individuais (da competitividade) e seu fortalecimento mútuo são intensificados pela proximidade geográfica em um país. A concentração de rivais, clientes e fornecedores promoverão eficiência e especialização. O mais importante, porém, é a influência da concentração geográfica na melhoria e inovação. O processo de agrupamento e o intercâmbio entre as indústrias dentro do grupo também funciona melhor quando estas estão concentradas. A proximidade leva ao conhecimento precoce dos desequilíbrios, necessidades ou limitações dentro do grupo, permitindo que sejam tratados e explorados. A proximidade, portanto, transforma as influências isoladas num verdadeiro sistema.

Para Crocco, Galinari, Santos, Lemos e Simões¹²¹, a proximidade física e cognitiva criaria condições para uma interação cooperativa. Através de redes horizontais, as firmas poderiam, coletivamente, atingir economias de escala acima da capacidade individual de cada empresa; realizar compras conjuntas de insumos; atingir uma escala ótima no uso da maquinaria (notadamente, equipamentos especializados); realizar marketing conjunto; e combinar suas capacidades de produção para atender pedidos de grande escala⁴. Através de redes verticais, por outro lado, as firmas poderiam especializar-se no seu core business e dar lugar a uma divisão externa do trabalho, mas interna ao local, através da interação entre usuários e produtores. Poderiam, também, reduzir os riscos associados à introdução de novos produtos e o tempo de transição da inovação entre o projeto e o mercado.

A proximidade local reforça a prática de cooperação e interação entre as empresas, permitindo que elas aprimorem seu desenvolvimento, sua capacidade de concorrência, trazendo com isso, externalidades positivas em função da comunicação entre os demais produtores locais.

¹²⁰ PORTER, M. apud FUINI, L.L., *A nova dimensão dos territórios: competitividade e Arranjos Produtivos Locais*. Rio Claro UNESP. Disponível em <<http://www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista/numero%207/eg0401lf.pdf>> Acesso em: 14 de fev. 2007.

¹²¹ CROCCO, M.A., GALINARI, R., SANTOS, F., LEMOS, M.B., SIMÕES, R., *Metodologia de Identificação de Arranjos Produtivos Locais Potenciais*. Minas Gerais, Grupo de pesquisas em Economia Regional e Urbana do CEDEPLAR-UFMG, 2002.

As empresas regionalmente próximas acarretam um forte facilitador a interação, já que normalmente os empresários se conhecem e têm uma formação cultural comum, o que estreita os laços de confiança e a prática de atividades cooperativas.

Para Palhano¹²², a aglomeração é percebida como um mecanismo de base que aglutina uma significativa quantidade de capital e trabalho circunscritos em um espaço geográfico.

A proximidade geográfica é analisada por Becattini¹²³ como um fenômeno da localização em que tem que se levar em conta sua evolução histórica, ou seja, quanto às firmas que lá se estabelecem, cada uma é dotada de uma história particular, contribuindo para que se constitua uma forte assimetria entre os arranjos, tanto no que se refere ao número de empresas quanto ao tamanho delas. Contudo, a importância do local não deve tirar de maneira nenhuma a importância das relações com o meio externo dos arranjos. De outra maneira, por mais que o arranjo possa ter uma dinâmica econômica em torno de seu próprio centro gravitacional, são as relações de troca com o mercado que possibilitam a realização de suas mercadorias.

A proximidade geográfica é outra característica dos arranjos produtivos locais, vigente no setor de confecções de Itaperuna. A localização regional permite as confecções à interação necessária para inovar e aprimorar a sinergia em suas atividades de produção, assim como buscar sanar as possíveis deficiências existentes que venham a impedir o crescimento do setor.

5.3 - MICRO E PEQUENAS EMPRESAS NO SETOR DE CONFECÇÕES DE ITAPERUNA

As empresas de pequeno porte vêm cada vez mais tomando espaços no mercado contemporâneo. O que chama mais a atenção dos economistas é o potencial de geração de renda, mesmo diante de situações adversas como dificuldades de crédito e incentivos públicos. Outro fator que aguça a pesquisa

¹²² PALHANO, A. *Arranjo Produtivo Coureiro-Calçadista de Campina Grande/PB*. Rio de Janeiro, UFRJ setembro de 2000. (Dissertação de Mestrado).

¹²³ BECATTINI, G. apud *Arranjo Produtivo Coureiro-Calçadista de Campina Grande/PB*. Rio de Janeiro, UFRJ setembro de 2000. (Dissertação de Mestrado).

dos especialistas é a capacidade de geração de empregos que estes pequenos empreendimentos possuem.

Para La Rovere¹²⁴ no pós-fordismo, esta atenção se intensifica à medida em que os atributos de flexibilidade e rapidez de adaptação às demandas do mercado características de muitas MPMEs¹²⁵ são valorizadas.

Segundo estimativas do SEBRAE¹²⁶, há cerca de três milhões e meio de MPMEs no Brasil, das quais 1,9 milhões são microempresas. As estatísticas sobre constituição de firmas individuais nos últimos dez anos permitem estimar também que pelo menos a metade das empresas registradas no Brasil são de pequeno porte.

Palhano¹²⁷ afirma que um ponto que reforça a revitalização das MPMEs frente às grandes firmas é justamente na problemática da geração de emprego. Decerto, pode-se observar, ao longo das últimas duas décadas, um aumento do desemprego, sobretudo por causas estruturais, na quase totalidade dos países capitalistas do mundo, e este crescimento do desemprego se deu de forma muito mais virulenta nas grandes empresas. Mesmo em países onde se observou uma redução do emprego em todos os setores, as MPMEs tiveram uma queda do emprego muito menor proporcionalmente às grandes.

Segundo Williamson¹²⁸ as grandes empresas de tipo fordista reorganizaram consideravelmente as suas estruturas de gestão ao longo das duas últimas décadas, descentralizando mais a produção e reduzindo a dimensão das unidades econômicas que compõe, por exemplo, os conglomerados.

As dificuldades encontradas pelas pequenas empresas são muitas no mercado moderno, entre elas estão às limitações de desempenho proporcionadas por ausência de capital necessário, máquinas obsoletas, administração inadequada ou despreparada e problemas de comercialização de produtos em novos mercados. Além de tudo isto, a dificuldade em competir

¹²⁴ ROVERE, L.L., Perspectiva das micro, pequenas e médias empresas no Brasil. Rio de Janeiro – Instituto de Economia da UFRJ, 2002.

¹²⁵ Abreviatura comum na literatura competente que significa: micro, pequenas e médias empresas.

¹²⁶ Estimativas do SEBRAE apud ROVERE, L.L., Perspectiva das micro, pequenas e médias empresas no Brasil. Rio de Janeiro – Instituto de Economia da UFRJ, 2002.

¹²⁷ PALHANO, A *op.cit.*

com os grandes empreendimentos, dotados de maquinário especializado, mão-de-obra qualificada, crédito, administração capacitada e experiência de comercialização de produtos em novos mercados.

O pouco investimento em inovação e potencial tecnológico faz com que estas empresas percam potencial produtivo diante das grandes empresas que investem maciçamente em P&D¹²⁹. Uma das razões que justificam o pouco investimento das empresas de pequeno porte em inovação se dá pelos altos riscos das atividades inovadoras diante das dificuldades existentes para obtenção de créditos.

A administração, o potencial gerencial é muitas vezes precário, já que boa parte destas empresas se configuram familiares, com isso, o critério para ocupar o cargo de gerência, muitas vezes não é a competência ou experiência no ramo. O horizonte de planejamento destes pequenos empreendimentos normalmente é de curto prazo, já que os proprietários acumulam uma série de obrigações administrativas que os impossibilitam definirem estratégias e diretrizes de longo prazo.

Crocco, Galinari, Santos e Lemos¹³⁰ vêem na formação de arranjos um facilitador para sobrevivência dos pequenos negócios, pois afirmam que a predominância de PMEs¹³¹ nestes ambientes locais, organizados industrialmente como sistemas produtivos, explica por que, nos últimos anos, a literatura da economia industrial sobre PMEs vem incorporando, principalmente numa perspectiva de redes, a dimensão da proximidade geográfica como um elemento de competitividade e sobrevivência destas empresas de menor porte.

No que se refere à formação de arranjos, Crocco, Galinari, Santos, Lemos e Simões¹³² relatam que mesmo em suas formas mais “incompletas”, os arranjos produtivos possuem impactos significativos sobre o desempenho das firmas, notadamente pequenas e médias, e na geração de empregos. Por isso, os arranjos produtivos têm sido considerados uma importante forma de promover o desenvolvimento econômico. Daí a importância de se desenvolver

¹²⁸ Willianson, O.E. apud PALHANO, A. *Arranjo Produtivo Coureiro-Calçadista de Campina Grande/PB*. Rio de Janeiro, UFRJ setembro de 2000. (Dissertação de Mestrado).

¹²⁹ Abreviatura utilizada na bibliografia competente que significa pesquisa e desenvolvimento.

¹³⁰ SANTOS, F., CROCCO, M., LEMOS, M.B., *op.cit.*

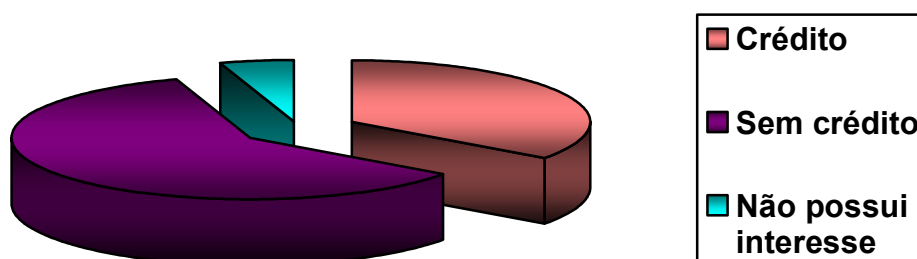
¹³¹ Abreviatura utilizada pela bibliografia competente que significa pequenas e médias empresas.

¹³² CROCCO, M.A., GALINARI, R., SANTOS, F., LEMOS, M.B., SIMÕES, R., *op.cit.*

metodologias que ajudem os gestores de políticas de desenvolvimento a identificarem o surgimento destes arranjos.

As confecções itaperunenses, como todas as empresas de pequeno porte, deparam-se com uma série de complicadores ao seu desenvolvimento. O principal é a dificuldade em encontrar crédito para ampliação e inovação de seus negócios. Com as entrevistas realizadas e expostas no diagnóstico setorial, a dificuldade em alcançar créditos é grande, dificultando ainda mais o aprimoramento do setor de lingerie noite, como mostra o gráfico 6.

Gráfico 6: Acesso das confecções a crédito



Fonte: Diagnóstico Setorial

Segundo dados do diagnóstico setorial foram identificados 1.216 funcionários registrados e próprios, o que representa em média 7,3 empregados por empresa. Estas empresas também apresentaram a geração de 467 postos de trabalho terceirizados, com média de 2,8 por empresa. Estima-se que a geração de empregos indiretos seja na ordem de 3.600 postos.

O setor de confecções de Itaperuna é composto basicamente por empresas familiares, em que os proprietários normalmente são os responsáveis pela administração o que conseqüentemente permite um acúmulo de tarefas administrativas, dificultando projetos a longo prazo que

permitiriam um melhor desenvolvimento das pequenas empresas.

Um fator que torna as confecções itaperunenses ainda mais competitivas é a diferença da mercadoria produzida com relação aos grandes pólos do mercado estadual. Diferentemente de Nova Friburgo que produz lingerie dia (roupa íntima), um pólo bem mais estruturado que alcançou mercados internacionais, as confecções de Itaperuna, produzem lingerie noite (roupa de dormir). Com isso, não há concorrentes diretos especializados em lingerie noite em outras regiões do Estado do Rio de Janeiro, o que facilita e muito para que as pequenas empresas de confecções itaperunenses ampliem seus mercados.

5.4 - CARACTERIZAÇÃO DO SETOR DE CONFECÇÕES DE ITAPERUNA COMO ARRANJO PRODUTIVO LOCAL

Diante dos estudos realizados na bibliografia industrial moderna, assim como as pesquisas realizadas com os empresários do setor de confecções de Itaperuna, foi possível configurar o pólo de confecções de Itaperuna como um arranjo produtivo local.

Esta caracterização enquanto arranjo produtivo local foi baseada em três fortes características da bibliografia competente encontradas no campo pesquisado, que são: a relação de cooperação e concorrência, a proximidade geográfica das empresas e o pequeno porte do empreendimentos.

Para Peixoto¹³³, a formação de arranjos produtivos locais encontra-se geralmente associada a trajetórias históricas de construção de identidades e de formação de vínculos territoriais (regionais ou locais), a partir de uma base social, cultural, política e econômica comum. São mais propícios a se desenvolverem em ambientes de interação, cooperação e confiança entre os atores. Estes vínculos territoriais muitas vezes estão ligados à proximidade geográfica, levando ao compartilhamento de visões e valores econômicos, sociais e culturais, constituindo uma fonte de dinamismo local, bem como de diversidades e vantagens competitivas entre elas e outras regiões.

A dinâmica industrial do arranjo é dada principalmente pelas micro,

pequenas e médias empresas, sobretudo as micro e pequenas empresas. Ou seja, apesar da importância da grande empresa na geração de emprego e renda, esta não funciona como empresa âncora, não possuindo relações de subcontratação com as outras firmas do arranjo. As confecções são especializadas na produção de lingerie noite não possuindo relações comerciais com as MPMEs do arranjo. A estrutura das confecções é portanto caracterizada pelo baixo grau de concentração da indústria e pela produção de bens tradicionais com baixa complexidade tecnológica. Essa desconcentração existe face à presença de muitos microempreendimentos, sobretudo informais, traço marcante nas indústrias têxteis.

O Sebrae¹³⁴ define APL como aglomerações de empresas localizadas em um mesmo território, que apresentam especialização produtiva e mantêm algum vínculo de articulação, interação, cooperação e aprendizagem entre si e com outros atores locais tais como governo, associações empresariais, instituições de crédito, ensino e pesquisa.

O setor de confecções de Itaperuna possui relações de cooperação e competitividade o que o configura como arranjo produtivo local, já que apesar de atividades cooperativas até mesmo de caráter horizontal, as pequenas empresas não abandonam o clima de competitividade entre elas.

No que diz respeito à proximidade geográfica, o setor de confecções se enquadra perfeitamente, já que as empresas situam-se muito próximas, o que facilita a relação de cooperação entre as mesmas.

Quanto à realidade de pequenas empresas, configura a totalidade das confecções itaperunenses, pois, tratam-se em sua maioria de empreendimentos familiares que buscam através das relações de interação vencer os obstáculos encontrados por empresas de pequeno porte nos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento.

A caracterização do pólo de confecções em Itaperuna foi possível devido ao Diagnóstico Setorial que permitiu visualizar o cotidiano das confecções, assim como, suas deficiências e potencialidades enquanto produtores de lingerie noite.

¹³³ PEIXOTO, F. J. M. *op. cit.*

¹³⁴ SEBRAE – RJ Disponível em:

<http://www.sebrae.com.br/br/cooperecrescer/arranjosprodutivoslocais.asp>. Acesso em: 16 de fev. 2007.

Respaldado nos conceitos da literatura industrial, mesmo havendo uma proximidade muito grande de conceitos por parte dos autores especializados, buscou-se analisar as características do campo pesquisado, o que permitiu que os fortes indícios das práticas exercidas pelo setor de confecções se enquadrassem corretamente nas características de arranjo produtivo local.

Diante de uma série de conceitos estudados e analisados, foi possível a identificação do setor mediante a uma minuciosa análise das atividades realizadas no setor, suas reais dificuldades e principalmente da superação das resistências encontradas por muitos confeccionistas em relatar determinados fatos do cotidiano de suas empresas.

* * *

Neste capítulo realizou-se uma síntese deste trabalho de pesquisa, no qual se convergiram analiticamente os dados empíricos com o aporte teórico existente na literatura, revisitada.

Doravante, na próxima seção, delinearemos as conclusões, a que se chegou e a análise realizada, e também, alinhavando questões futuras sobre a temática em foco.

CONCLUSÃO

Este estudo iniciou-se com uma abordagem das transformações na economia mundial, o que permitiu a análise da transição do fordismo para o pós-fordismo, assim como o surgimento de novas formas espaciais de aglomerações industriais.

A transição existente do fordismo para o pós-fordismo, possibilitou vislumbrar as intensas mudanças sofridas pela economia no mundo, pois as novas condições que emergiram a partir da crise do fordismo têm sido agrupadas sob o conceito de pós-fordismo. Os aspectos mais decisivos têm sido o aumento da flexibilidade em escala global, a mobilidade de capital e a liberdade para colonizar e mercantilizar praticamente todas as esferas, destruindo-se as fronteiras sociais e espaciais relativamente fixas e gerando-se uma descentralização da produção.

Com todas as mudanças e o com crescimento econômico no período pós-fordista a industrialização teve mudanças significativas em seu panorama. Os surgimentos das formas espaciais de aglomerações industriais trouxeram maior competitividade aos mercados, assim como, um cenário repleto de pequenos empreendimentos. Foi possível concluir que se tratava de pequenos negócios, geograficamente próximos em que empresários de menor porte poderiam conviver em ambiente de cooperação entre si, podendo com isso, ampliar suas indústrias e concorrer com grandes empresas no mercado.

As análises realizadas sobre a importância da proximidade geográfica de pequenas empresas resultaram na verificação de várias tipologias de sistemas locais de produção na literatura, visto que, cada uma delas possui suas características peculiares, mas em comum a proximidade espacial entre os empreendimentos.

Os distritos industriais marshallianos dizem respeito a tipos de sistemas

locais de produção, em que foi possível concluir a influência de heranças institucionais de uma economia baseada na agricultura, no comportamento dos aglomerados locais. Foi possível detectar que os distritos são iniciativas locais que podem ser cruciais para o desenvolvimento, pois se tornam importantes fatores de competitividade ao fazerem dos territórios ambientes inovadores, já que a interação entre os agentes locais é fator predominante neste tipo de sistema local de produção.

O tipo de aglomeração local fundamental neste estudo foram os Arranjos Produtivos Locais, em que foi possível detectar suas características no campo pesquisado. Os arranjos produtivos são aglomerações locais compostas por empresas de pequeno porte, algumas até informais, que possuem entre si um grau de cooperação em suas atividades, mas sem deixar de lado a competitividade existente entre elas. Trata-se de um recorte geográfico, em que foi possível verificar a presença considerável de pequenos negócios dispostos a sobreviver no mercado, passíveis de integração econômica e social no âmbito local, o que os possibilita competir com pequenos e grandes empreendimentos. A informalidade muitas vezes detectada no decorrer das pesquisas de arranjos produtivos locais na literatura, também se deu pelo fato de fazer parte do cenário das pequenas empresas, em que suas realidades se deparam com as barreiras de financiamento, assim como grandes dificuldades em se formalizar no mercado.

Concluiu-se que embora as baixas barreiras à entrada possam resultar em crescimento no número de firmas e no desenvolvimento de instituições de apoio dentro do arranjo, isto não reflete, em geral, uma dinâmica positiva, como nos casos de uma progressão da capacidade de gestão; de investimentos em novas tecnologias de processo; de melhoramento da qualidade do produto; de diversificação de produtos; ou de direcionamento de parte da produção para exportações. As formas de coordenação e o estabelecimento de redes e ligações inter-firmas são pouco evoluídas, sendo que predomina competição predatória, baixo nível de confiança entre os agentes e informações pouco compartilhadas. Realidade distinta de muitos dos APLs compostos por pequenas empresas formalizadas, que possuem melhores concessões, desenvolvimento tecnológico, confiança entre os agentes, e potencial competitivo devido a constantes inovações propiciadas pela interação entre os

membros do arranjo.

A busca por inovação é uma das características detectadas nas pesquisas realizadas nos arranjos produtivos locais, em que foi possível perceber a preocupação existente com a capacitação e desenvolvimento, sem deixar de relatar a dificuldade encontrada por estes empreendedores, em função do potencial financeiro reduzido, da dificuldade de financiamentos e outros complicadores vigentes no cenário das pequenas empresas. Fatores como qualificação de mão-de-obra, incorporação de novas tecnologias de produto e de processo e métodos de gestão, são metas constantes a serem alcançadas e aprimoradas por pequenas empresas que compõem arranjos produtivos locais.

A concentração geográfica permite aos arranjos produtivos ganhos mútuos e operações mais produtivas. Entre os aspectos que devem ser observados, destaca-se o papel de autoridades ou instituições locais para a organização e a coordenação das empresas, pois apenas um grupamento de empresas não é suficiente para ganhos coletivos.

A competitividade permitiu as empresas uma expansão global do mercado, caracterizada pela liberação e volatilização das atividades comerciais. E é dentro deste contexto de amplitude comercial que se dá outro tipo de sistemas locais de produção, o cluster industrial.

O conceito de clusters industriais refere-se à emergência de uma concentração geográfica e setorial de empresas, a partir da qual são geradas externalidades produtivas e tecnológicas, enfim, clusters tratam-se de sistemas locais de produção que vivem da exploração das competências locais, tirando destas, fatores necessários para o aumento de sua capacidade competitiva no mercado, assim como, evolução contínua dos meios de produção. Através desta exploração das potencialidades locais é possível detectar uma vantagem competitiva considerável, fruto da relação harmoniosa entre cooperação e competitividade entre os próprios agentes que compõem os aglomerados.

A crescente importância atribuída pela literatura econômica à análise dos clusters industriais reflete também o reconhecimento de que a análise setorial tradicional não dá conta de uma série de fenômenos crescentemente importantes na dinâmica industrial. A ênfase nesse tipo de aglomerado oferece uma alternativa em relação ao enfoque setorial tradicional, na medida em que

incorpora uma série de fatores relacionados a mudanças nas condições de rivalidade entre firmas e permite captar uma série de elementos estruturais e sistêmicos que afetam a competitividade dos agentes.

A interdependência existente entre os agentes deste sistema local de produção, permite aos clusters uma atmosfera de contínua complementaridade, em que o fator interação é indispensável para o desenvolvimento competitivo no mercado contemporâneo.

As recentes transformações na economia brasileira têm proporcionado um *solo fértil* para tais sistemas de produção, já que a reestruturação produtiva do setor industrial ocorrido na década de 90 tem gerado importantes desdobramentos sobre as articulações entre agentes no interior das cadeias produtivas e sobre o padrão de localização espacial das atividades industriais. O Brasil possui clusters em várias regiões caracterizados por pequenos negócios que vêm desenvolvendo suas potencialidades no mercado. Ainda é uma realidade distinta dos clusters internacionais como na Europa (Terceira Itália) e outros, que se destacam pela excelência destes sistemas de produção em relação às grandes empresas do mercado mundial.

Se faz necessária uma análise criteriosa da indústria têxtil brasileira, já que se trata do campo estudado por este trabalho. Foi possível concluir nas pesquisas realizadas uma forte mudança no cenário têxtil brasileiro, visto que o desenvolvimento do setor tomou proporções consideráveis para economia do país. Nas décadas de 80 e 90 a indústria têxtil brasileira sofreu uma mudança em seu cenário, pois com a queda das vendas para o mercado interno, que se tratava de seu principal mercado, as indústrias tiveram que adotar políticas de exportação, direcionando seus produtos ao mercado externo na busca de compensar a escassez encontrada no mercado nacional.

Um fator que chamou atenção nas pesquisas realizadas no parque têxtil brasileiro foi à heterogeneidade das indústrias que o compõem, no que se refere ao porte, ao nível tecnológico e a diversidade de produtos, sem falar no potencial de geração de emprego e renda que tais empreendimentos proporcionam.

Diante de um mercado mais competitivo e com mercado interno pouco dinâmico (com retrações freqüentes), houve, desde meados da década de 1990, forte concentração da produção, especialmente nos segmentos de fiação

e tecelagem, com redução expressiva no número de empresas, principalmente pequenas e médias, que têm maiores dificuldades e fragilidades financeiras para se modernizarem e se manterem ativas, uma situação que deve muito ao alto custo do capital e à restrição de crédito no país. Com o objetivo de minimizar tais dificuldades que muitas empresas se unem em sistemas locais de produção, buscando sua sobrevivência e potencial competitivo no mercado.

O campo pesquisado comunga de mesma realidade, pois tratam-se de confecções de pequeno porte situadas no município de Itaperuna na Região Noroeste Fluminense do Estado do Rio de Janeiro que possui uma média de 91.000 habitantes. As dificuldades e barreiras encontradas por estes empreendimentos são realidade freqüente a todas as pequenas empresas do país, não somente no setor têxtil.

As confecções itaperunenses são localizadas em uma mesma rua na cidade, em que os estudos realizados permitiram concluir que tal posicionamento geográfico se dava pela facilidade de comunicação entre os pequenos empresários.

A resistência em relatar as atividades de interação realizadas entre eles foi um complicador na pesquisa, pois o objetivo era detectar se havia algum tipo de sistema local de produção nas confecções itaperunenses. O fator interação era essencial para que fosse possível a verificação das práticas utilizadas por eles no decorrer do processo produtivo.

Com o auxílio do SEBRAE foi possível obter acesso a um diagnóstico setorial destas confecções, desenvolvido pelo SENAI-RJ, em que o item parcerias fazia questionamentos isolados sobre possíveis práticas de interação, como compra conjunta de matéria-prima, transporte, equipamentos e outros.

Foi possível concluir que as dificuldades encontradas em relatar suas atividades de interação se davam pela mentalidade provinciana de muitos empresários, já que para eles a interação e competitividade são incompatíveis a princípio. Mas o diagnóstico, onde os confeccionistas puderam responder com tempo, analisando isoladamente cada questionamento, foi possível detectar o contrário, já que é visível a interação entre os agentes das confecções de Itaperuna sem deixar de lado a competitividade existente entre eles.

O que eles buscavam enfatizar a todo tempo, é que não eram parceiros,

pelo contrário, concorrentes. Suas atividades produtivas, no desenvolver da pesquisa, mostram uma realidade de arranjos produtivos locais, pois se caracterizam exatamente pela interação entre os agentes sem abandonar o cenário de competitividade entre os mesmos.

É perceptível que as atividades realizadas conjuntamente pelas confecções itaperunenses, tratam-se de uma forma de sobrevivência diante das dificuldades encontradas pelos pequenos empreendimentos em sobreviver e se manter em um mercado tão competitivo, composto por empresas de grande porte com alto potencial produtivo e tecnológico. Esta busca por união entre os agentes visando sobrevivência é uma característica marcante dos arranjos produtivos locais.

Outra característica predominante nos arranjos produtivos locais é exatamente a proximidade geográfica como facilitador das atividades praticadas conjuntamente pelas confecções. Em que fornecedores, distribuidores, técnicos de manutenção de equipamentos e clientes têm o mesmo “endereço”, o pólo de confecções do município de Itaperuna, em que a proximidade geográfica é tamanha, onde quase a totalidade as empresas do setor de confecções concentram-se em uma única rua da cidade.

A informalidade de muitas confecções também traduz uma realidade de muitos arranjos produtivos locais, já que em sua grande maioria, são formados por pequenas empresas que encontram grandes dificuldades para sua formalização no mercado.

Através da literatura competente, dos estudos realizados na região e principalmente nas confecções de Itaperuna, foi possível identificar características que deram subsídios para a configuração do pólo de confecções pesquisado como arranjo produtivo local. Fatores como proximidade local e interação de suas atividades, como objetivo de sobrevivência no mercado, foram cruciais para esta classificação.

A proximidade dos conceitos encontrados na literatura dificultou a identificação do pólo de confecções de Itaperuna, mas através de intensas pesquisas em bibliografias competentes, artigos, outras aglomerações já caracterizadas como arranjos produtivos e no campo pesquisado, foi possível a verificação respaldada de tal caracterização.

É certo que este estudo não esgota a temática estudada, embora seja

pioneiro. Todavia ressaltamos o fato de que este é apenas um começo, através do qual, muitas pesquisas poderão vir a se apoiar e desenvolver novas questões e, até mesmo, propor novas alternativas e modelos para a região.

BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVAY, M , 1996 apud VEIGA, J.L., ***A face territorial do desenvolvimento***. São Paulo, Revista Internacional de Desenvolvimento Local, vol 3, nº 5, set. 2002.

AMORIM, M.A., ***Promoção de Clusters e Aglomerações de Pequenas e Médias Empresas — Idéias para Difundir e Fortalecer a Industrialização no Estado do Ceará***. Fortaleza, CE, Mimeo.1998.

AMORIM, M.A.; MOREIRA, M.V.A.; IPIRANGA, A.S.R., ***A construção de uma metodologia de atuação dos arranjos produtivos locais no Estado do Ceará: Um enfoque na formação e no fortalecimento do capital social e da governança***.Ceará, UFC — Universidade federal do Ceará, 2005.

BAPTISTA, C. ***Distritos flexíveis e desenvolvimento endógeno: Uma abordagem “marshalliana”***. Disponível em:
<<http://www.geocities.com/statprof/distrit.html>> Acesso em 20.10.2006.

BONANNO, A. ***A globalização da economia e da sociedade: fordismo e pós-fordismo no setor agroalimentar,1998***. Disponível em:
<<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/pernambuco/05.doc>>. Acesso em: 15.11.06.

BRITTO, J. ***Technolical diversity and industrial networks: an analysis of the modus operandi of co-operative arrangements***. SPRU Eletronic Working Papers Series (Sewp) no 4, SPRUUniversity of Sussex, janeiro 1998.

BRITTO, J. ***Características estruturais e modus operandi das redes de firmas em condições de diversidade tecnológica***, Tese de Doutorado, IE-UFRJ, 1999.

BRITTO, J . ***Características estruturais dos clusters industriais na economia brasileira - Projeto de Pesquisa Arranjos e Sistemas Produtivos Locais e as Novas Políticas de Desenvolvimento Industrial e Tecnológico*** – UFF Rio de Janeiro, jun, 2000.

CARDOSO, L.A. ***Après-fordisme et participation***. Lille, Septentrion, 2002;

CARVALHO, M. M, ***Relações entre empresas, competências coletivas e tipos de governança em clusters de alta tecnologia no Estado de São Paulo***. Revista Textília, São Paulo, p. 4 - 10, 20 jul. 2001.

CASSIOLATO, J. E. , Szapiro, M. ***Uma caracterização dos arranjos produtivos locais de micro e pequenas empresas***. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2003.

CASSIOLATO, J.C.; LASTRES, H. M. M. ***O foco em arranjos produtivos e inovativos locais de micro e pequenas empresa***. Rio de Janeiro Redesit – IE – UFRJ, 2005

CASTELLS, M. ***A Sociedade em Rede***. São Paulo, Paz e Terra, 1999.

COUTINHO, L. FERRAZ, J.C. ***Estudo da competitividade da indústria brasileira***. Campinas, Editora UNICAMP, 1994, p.238.

CROCCO, M.A., GALINARI, R., SANTOS.F., LEMOS,M.B., SIMÕES, R., ***Metodologia de Identificação de Arranjos Produtivos Locais Potenciais***. Minas Gerais, Grupo de pesquisas em Economia Regional e Urbana do CEDEPLAR-UFMG, 2002.

ELAM, Mark. ***Puzzling out the Post-Fordist Debate: Techonology, Markets and Institutions***. In: Economic and industrial democracy, vol.11 no.1, 1990. pp.9-37.

Fundação CIDE – ***Centro de Informações e Dados do Rio de Janeiro***.

FUINI, L.L., ***A nova dimensão dos territórios: competitividade e Arranjos Produtivos Locais***. Rio Claro UNESP. Disponível em <<http://www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista/numero%207/eg0401lf.pdf>> Acesso em: 14 de fev. 2007.

FURTADO, J. ***Análise dos efeitos de cadeias de comercialização nos Estados Unidos para a competitividade das exportações brasileiras***. São Paulo, Ilmeo, set, 2003.

GARCIA, R. ***Elementos de um novo modelo de subcontratação na indústria têxtil.***Araraquara, UNESP.FCL Departamento de Economia, 1992.

GARCIA, R. ***Aglomerações setoriais e distritos industriais: um estudo das indústrias têxteis e calçados no Brasil.*** IE – UNICAMP. Campinas. (Dissertação de Mestrado). 1996, p.8 – 89.

GARCIA, R. em ***A indústria têxtil e do vestuário- Reestruturação produtiva, política industrial e contratações coletivas nos anos 90.*** Mimeo, mai,2000

GOUGH, Jamie. ***Where's the Value in 'Post-Fordism'?*** In: GILBERT, Nigel;BURROWS,Roger & POLLERT, Anna. *Fordism and Flexibility: Divisions and Change.* New York, St. Martin's Press, 1992.p31.

HAGUENAUER, L. ***Evolução das Cadeias Produtivas Brasileiras na Década de 90.*** Texto de discussão nº 786. IPEA, abr,2001.

HARVEY, David. ***A Condição Pós-Moderna.*** São Paulo, Loyola, 1992.

HIRATUKA, C., GARCIA, R. ***O impacto da abertura comercial sobre a indústria têxtil brasileira.***Campinas, Leitura de Economia Política, set,1995.

HOFFMANN, W.A.M.GREGOLIN,J.A.R.OPRIME,P.C. ***A contribuição da inteligência competitiva para o desenvolvimento de arranjos produtivos locais: o caso Jaú –SP.***São Paulo, Universidade de São Carlos, 2004.

HOWELLS, J. ***“Tacit Knowledge, Innovation and Economic Geography”***. In: Urban Studies, 39 p. 871-874. Maio, 2002.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – ***Departamento de Contas Nacionais.***

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – ***Complexo Itaperuna-RJ.***

IEL, CNA e SEBRAE, ***Análise da eficiência econômica e da competitividade da cadeia têxtil brasileira / IEL, CNA e SEBRAE*** - Brasília, D.F.: IEL, 2000. 480p.

IEMI – ***Instituto de Estudos e Marketing Industrial S/C Ltda. Relatório Setorial da Indústria Têxtil Brasileira.*** São Paulo, Brasil Têxtil, 2002.

IGLIORI, D.C. ***Economia dos clusters industriais e desenvolvimento.*** São Paulo, Iglu, 2001, p.25.

LEMOS, C. ROVERE, R.L.L. ***Perspectivas das micro, pequenas e médias empresas no Brasil.*** Grupo de Economia e Inovação – Instituto de Economia da UFRJ, Rio de Janeiro, 2003.

LIMA, J.C. ***As artimanhas da flexibilização: o trabalho terceirizado em***

cooperativas de produção. São Paulo Terceira Margem, 2002.

LUPATINI, M. **Relatório setorial preliminar – setor têxtil e vestuário.** São Paulo, FINEP, 2004.

MAGNOLI, D. ARAÚJO, R **Projeto de ensino de geografia, natureza, tecnologia, sociedades** – Geografia Geral São Paulo, Moderna, 2000.

MARCUM, J. , 1992 **Características estruturais dos clusters industriais na economia brasileira - Projeto de Pesquisa Arranjos e Sistemas Produtivos Locais e as Novas Políticas de Desenvolvimento Industrial e Tecnológico** – UFF , Rio de Janeiro, jun, 2000.

MASSUDA, E.M. **Transformações recentes da indústria brasileira.** Maringá, Acta Scientiarum, 2002.

MIRANDA, J.C. Abertura Comercial, **Reestruturação Industrial e Exportações Brasileiras na Década de 90.** Texto de discussão nº829, Brasília, IPEA, out, 2001.

MYTELKA, L. K. E FARINELLI, F. **Local Clusters, innovation systems and sustained competitiveness.** In: Arranjos e Sistemas Produtivos Locais e as Novas Políticas de Desenvolvimento Industrial e Tecnológico. Rio de Janeiro: Instituto de Economia/UFRJ, 2000.

OCDE. **What Future for Our Countryside?** Paris, A Rural Development Policy, 1993.

PALHANO, A. ***Arranjo Produtivo Coureiro-Calçadista de Campina Grande/PB.*** Rio de Janeiro, UFRJ setembro de 2000. (Dissertação de Mestrado).

PEIXOTO, F.J.M. ***O local e os sistemas de inovação em países subdesenvolvidos: o caso do arranjo produtivo e moda praia de Cabo Frio/ RJ.*** Rio de Janeiro UFRJ, Dissertação de Mestrado, 2004,p.41-108.

PORTER, M. ***Competição - on competation: estratégias competitivas essenciais.*** Rio de Janeiro, Editora Campus, 1999.

PUGA, F.P. ***Experiências de apoio às micro, pequenas e médias empresas nos Estados Unidos, na Itália e em Taiwan.*** Rio de Janeiro, fev. 2000.

RAIS – ***Relação Anual de Informações Sociais.*** Disponível em : <<http://www.rais.gov.br>> Acesso em: 14 de jan. 2007

Revista Manequim ***Lingerie*** Disponível em
<http://manequim.abril.com.br/edicoes/551/xtramoda/conteudo_102459.shtml
>Acesso em: 01 de fev. 2007.

SANTOS,A.M.M., GUARNERI, L.S., ***Características gerais do apoio a Arranjos Produtivos Locais.*** Rio de Janeiro,BNDES Setorial, n.12 2000, p.201.

SANTOS, F., CROCCO, M., LEMOS, M. B., **Arranjos e Sistemas Produtivos Locais em “Espaços Industriais” Periféricos – Estudo Comparativo de Dois Casos Brasileiros.** *Rio de Janeiro*, Revista Economia Contemporânea, dezembro de 2002.

SEBRAE – RJ Disponível em:
<<http://www.sebrae.com.br/br/cooperecrescer/arranjosprodutivoslocais.asp>>.
Acesso em: 16 de fev. 2007.

SEBRAE RJ – Complexo Itaperuna.

SUZIGAN, W.; FURTADO, J.; GARCIA, R.; SAMPAIO, S.E.K, **Inovação e Conhecimento: Indicadores Regionalizados e aplicação a São Paulo.** Campinas, Revista Economia Contemporânea, abr. 2006.

Tendler, J. & Amorim, M.A. , **Small Firms and their Helpers - Lessons on Demand.** In World Development, vol. 24, nº 3.,1996, Humphrey, J, Industrial Organization and Manufacturing Competitiveness in Developing Countries. In World Development, Special Issue, Vol. 23, nº 1,1995

THIOLLENT, M. **Pesquisa e extensão para o desenvolvimento tecnológico em contexto local**,In: Anais da III Conferência Interamericana de Educação em Engenharia e Tecnologia, Rio de Janeiro,1994.

Tribunal de Contas do Estado do Rio de Janeiro – **Secretaria Geral de Planejamento – Estudo Socioeconômico 2005.**

Tribuna Noroeste/ Política e Geral. Reportagem exibida em out 2006.

VEIGA, J.L., ***A face territorial do desenvolvimento.*** São Paulo, Revista Internacional de Desenvolvimento Local, vol 3, nº 5, set. 2002.

ANEXOS

**MODELO DO DIAGNÓSTICO
SETORIAL DAS CONFECÇÕES
DE ITAPERUNA — RJ**

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)